

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**A FORMAÇÃO DE UMA  
COMUNIDADE DE LEITORES**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Samariene Lúcia Lopes Pillon**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2007**

# **A FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE LEITORES**

**por**

**Samariene Lúcia Lopes Pillon**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do  
Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em  
Estudos Lingüísticos, da Universidade Federal de Santa Maria  
(UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Letras**

**Orientador: Prof. Dr. Nina Célia Almeida de Barros**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**A FORMAÇÃO DE UMA  
COMUNIDADE DE LEITORES**

elaborada por

**Samariene Lúcia Lopes Pillon**

como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Mestre em Letras**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Prof.<sup>ª</sup> Dr. Nina Célia Almeida de Barros**  
**(Presidente - Orientadora)**

---

**Prof. Dr. Maria Eduarda Giering**

---

**Prof. Dr. Désirée Motta-Roth**

Santa Maria, 21 de agosto de 2007

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus

À minha família

À professora Nina

A todos os professores do PPGL

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal de Santa Maria

### A FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE LEITORES

AUTORA: SAMARIENE LÚCIA LOPES PILLON

ORIENTADOR: NINA CÉLIA ALMEIDA DE BARROS

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 21 de agosto de 2007.

Este trabalho tem como objetivo analisar a formação de uma comunidade de leitores, através da análise do artigo de opinião e das cartas produzidas em resposta a esses artigos. O *corpus* de estudo é composto de quatro colunas da revista *Veja* escritas por Diogo Mainardi e de onze cartas do leitor endereçadas ao escritor. A partir da noção de motivação, de Meurer (1997), a análise é realizada com base nos preceitos da teoria da valoração, de Martin & White (2005), e da noção de *ethos*, organizada por Amossy (2005). Com o estudo, acredita-se ser possível aplicar o conceito de *sistemas de gêneros*, de Bazerman (2005), que aponta uma seqüência regular formada por um texto-fonte (coluna) seguido de outros (“cartas a favor” e “cartas contra”). A teoria da valoração foi usada para avaliar a linguagem de cada texto, através do emprego de estratégias de *engajamento* e *atitude*, que são *graduadas*. Através dessas categorias, analisam-se sentimentos, reações emocionais, fazem-se julgamentos de valor, reconhecem-se vozes nas manifestações em torno de uma questão. Com a observação do sistema de gêneros formado por artigos de opinião e cartas do leitor, pretendemos verificar como ocorre o alinhamento dos leitores destes textos em comunidades de valor. O contexto de produção dos textos foi buscado a partir da noção de prática discursiva, de Fairclough (2001) e de contexto social, de Halliday (1989). No caso das marcas de avaliação atitudinal, pode-se observar um predomínio dos julgamentos, seguidos pelas apreciações e pelas manifestações de afeto, estas em menor número. Quanto à forma de graduar as manifestações avaliativas, verificou-se, nos artigos de opinião e nas cartas do leitor, que, na maioria das vezes, as opiniões são manifestadas com

alto grau de compromisso do produtor. Houve, quanto ao engajamento, um predomínio da heteroglossia, com a grande ocorrência de contração dialógica. A observação dos textos comprovou nossa hipótese da formação de uma comunidade de leitores, composta por pessoas que lêem por admiração, por outras que parecem estar curiosas, outras tantas que se sentem desafiadas, chocadas com as polêmicas que muitas vezes lhes causam estranhamento: todos leitores, seja para concordar, para discordar, seja para criticar. Com base nas observações feitas, acredita-se que o *ethos* construído por Diogo Mainardi em seus textos seria a motivação para a formação dessa comunidade.

Palavras-chave: avaliação, leitores, comunidade, *ethos*, carta do leitor

## **ABSTRACT**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal de Santa Maria

### **THE FORMATION OF A READERS' COMMUNITY**

AUTORA: SAMARIENE LÚCIA LOPES PILLON

ORIENTADOR: NINA CÉLIA ALMEIDA DE BARROS

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 21 de agosto de 2007.

This work has as objective to analyze the formation of a readers' community, through the analysis of an opinion article and the letters written in response to it. The *corpus* of the study consists of four Veja magazine columns written by Diogo Mainardi and of eleven readers' letters addressed to him as responses. Beginning with the definition of motivation, by Meurer (1997), the analysis takes place concerning the appraisal theory precepts, by Martin & White (2005), and also the *ethos* conception, organized by Amossy (2005). Throughout the study, there is a belief on the possibility of applying the systems of genres, by Bazerman (2005), which points out to a regular sequence generated by a source-text (column) followed by others (in favor and against letters). The appraisal theory has been used to evaluate the language of each text, through the application of engagement and attitude strategies which are graded. Based on these categories, feelings and emotional reactions are analyzed, value assessments are done, and voices can be recognized within the expressions around any given question. It is our purpose to check how the alignment of these readers takes place in value communities. To do so, the observation of the genres system is intended. The production framework of these texts has been established since the discursive practice definition, by Fairclough (2001) and also from a social background, by Halliday (1989). Concerning the attitude evaluation marks, a prevalence of assessments could be observed, followed by approval and affection manifestations, the latter in smaller number. To what concerns the means of grading the evaluative manifestations, a high level of

commitment by the writer has been verified in most of the opinion articles and reader's letters. Considering the engagement process, there has been a predominance of the heteroglossy, within a large occurrence of dialogic contraction. The observation of the texts has confirmed the formation of a readers' community hypothesis, arranged by people who read for admiration, others who seem to be curious, many others who feel challenged, shocked by polemic issues that many times cause awkwardness: all readers, as to show agreement or disagreement or to criticize. Based on the earlier observations, there is a tendency to believe that the *ethos* established by Diogo Mainardi in his texts could be the motivation to the formation of this community.

Key words: evaluation, readers, community, *ethos*, reader's letter



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Sistema semântico interpessoal .....	30
Figura 2- Panorama geral da teoria da valoração .....	31
Figura 3- Estratégias para inscrever atitude .....	37

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Julgamento de acordo com White .....	34
Quadro 2- Oposição entre taxas modais .....	42
Quadro 3- Gradação .....	45
Quadro 4- <i>Ethos</i> - ponto de equilíbrio .....	52
Quadro 5- Assuntos mais comentados da revista .....	57
Quadro 6- Circulação de algumas revistas semanais de informação .....	64
Quadro 7- Assunto principal das cartas .....	70
Quadro 8- Assunto principal das colunas .....	70

## LISTA DE ANEXOS

Anexo 1- Quadro-resumo da análise .....	110
Anexo 2- Colunas utilizadas na análise .....	111
Anexo 3- Cartas do leitor utilizadas na análise .....	116

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b> .....	04
<b>Resumo</b> .....	05
<b>Abstract</b> .....	07
<b>Lista de ilustrações</b> .....	09
<b>Lista de quadros</b> .....	10
<b>Lista de anexos</b> .....	11
<b>Sumário</b> .....	12
<b>Introdução</b> .....	14
<b>Capítulo 1: Referencial Teórico</b> .....	18
1.1 Texto, contexto e gênero .....	18
1.1.1 Os gêneros opinativos .....	23
1.1.1.1 Gênero coluna/artigo de opinião .....	23
1.1.1.2 Gênero carta do leitor .....	25
1.1.3 O contexto das cartas do leitor .....	27
1.2 Teoria da valoração .....	28
1.2.1 A valoração na Linguística Sistemico-Funcional (SFL) .....	29
1.2.2 Panorama geral da teoria da valoração .....	31
1.2.3 Atitude .....	32
1.2.3.1 Afeto .....	32
1.2.3.2 Julgamento .....	33
1.2.3.3 Apreciação .....	34
1.2.3.4 Marcas lingüísticas .....	35
1.2.3.5 Avaliações atitudinais indiretas .....	36
1.2.3.6 Considerações sobre a análise .....	37
1.3 Engajamento .....	38
1.3.1 Perspectiva dialógica .....	38
1.3.2 Valoração e a formação de uma comunidade de leitores .....	39
1.3.3 Refutar e declarar .....	40
1.3.4 Contração e expansão dialógica .....	42
1.3.5 Heteroglossia .....	43
1.3.6 Autoria externa .....	43

1.3.7 A relação escritor-leitor .....	44
1.4 Gradação .....	44
1.4.1 Foco .....	45
1.4.2 Força .....	46
1.4.2.1 Intensificação .....	46
1.4.2.2 Quantificação .....	47
1.5 Motivação e Ethos .....	48
1.5.1 Motivação .....	48
1.5.2 Ethos .....	49
1.5.2.1 <i>Ethos, logos, pathos</i> .....	53
1.5.2.2 Ethos e retórica .....	53
<b>Capítulo 2: Metodologia</b> .....	56
2.1 Constituição e seleção do corpus .....	56
2.2 Passos de análise .....	60
<b>Capítulo 3: Análise</b> .....	63
3.1 A prática discursiva .....	63
3.1.1 A revista Veja e seus leitores .....	63
3.1.2 O colunista Diogo Mainardi .....	65
3.1.2.1 Auto-retrato .....	66
3.1.2.2 Diogo Mainardi na Internet .....	68
3.1.3 Assunto das cartas e das colunas .....	70
3.2 A relação escritor-leitor: análise .....	70
3.2.1 Análise do grupo 1: Coluna 4- O pior é melhor (28-01-04) .....	71
3.2.2 Análise do grupo 2: Coluna 24- O diogomainardismo (16-06-2004) .....	78
3.2.3 Análise do grupo 3: Coluna 36- O irlandês ajudou (08-09-2004) .....	85
3.2.4 Análise da coluna “Meus queridos leitores” (14-04-04) .....	92
3.2.5 A comunidade de leitores .....	98
<b>Considerações Finais</b> .....	100
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	104
<b>Anexos</b> .....	109

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar cartas produzidas por uma comunidade de leitores, formada em torno de uma fonte específica: colunas escritas por um articulista que se tornou conhecido, na classe média brasileira, por suas opiniões polêmicas – Diogo Mainardi.

A partir da noção de motivação, de Meurer (1997), buscamos observar de que forma se dá a formação de comunidades de leitores. Um dos objetivos da pesquisa é identificar qual seria a motivação para a produção das cartas do leitor. Com base nos preceitos teóricos que embasam este estudo, pretendemos investigar de que forma se configuram estas manifestações, estando elas em concordância ou não com as opiniões veiculadas no texto que as motivou.

O trabalho com a formação de uma comunidade de leitores foi pensado a partir da análise de cartas do leitor feita por Martin & White, nos estudos da Teoria da Valoração, a qual afirma que existem “comunidades de sentimentos compartilhados<sup>1</sup>”. Para os pesquisadores (2005, p.5), as cartas muitas vezes constroem jogos de relações dialógicas, não só com o suposto destinatário (a revista) mas também com outros leitores que compartilham os sentimentos do escritor.

De acordo com Martin & White, algumas cartas demonstram os efeitos da escolha de um tipo de atitude (emoção) em lugar de outro, sendo que essa opção dá lugar a uma “*persona* discursiva particular<sup>2</sup>”. Os estudos também apontam para a natureza dialógica da avaliação, construindo relações de alinhamento e concordância entre o escritor, a revista e seu conjunto de leitores regulares (2005, p.6).

Capítulos de livro e dissertações já trataram do gênero *carta do leitor*, como Rystrom (1994), Bezerra (2002), Cabral (2002) e Fontanini (2002), entre outros. Tendo em vista contribuições como essas, decidimos estender o alcance do assunto, focalizando a formação de grupos que se interconectam através das cartas.

A idéia do trabalho com cartas surgiu de uma possível aplicação de um conceito de Bazerman (2005, p. 32), o de *sistemas de gêneros*, que compreende as “seqüências regulares com que um gênero segue outro gênero, dentro de um fluxo

---

<sup>1</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.5. Tradução minha. (community of shared feeling)

<sup>2</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.6. Tradução minha. (particular discursive persona)

comunicativo típico de um grupo de pessoas”. Transportando a concepção do autor para o caso que pretendemos descrever, teríamos uma seqüência regular formada por um texto-fonte (coluna) seguido de outros (“cartas a favor” e “cartas contra”) dentro de um fluxo típico de um grupo que responde à coluna em Veja e meios eletrônicos.

As perguntas norteadoras da pesquisa foram:

- Por que tantas pessoas escrevem semanalmente para a revista Veja comentando os artigos de Diogo Mainardi?
- De que forma a imagem de si mesmo (*ethos*) projetada nos textos do escritor-fonte influencia as respostas dos leitores?
- Como se organiza uma comunidade de leitores?
- Que estratégias de engajamento são empregadas pelos leitores para atacar ou defender as idéias do escritor-centro da comunidade?

Para responder a essas indagações, recorreremos primordialmente a uma área de estudos que se formou dentro dos domínios da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) – a Semântica Discursiva, que ampliou, com seus conceitos, as possibilidades de descrição das relações interpessoais efetuadas através dos textos.

Pesquisadores, especialmente da Escola Australiana, pensaram a Semântica Discursiva como uma área em que três dimensões se complementam: a *negociação*, que estuda aspectos interativos do discurso, o *envolvimento*, que trata das relações entre participantes, especialmente solidariedade, e a *valoração*, que destaca a linguagem avaliativa usada nas comunicações sociais. Dos três domínios da Semântica Discursiva, este trabalho irá centrar-se na *valoração*.

As categorias da valoração serão desenvolvidas com base com Martin & White (2005), que tiveram a língua inglesa como centro de seus estudos. Recorreremos igualmente a um artigo de White (2004), publicado em revista brasileira (enquanto a obra básica estava no prelo) e traduzido por Débora Figueiredo, o que nos deu suporte à correspondência inglês-português de alguns dos termos fundamentais da abordagem. A partir da teoria da valoração, buscamos compreender de que modo os valores avaliativos atuam nos textos. Apesar de utilizarmos um estudo feito na língua inglesa, acreditamos que os termos empregados para apontar os valores que estão sendo manifestados podem também ser utilizados na língua portuguesa.

Para avaliar a linguagem de um texto, a teoria da valoração inter-relaciona estratégias de *engajamento* e *atitude*, que vão ser *graduadas*, isto é, amplificadas ou reduzidas em sua força, dependendo dos propósitos e interesses das opiniões veiculadas nos textos dos diferentes grupos. Através dessas categorias, analisam-se sentimentos, reações emocionais, fazem-se julgamentos de valor, reconhecem-se vozes nas manifestações em torno de uma questão.

Através da análise do sistema de gêneros formado por artigos de opinião e cartas do leitor, pretendemos observar como ocorre o alinhamento dos leitores destes textos em comunidades de valor. Nessa perspectiva, Motta-Roth (2005, p.180) destaca, na área de Lingüística Aplicada, “o crescente interesse pelo estudo da linguagem usada em contextos específicos e seu papel constitutivo de papéis e relações sociais para alcançar determinados objetivos comunicativos”.

Para verificar de que forma os autores se mostram em seus textos, optamos pela utilização da noção de *ethos*, a partir da obra organizada por Amossy (2005). Esta noção trabalha com a idéia da construção de uma imagem de si mesmo no texto, através de opções feitas pelo produtor. Buscaremos observar, além da imagem que é construída no texto, a imagem que os leitores fazem do produtor, que pode ser manifestada, por exemplo, em uma carta do leitor.

A fim de verificar de que forma o autor se mostra em seu texto, buscamos, neste estudo, conhecer melhor os participantes da interação escritor-leitor. A partir da noção de prática discursiva, de Fairclough (2001) e de contexto social, de Halliday (1989), procuramos saber mais sobre a revista *Veja* e seus leitores, bem como sobre seu colaborador, Diogo Mainardi.

Na organização e delimitação do *corpus*, julgamos procedente tentar a ajuda da Lingüística de *Corpus* para facilitar a busca de determinados termos e seu ambiente de uso. A partir das listagens de recorrências de palavras, acreditamos ser melhor selecionar os termos e textos que constituirão exemplares significativos para a análise. Dessa forma, efetuamos, neste trabalho, a aplicação do modelo de linguagem avaliativa proposto por Martin & White, com o auxílio do programa computacional *TextSTAT*, de Matthias Hüning, na identificação das palavras e textos que constituirão o *corpus*.

Esta dissertação apresenta-se em três capítulos: no primeiro, revisamos os conceitos básicos da teoria da valoração e do conceito de *ethos* que vão dar suporte à análise da inter-relação entre os textos da comunidade de leitores. No segundo,



apresentamos a metodologia de abordagem textual, explicitando os aspectos dos modelos de *ethos*, engajamento, atitude e gradação que foram utilizados na observação das interações verbais. Será mostrada, igualmente, a forma como a lingüística de *corpus* foi utilizada como ferramenta para auxiliar na seleção dos dados a serem analisados nos textos. No terceiro, a análise é efetuada, seguida das conclusões finais do trabalho proposto.

Esse percurso apontou questões relacionadas a uma situação real de comunicação entre um veículo midiático e seus leitores. Esclarecemos que não é propósito deste trabalho verificar se as interações que ocorrem entre uma revista e seus leitores é verdadeira ou modificada pelas editorias, bem como não buscamos julgar ideologias que possam estar sendo apresentadas pela revista, pelas colunas ou cartas dos leitores. O que nos interessou é o material que o leitor tem à sua disposição na busca das informações do mundo que o cerca.

## CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, desenvolveremos o seguinte percurso: primeiramente, serão discutidos aspectos da relação de texto-contexto, com base em Halliday (1989). Em segundo lugar, serão levantadas algumas considerações a respeito de gênero, uma vez que tanto a coluna-fonte como as cartas-respostas enquadram-se nessa categoria. A ênfase será dada a Bakhtin (1992), considerado o introdutor dos estudos de gênero na lingüística. Finalmente, serão apresentados tópicos da Teoria da Valoração e da noção de *ethos*, que sustentam a análise da formação da comunidade de leitores.

### 1.1 Texto, contexto e gênero

O trabalho sobre a formação de comunidades de leitores através de textos está apoiado em idéias sobre relações entre texto e contexto explicitadas por Halliday (1989), que serviram como ponto de partida para posteriores desenvolvimentos na Semântica Discursiva.

Halliday (1989, p. 10-12) vê um texto essencialmente como uma unidade semântica, como produto e como processo. É produto porque pode ser estudado, com uma organização representada em termos sistemáticos. É processo no sentido de uma realização contínua de escolhas semânticas. A forma fundamental de um texto é o diálogo, a interação social.

Além disso, o contexto em que o texto se desdobra está contido no próprio texto através de uma relação sistemática entre o ambiente social e a organização funcional da linguagem (p. 11).

Halliday (p. 13) considera o contexto social de um texto o conjunto de três elementos: o campo, as relações e o modo do discurso. O campo diz respeito à natureza da ação social sendo executada; as relações referem-se à natureza e papéis dos participantes da interação; o modo focaliza o papel da linguagem empregada nas relações estabelecidas em uma ação social.

Transpondo essas concepções ao nosso objeto de estudo, a etapa de análise verificará quais as especificidades lingüísticas que ocorrem nas comunicações efetuadas na ação social de defesa de pontos de vista.

Na construção, circulação e uso de textos nas relações sociais, pesquisadores como Bazerman (2005, p.135), por exemplo, observaram que alguns deles são altamente estruturados, outros mais criativos. Os mais estruturados seguem formas padronizadas típicas e reconhecíveis: os gêneros (p.22). Para o autor, cada gênero está relacionado a outros gêneros: “os vários tipos de textos se acomodam em *conjuntos de gêneros* dentro de *sistemas de gêneros*, os quais fazem parte dos *sistemas de atividades humanas*”<sup>3</sup>(p.22). Na visão de Bazerman (2005, p.32), um conjunto de gêneros é “a coleção de tipos de textos que uma pessoa num determinado papel tende a produzir”. Nessa perspectiva, poderíamos saber mais sobre o trabalho de alguém ao observarmos os gêneros que essa pessoa produz em suas atividades profissionais. Já sistema de gêneros se refere aos diferentes “conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de uma forma organizada, e também as relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos.” Através do sistema, poderíamos compreender as relações existentes entre diferentes gêneros, “dentro de um fluxo comunicativo típico de um grupo de pessoas” (p.32).

Ao tomarmos como pressuposto que as colunas e as cartas do leitor são gêneros, não nos aprofundaremos na disputa surgida entre as terminologias “gêneros textuais” e “gêneros discursivos”. Optamos por usar simplesmente “gênero”, mesmo ao custo da identificação com o conceito de *gênero* relacionado a masculino e feminino (gênero social). Esperamos que o contexto dê conta das diferenças. Vamos apenas levantar alguns pontos relativos a gênero que contribuem para a observação mais detalhada da ação social de troca de correspondências.

Durante muito tempo, conforme Bakhtin (1997, p.280), estudaram-se os gêneros literários e retóricos; só mais tarde foi dada atenção aos gêneros do discurso cotidiano, observando-os na ótica da lingüística geral. As pesquisas de Bakhtin mudaram o rumo dos estudos sobre os gêneros, segundo Machado (2005, p. 152), uma vez que ele foi além das formações poéticas, ao afirmar “a necessidade de um exame circunstanciado não apenas da retórica, mas, sobretudo, das práticas

---

<sup>3</sup> Grifos do autor.

prosaicas que diferentes usos da linguagem fazem do discurso, oferecendo-o como manifestação da pluralidade”.

Para Bakhtin, nas diferentes esferas da atividade humana, o uso da língua se dá sob a forma de enunciados, orais ou escritos, que são concretos e únicos, refletindo as especificidades e finalidades de cada atividade “não só por seu *conteúdo* (temático) e por seu *estilo* verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também por sua *construção composicional*”. Dentro de cada uma dessas esferas de utilização da língua, são elaborados “*tipos relativamente estáveis* de enunciados do ponto de vista temático, composicional e estilístico”, os chamados “*gêneros do discurso*” (1992, p. 279-284).

Assim, o estilo faz parte da unidade de gênero de um enunciado, pertence por natureza ao gênero. Segundo Bakhtin (1992, p. 286), quando há estilo, há gênero, e a própria escolha de uma ou outra forma gramatical já é um ato estilístico.

Como as atividades humanas são diferentes e variadas, os gêneros do discurso são muitos e de diversas formas e funções, o que, para Bakhtin (1992, p. 280), é a causa provável da difícil explicação para o problema geral destes gêneros.

Quanto ao estilo, Brait (2005, p.84) apresenta o exemplo do jornal, que teria um estilo “estabelecido a partir não apenas dos assuntos em pauta, mas das escolhas verbo-visuais que são feitas para expor esses tópicos, e, também, da relação que o jornal mantém, ou pretende manter, com seus leitores”. Segundo a autora, os jornais teriam um estilo de fazer notícia, o que mostraria um determinado ponto de vista frente aos fatos noticiados. O estilo seria um elemento constituinte do gênero de um enunciado, faria parte desse gênero. Para Brait,

a concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, pode dar margens a muito mais do que a simples busca de traços que indiquem a expressividade de um indivíduo. Essa concepção implica sujeitos que instauram discursos a partir de seus enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem história e são a ela submetidos (2005, p. 98).

Conforme Bazerman (2005, p. 16-24), mais do que textos gramaticalmente bem escritos, é necessário que estes sejam ferramentas comunicativas eficientes, já que existem gêneros responsáveis por criar fatos sociais que afetam a vida das pessoas. Fatos sociais são acontecimentos, nem sempre envolvendo a linguagem, que dependem de acordos entre indivíduos e da existência de instituições políticas,

legais e sociais. É importante compreender essa função do gênero textual para produzi-lo adequadamente, sabendo inclusive quando é necessário inovar, ser criativo dentro de determinado gênero.

Na visão de Bakhtin, normalmente o locutor é representado como a parte ativa do processo, e o ouvinte como passivo. Mas isso não poderia ser sempre representado dessa forma. Quando um ouvinte concorda ou discorda de um discurso, por exemplo, ele estaria tendo uma atitude *responsiva ativa*. Para Bakhtin, “a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor”. O autor destaca, ainda, a compreensão responsiva de ação retardada, quando a resposta do interlocutor demoraria certo tempo para acontecer, o que se daria, em diversos gêneros da comunicação verbal, tanto orais quanto escritos (1992, p.290-291).

A compreensão responsiva seria o início de uma resposta, que, segundo Bakhtin, já seria esperada pelo locutor. Este “espera uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc.” (1992, p.291). O próprio discurso do locutor seria uma resposta a enunciados anteriores, pois cada enunciado está ligado a uma complexa cadeia de outros enunciados. O outro tem papel ativo na comunicação. O locutor, ao encerrar seu enunciado, espera do outro uma palavra ou sua compreensão responsiva ativa. “O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma”. Esse enunciado “não é uma unidade convencional, mas uma unidade real” (1992, p.293-294).

Bakhtin (1992, p.316) afirma que “um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera”. Os enunciados não são auto-suficientes, estão ligados a outros enunciados, aos quais são uma resposta, refutando-os, completando-os, confirmando-os, contando com eles de diferentes maneiras. O enunciado está em determinada posição, pois se relaciona com os outros em outras posições. Cada enunciado é formado por reações-respostas a outros enunciados que estão em determinada esfera na comunicação verbal e essas reações, segundo o autor, podem ocorrer de formas variadas: podemos introduzir o

enunciado do outro diretamente em nossa fala, podemos citar palavras ou orações do outro ou ainda podemos parafrasear as idéias alheias.

Qualquer enunciado é elaborado como que para ir ao encontro de uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Para Bakhtin (1992, p.321), a forma e a concepção do destinatário é determinada pela “área da atividade humana e da vida cotidiana a que se reporta um dado enunciado”. A composição e o estilo do enunciado dependem do destinatário. “Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero” (1992, p.321). A recepção do enunciado pelo destinatário, sua compreensão responsiva são fatores determinantes da escolha do gênero discursivo, dos recursos lingüísticos, do estilo do enunciado do indivíduo.

Especialmente na vida cotidiana, a posição social do destinatário é extremamente importante na comunicação verbal. Para Bakhtin (1992, p.324-326),

o estilo depende do modo que o locutor percebe e compreende seu destinatário, e do modo que ele presume uma compreensão responsiva ativa. (...) Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado. As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso. (...) É sob uma maior ou menor influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona *todos* os recursos lingüísticos de que necessita.

Além disso, o enunciado não pode ser apenas inteligível no nível da língua, é necessário que exista um todo, uma totalidade acabada, o que possibilita a compreensão responsiva. Para Bakhtin, essa totalidade “é determinada por três fatores indissociavelmente ligados no todo orgânico do enunciado: 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento” (1992, p.299).

O intuito do autor determina também a escolha da forma do gênero que estruturará o enunciado, que é o terceiro fator. Essa escolha se dá em função da especificidade da esfera de comunicação, das necessidades temáticas e também dos parceiros dessa esfera. Adquirimos os gêneros assim como a língua, na comunicação verbal viva no dia-a-dia, pois “as formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente e sem que sua estreita correlação seja rompida” (Bakhtin, 1992, p.301-302).

Ao ouvirmos os outros, segundo Bakhtin, (1992, p.302-303) sabemos que gênero ele está utilizando. Sem os gêneros do discurso, seria praticamente impossível nos comunicarmos verbalmente: muitas pessoas têm dificuldades de se comunicar mesmo dominando a língua, pois não dominam os gêneros de uma determinada esfera, o que é tão indispensável quanto as formas da língua, para que ocorra um entendimento recíproco entre os locutores.

Meurer (2002, p.28) enfatiza a necessidade de se estudarem diferentes gêneros textuais, buscando desenvolver

instrumentos teóricos e práticos para demonstrar que, através de textos orais e escritos, criamos representações que refletem, constroem e/ou desafiam nossos conhecimentos e crenças, e cooperam para o estabelecimento de relações sociais e identitárias.

Estendendo o conceito bakhtiniano de gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados do ponto de vista temático, composicional e estilístico ao caso dos textos das comunidades de leitores, vamos integrar as categorias da teoria da valoração na concepção estilística do gênero, o que vai se refletir na composição específica das cartas e colunas e no aspecto ideológico do tema.

### 1.1.1 Os gêneros opinativos

De acordo com Melo (1994, p. 94), a linha editorial e a seleção de informações apontam para a opinião de uma empresa jornalística, podendo existir momentos em que o debate de idéias é valorizado. Segundo o autor, a opinião da empresa aparece geralmente no editorial, a do jornalista em comentários, resenhas, colunas, crônicas, caricaturas e algumas vezes em artigos. Já a voz do colaborador aparece em artigos e a do leitor na carta.

#### 1.1.1.1 Gênero coluna/artigo de opinião

Conforme Melo (1994, p. 116), no Brasil, normalmente, o artigo é uma matéria escrita por colaboradores, desenvolvendo uma idéia e apresentando opinião. Para Martín Vivaldi *apud* Melo (1994, p.117), duas características seriam específicas do artigo jornalístico: tratar de um tema atual apontando a opinião clara do articulista. De acordo com Barros,

a coluna e o artigo de opinião apresentam regras de jogo comuns: é de sua natureza trazer interpretação ou opinião do autor. O papel do autor é de maior aproximação com o seu texto: avaliações e modalizações marcam sua visão de mundo e recursos retóricos são ativados para atingir com maior eficiência o outro parceiro da comunicação, seu interlocutor (2002, p.204).

No jornalismo brasileiro, os artigos seriam escritos, geralmente, por jornalistas ou colaboradores, de acordo com Melo (1994, p.122). Conforme o autor, o colaborador é alguém que presta serviço à empresa jornalística, de forma contínua ou eventual.

Já a coluna de opinião, segundo Melo (1994, p.136), seria toda seção fixa, podendo abranger diferentes gêneros. Para Rabaça e Barbosa *apud* Melo, “as colunas mantêm um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita a sua localização imediata pelos leitores” (p.122).

Para Giering (2005, p.3), “os artigos de opinião têm o fim de fazer-creer”. A pesquisadora destaca que determinadas partes do artigo “tem por finalidade estreitar os laços entre Produtor – Texto – Leitor para envolver esse último, com o objetivo de obter sua adesão ao ponto de vista defendido no artigo”. Outros pontos da coluna opinativa serviriam para “envolver o leitor” ou “aumentar sua atitude positiva para aceitar ou para melhor compreender posições tomadas pelo produtor no decorrer do texto”.

Na imprensa brasileira, os tipos mais comuns de colunas, conforme Melo (1994, p.143), seriam as que tratam de questões sociais, políticas, econômicas, policiais, esportivas e artísticas (literatura, música, cinema, televisão, etc.), dentre outras.

Quanto à organização retórica do artigo de opinião, conforme Giering (2007), “verifica-se que o produtor tem, a sua disposição, várias possibilidades de organização do texto para o cumprimento de seu fim discursivo”, não sendo possível “predizer a forma exata como os artigos se organizarão”. De acordo com a autora, “é possível apenas predizer as formas mais prováveis que tomará o artigo de opinião autoral no contexto jornalístico”.

O *Novo manual da redação* (1992), publicado pela Folha de São Paulo, traz a seguinte diferenciação<sup>4</sup>:

---

<sup>4</sup> Neste estudo, os dois termos, coluna e artigo, serão utilizados ao nos referirmos aos textos de Diogo Mainardi.



Artigo: “Gênero jornalístico que traz interpretação ou opinião do autor. Sempre assinado. Pode ser escrito na primeira pessoa.” (1992, p.123).

Coluna: “Cada uma das faixas verticais em que a página do jornal é dividida. (...) Por extensão, *coluna* também significa o espaço em que uma pessoa escreve regularmente.” (1992, p.133).

#### 1.1.1.2 Gênero carta do leitor

Conforme Bazerman (2005, p.83), “as cartas desempenharam um papel no surgimento de gêneros distintos”, talvez por sua ligação tão forte com as relações sociais, evoluindo do uso formal e oficial em direção ao pessoal, principalmente por sua flexibilidade para estabelecer e elaborar situações comunicativas (Bazerman 2005, p.83-99). Esse gênero teve também enorme força dentro da igreja cristã, desenvolvendo-se, inclusive, um ramo especializado da retórica chamado *ars dictaminis* (arte de escrever cartas). As cartas auxiliaram, ainda, o desenvolvimento de gêneros importantes do direito, do governo, da política e das transações financeiras, além de gêneros com influentes funções sociais e comunicativas, como o jornal, as revistas e o romance, de acordo com Bazerman (2005, p.88-93)

Em sua forma original, a carta do leitor, assim como uma carta pessoal, apresenta alguns elementos formais: local e data, vocativo, despedida, assinatura. Na atualidade, com o crescimento da comunicação informatizada, esses elementos apresentam-se, normalmente, sob um novo formato. No *e-mail*, muitas vezes, o local de origem não é informado, e a data é a do envio da mensagem eletrônica. A identificação do leitor ainda permanece, até por que essa é uma exigência da editoria dos jornais e das revistas. Em geral são enviadas respostas aos leitores, quando as cartas não são publicadas, em sinal de atenção por sua manifestação.

Conforme o Novo Manual da Redação, publicado pela Folha de São Paulo,

Toda carta que chega à Folha deve ser publicada ou respondida. O leitor que se dirige ao jornal merece resposta rápida e individualizada. Nenhuma carta pode deixar de ser publicada por conter críticas ao jornal ou a seus profissionais. (...) A Folha publica diariamente uma seção de cartas em que leitores expressam seus pontos de vista. A seção deve publicar amostra representativa das diversas tendências de opinião apresentadas pelas cartas recebidas, dentro dos princípios de pluralismo que regem a linha editorial. O jornal se reserva o direito de selecionar trechos representativos das cartas, para publicação do maior número possível. (...) A Folha não publica cartas anônimas. (1992, p.129)

Segundo Passos (2003, p.84), o “estado original” da carta é aquele enviado à redação. De acordo com a autora, a carta receberá uma nova estrutura ao ser publicada, após passar por transformações. Para fins de estudo, como apontado por Passos, normalmente utiliza-se “apenas o formato final, ou seja, aquele já editado pela revista”. De acordo com Ebel & Fiala *apud* Maingueneau (1993, p.35), existiriam

dois gêneros em níveis diversos: por um lado, as cartas dos leitores, que resultam do gênero epistolar e se apresentam tanto como ‘cartas abertas’ quanto como cartas comuns; por outro lado, a própria rubrica ‘correspondência de leitores’ um dos gêneros jornalísticos, elaborados a partir das cartas.

Para Maingueneau (1993, p.35), esses não seriam gêneros independentes, uma vez que o produtor da carta sabe que seu texto poderá ou não ser publicado e que modificações no texto original poderão ser feitas:

O autor de uma carta deve considerar essas condições quando escreve: não só ele apenas reage a um discurso previamente organizado pelo jornal, mas também não possui poder algum sobre a redação, nem tem certeza de que sua carta será publicada. O leitor vê-se, assim, condenado a escrever a carta em função de sua eventual publicação, embora finja dirigir-se unicamente aos jornalistas.

A carta do leitor é um gênero encontrado na maioria das revistas e dos jornais. Assim como os demais gêneros discursivos, possui características recorrentes: normalmente é um texto pequeno, situado nas primeiras páginas dessas publicações. Conforme Cabral (2002, p. 12), “o gênero carta do leitor registra o posicionamento de pessoas da comunidade e das diversas instituições acerca de assuntos do momento. Qualquer leitor pode participar (...), desde que se identifique e não faça agressões pessoais”. Os leitores podem enviar seus comentários através de correio, fax ou internet, os quais serão analisados por editores. Muitas vezes as cartas do leitor são resumidas, por motivos de espaço ou clareza. Segundo Cabral, as cartas são utilizadas pelos leitores “para protestar, esclarecer, parabenizar, retificar, retratar-se, concordar, responder, treplicar” (2002, p.13).

Utilizando a nomenclatura “cartas ao editor”, Fontanini (2002) caracteriza a carta do leitor como

espaços destinados, em revistas e jornais, aos leitores para que possam expressar pareceres pessoais, favoráveis ou não, sobre matérias publicadas. Conforme o próprio nome sugere, essas cartas são endereçadas aos editores, que após efetuarem uma seleção prévia, seguindo critérios específicos de cada empresa jornalística, publicam-nas. (2002, p. 227)

Em um artigo sobre cartas do leitor, Passos (2003, p.81) afirma que existem muitos tipos de cartas, como as pessoais, as precatórias, as comerciais, etc. O que chama a atenção da autora é que um dos mais conhecidos dicionários brasileiros registre mais de 50 tipos de carta, porém sem mencionar a carta do leitor. Conforme a autora, a carta do leitor “é veiculada através dos meios de comunicação escrita, de circulação ampla ou restrita, tem caráter público, cumprindo importante função social na medida em que possibilita o intercâmbio de informações, idéias, opiniões entre diferentes pessoas de um determinado grupo” (2003, p.81).

Freqüentemente as pessoas têm necessidade de usar a linguagem em suas relações sociais, muitas vezes buscando convencer seu interlocutor. Para Meurer (2002, p.10-11)

A vida social contemporânea exige que cada um de nós desenvolva habilidades comunicativas que possibilitem a interação participativa e crítica no mundo de forma a interferir positivamente na dinâmica social. Essas habilidades são exercitadas, por exemplo, quando (...) escrevemos uma carta do leitor ao jornal que lemos (...). Em todos esses contextos de situação (...) há papéis desempenhados por nós e por nossos interlocutores que se estabelecem pela linguagem.

### 1.1.3 O contexto das cartas do leitor

Fairclough (2001, p. 90-91) usa o termo discurso considerando

o uso de linguagem como prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. (...) O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

O autor afirma que é na forma lingüística, em textos orais ou escritos, que vemos as manifestações da prática discursiva, que é parte da prática social.

Para Fairclough “a análise de um discurso particular como exemplo de prática discursiva focaliza os processos de produção, distribuição e consumo textual. Todos esses processos são sociais e exigem referência aos ambientes econômicos,

políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado” (2001, p. 99). Para o pesquisador, é importante mostrar de que forma ocorre a produção, a distribuição e o consumo dos textos em um sentido mais amplo. Sempre se deve fazer referência a esses aspectos, pois não há uma divisão nítida entre análise textual e análise da prática discursiva.

Dentro da análise textual, Fairclough menciona que parece haver uma divisão entre forma e sentido, mas essa “distinção é ilusória, porque ao analisar textos sempre se examinam simultaneamente questões de forma e questões de significado.” (2001, p. 102). A análise textual estaria organizada em *vocabulário* (palavras individuais), *gramática* (orações e frases), *coesão* (encadeamento das orações e frases) e *estrutura textual* (organização do texto em larga escala). Na análise da prática discursiva, haveria outros três pontos a serem observados: a *força* dos enunciados (tipos de atos de fala constituídos por esses enunciados), a *coerência* e a *intertextualidade*. Para Fairclough, esses sete itens, quando somados, constituem um quadro para a análise textual capaz de abranger tanto os aspectos de produção e interpretação como as características formais dos textos.

Na visão de Fairclough (2001, p. 106), a natureza dos processos de produção, distribuição e consumo dos textos depende de fatores sociais. Um exemplo disso, segundo o autor, é o fato de textos serem produzidos de formas diferentes, adequando-os a determinados contextos, e também de os textos serem consumidos de maneiras diferentes conforme o contexto social.

## 1.2 Teoria da valoração

A abordagem da valoração é utilizada na análise de textos escritos. Segundo White<sup>5</sup> (2004, p. 177), essa abordagem, que “surgiu a partir da lingüística sistêmica funcional”, apresenta técnicas de análise de como a avaliação atua nos textos, conforme a observação dos valores expressos nos posicionamentos de quem escreve, sendo estas “posições de valor determinadas socialmente”.

De acordo com White (2004, p. 178), os estudiosos australianos, ao analisarem textos jornalísticos escritos, observaram o estilo desses textos,

---

<sup>5</sup> Artigo escrito originalmente em inglês, traduzido por Débora de Carvalho Figueiredo, publicado na revista Linguagem em (Dis)curso v.4- 2004.

verificando suas variações. Esses pesquisadores “notaram que os diferentes ‘estilos’ ou ‘vozes’ estavam associados a certas combinações de diferentes tipos de valoração, e de escolhas de recursos existentes que expressam avaliação e perspectiva”.

Para Martin & White (2005, p. 1), a teoria da valoração se preocupa com as relações interpessoais na língua, com o modo como as pessoas adotam posições através da linguagem, para aprovar ou desaprovar uma idéia, elogiar ou criticar. Observa, nos textos, sentimentos, valores, emoções, gostos e avaliações normativas, demonstrados através da linguagem. Segundo os autores, a partir de uma abordagem da Lingüística Sistêmico-Funcional, a teoria observa a linguagem identificando três modos de significação que operam simultaneamente em todo o discurso: o textual, o ideacional e o interpessoal.

É observado como as pessoas apresentam as próprias atitudes e também os meios pelos quais elas ativam o posicionamento avaliativo dos seus leitores ou ouvintes. Estas avaliações atitudinais, segundo Martin & White (2005, p. 2), não só são de interesse porque elas revelam os sentimentos e valores do falante/escritor, mas também porque a expressão pode ser relacionada ao *status* do autor do texto e ao modo como a linguagem opera retoricamente para construir relações entre o escritor/locutor e seus respondentes atuais ou potenciais.

Com relação aos gêneros textuais, Martin & White (2005, p. 33) afirmam que a teoria da valoração se preocupa com o alcance das avaliações que o gênero utiliza para atingir seus objetivos e como isso se modifica de gênero para gênero. Essa teoria se preocupa especialmente com a organização retórica do texto, observando como se dá a relação deste com o leitor e de que modo a avaliação interfere nessa relação (p.33).

### 1.2.1 A valoração na Lingüística Sistêmico-Funcional (SFL)

Segundo Martin & White (2005, p. 33), a valoração pode ser considerada um sistema interpessoal, no nível da semântica de discurso. Neste nível, co-articula significado interpessoal com dois outros sistemas - negociação e envolvimento. A negociação complementa a avaliação através do foco nos aspectos interativos do discurso, função da fala e estrutura de mudança. O envolvimento complementa a

valoração através do foco em recursos não-graduáveis de negociação de relações, especialmente solidariedade.

Para os autores, (2005, p. 33-34), recursos léxicos que funcionam como sinais de afiliação de grupo também podem ser considerados, inclusive a gíria e o léxico técnico e especializado. Também podem ser observados marcadores de dialeto social, apenas para sinalizar a existência de uma ordem larga de recursos que são usados para negociar identidade de grupo e assim colaborar com a valoração e com a negociação na realização das relações. Um esboço da relação entre estes sistemas semânticos interpessoais é apresentado na figura abaixo:



Figura 1<sup>6</sup> - Sistema semântico interpessoal

Martin & White (2005, p. 68) trabalham com escalas léxicas, mostrando gradações dos itens léxicos que constroem a avaliação. Segundo os pesquisadores, uma categoria que estaria fora dessas escalas seria a dos xingamentos, muitas vezes usados para demonstrar sentimentos fortes. Essas explosões emocionais tanto podem ser consideradas afeto, julgamento ou apreciação, dependendo do contexto, ou ainda podem servir como amplificadoras de inscrições auxiliares.

No nível de relação, conforme Martin & White (2005, p. 34), poder e solidariedade precisam ser considerados em relação a todos os três sistemas de discurso semânticos, embora o envolvimento seja especialmente afinado à negociação de sociedade de grupo (assim solidariedade). Por isso, grupos sociais têm *status*, e desse modo não podem ser ignoradas as implicações de afiliação para relações de poder.

<sup>6</sup> Conforme Martin & White (2005, p. 34), figura 1.17. Tradução minha.

## 1.2.2 Panorama geral da teoria da valoração

A valoração é dividida, segundo Martin & White (2005, p. 35), em três domínios: *atitude*, *engajamento* e *gradação*. A *atitude* estaria preocupada com os sentimentos (reações emocionais, julgamentos comportamentais e avaliação de obras e objetos). O *engajamento* trataria das atitudes da origem do discurso e dos comentários que surgem a partir dele. *Gradação* se preocuparia com os fenômenos através dos quais algumas categorias seriam obscurecidas e alguns sentimentos seriam ampliados.

*Atitude*, segundo Martin & White (2005, p. 35-36) é dividida em: afeto, julgamento e apreciação. Afeto se refere às atitudes emocionais; julgamento diz respeito às avaliações do comportamento humano com base em algum grupo de normas; apreciação diz respeito à valoração de coisas (textos, objetos, fenômenos, etc.).

A teoria da valoração é representada por Martin & White (2005, p. 38) de forma esquematizada:

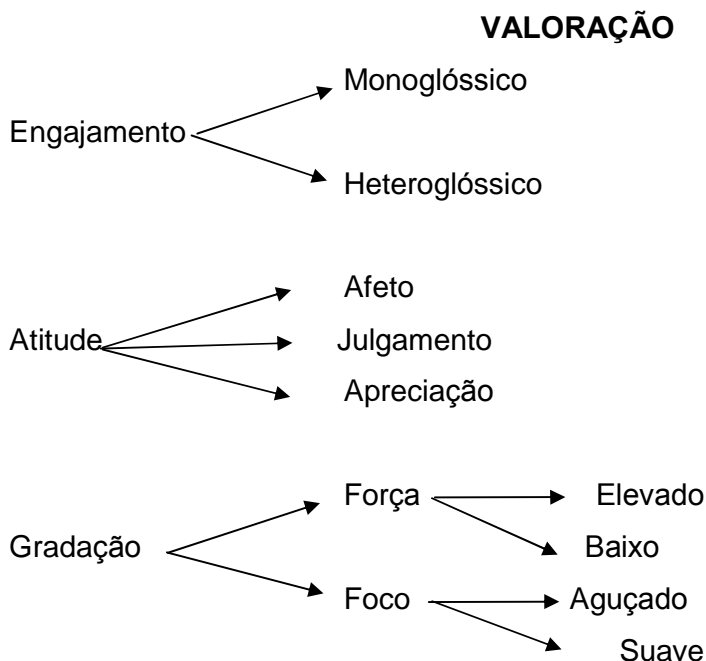


Figura 2<sup>7</sup> – Panorama geral da teoria da valoração

<sup>7</sup> Conforme Martin & White (2005, p. 38), figura 1.18. Tradução minha. (Appraisal: engagement – monogloss/heterogloss. Atitude – affect/judgement/appreciation. Graduation – force/raise/lower; focus/sharpen/soften)

### 1.2.3 Atitude

Para Martin & White (2005, p. 42), **atitude** é sistema de significados que mostra como sentimentos são expressos em textos. Esse sistema trata de três regiões semânticas que se referem aos sentimentos relacionados à emoção, ética e aos valores estéticos. Quando a emoção está argumentativamente no centro destas regiões, chamamos esta dimensão mais emotiva de **afeto**, que diz respeito aos sentimentos positivos e negativos. **Julgamento** se refere à nossa aprovação ou reprovação de comportamentos. **Apreciação** está relacionada a avaliações de fenômenos semióticos e naturais, conforme sua valorização em um determinado campo. Os significados atitudinais marcam o posicionamento do falante ou escritor (p.43).

Segundo Martin & White (2005, p. 45), *juízo* e *apreciação* seriam “sentimentos institucionalizados<sup>8</sup>”. *Juizes* avaliam comportamentos (como as pessoas deveriam se comportar ou não), muitas vezes a partir de regras apontadas pela igreja e pelo estado. Já a *apreciação* está relacionada aos sentimentos manifestados a partir do valor de coisas (algumas destas avaliações podem se dar através de sistemas de prêmios).

#### 1.2.3.1 Afeto

A atitude é como um sistema semântico do discurso e pode ser realizada através de diversas estruturas gramaticais (Martin & White, 2005, p. 45). Segundo White (2004, p.185)

A abordagem da valoração preocupa-se em mapear os domínios semânticos que operam no discurso. Dessa forma, as categorizações utilizadas freqüentemente reúnem estruturas gramaticais diversas dentro um único grupo semântico discursivo. O Afeto é típico nesse sentido – seus valores algumas vezes são expressos na forma de qualidades (adjetivos – “Estou feliz com isso”), outras na forma de processos (verbos – “Isso me agrada”), e outras ainda na forma de comentários adjuntos. Eles também podem ser realizados como entidades virtuais (substantivos) através de nominalizações – e.g. “felicidade”.

Para classificar as emoções, Martin & White (2005, p. 46) optaram, em seu estudo, por fazer mapeamentos, através de oposições. Eles afirmam que esses

---

<sup>8</sup> Conforme Martin & White (2005, p. 45). Tradução minha. (institutionalised feelings)



“mapas de sentimento<sup>9</sup>” devem ser tratados como hipóteses sobre a organização dos significados pertinentes. Para classificar afeto, os pesquisadores decidiram chamar o participante consciente que sofre a emoção de *Emoter*, e o fenômeno responsável por aquela emoção de estímulo (*trigger*).

Na observação dos sentimentos presentes nas avaliações, os autores (2005, p. 46-49) destacam que as emoções são divididas em três grupos principais, ligados a in/felicidade, in/segurança e in/satisfação. Segundo White (2004, p186-187),

a variável in/felicidade cobre as emoções ligadas aos ‘assuntos do coração’ – tristeza, raiva, felicidade e amor; a variável in/segurança cobre as emoções ligadas ao bem-estar eco-social – ansiedade, medo, e confiança; a variável in/satisfação cobre as emoções ligadas ao *telos* (a busca de objetivos) – tédio, desprazer, curiosidade, respeito.

### 1.2.3.2 Julgamento

Segundo Martin & White (2005, p. 52), os julgamentos mostram as avaliações das atitudes das pessoas e do modo como elas se comportam. Os autores destacam, ainda, que muitas vezes o contexto pode influenciar na classificação de uma avaliação como positiva ou negativa, o que deve ser levado em consideração.

Os julgamentos, conforme White (2004, p. 187), podem se referir à estima ou à sanção social. Para o autor,

os Julgamentos de sanção social envolvem a afirmação de que alguns conjuntos de regras ou regulamentos, codificados de forma mais ou menos explícita pela cultura, estão em jogo. Essas regras podem ser morais ou legais, portanto os julgamentos de sanção social envolvem questões de legalidade e moralidade. (...) Assim, romper uma sanção social significa correr o risco de receber punições legais ou religiosas, daí o termo ‘sanção’. (...) Os Julgamentos de estima social podem estar ligados à normalidade (até que ponto alguém é estranho ou pouco usual), capacidade (quão capaz esse alguém é) e tenacidade (quão determinado ele é). Os Julgamentos de sanção social têm a ver com a veracidade (quão sincero alguém é) e a propriedade (quão ético ele é). (p. 187)

Esta divisão foi esquematizada da seguinte forma, por White<sup>10</sup> (2004, p.188), que se baseou em Iedema, Feez e White, 1994<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Conforme Martin & White (2005, p. 46). Tradução minha. “maps of feelings”.

<sup>10</sup> De acordo com a figura apresentada por White (2004) na revista *Linguagem em (Dis)curso*, p.188. Artigo publicado originalmente em inglês, tradução de Débora Carvalho de Figueredo.

### Estima social

**Normalidade** (costume): 'O comportamento do indivíduo é pouco usual, especial, comum?'

Positiva [admiração]	Negativa [crítica]
padrão, corriqueiro, médio...; sortudo, felizardo...; elegante, avant garde...	excêntrico, estranho, dissidente...; azarado, infeliz...; cafona, fora de moda...

**Capacidade:** 'O indivíduo é capaz, competente?'

habilidoso, inteligente, engenhoso...; atlético, forte, poderoso...; lúcido, centrado...	burro, lento, simplório...; desajeitado, fraco, sem coordenação...; insano, neurótico...
--	--

**Tenacidade** (resolução): 'O indivíduo é confiável?'

corajoso, valente, heróico...; confiável, responsável...; incansável, decidido, perseverante	covarde, impetuoso, cabisbaixo...; pouco confiável, irresponsável...; distraído, preguiçoso, dispersivo...
--	--

### Sanção Social

**Veracidade** (verdade): 'O indivíduo é honesto?'

Positiva [elogio]	Negativa
honesto, sincero, verdadeiro...; autêntico, genuíno...; franco, direto...;	falso, desonesto...; impostor, falso...; enganador, enrolador...

**Propriedade** (ética): 'O indivíduo é ético?'

bom, virtuoso...; respeitador das leis, justo...; carinhoso, sensível, respeitoso...	mau, imoral, lascivo...; corrupto, injusto...; cruel, mesquinho, bruto, opressor...
--	---

Quadro 1. Julgamento de acordo com White (2004).

#### 1.2.3.3 Apreciação

<sup>11</sup> IEDEMA, R.; FEEZ, S.; WHITE, P. R. R. **Media literacy**. Sydney: Disadvantaged Schools Program, NSW, Department of School Education, 1994.

De acordo com Martin & White (2005, p. 56), a apreciação aponta a avaliação de “coisas”, produtos do trabalho humano e também fenômenos naturais e estados das coisas. Segundo White (2004, p. 191), atribui-se

um valor (negativo ou positivo) num dado discurso ou campo de atividade. Um dos principais sistemas utilizados para atribuir esse valor é a estética. Os sujeitos humanos também podem ser ‘apreciados’ ao invés de ‘julgados’, mas somente naqueles casos nos quais suas qualidades estéticas estão sendo discutidas, e não a aceitabilidade social de seus comportamentos.

Para Martin & White (2005, p.56), em geral a apreciação se refere às nossas reações para coisas ou à sua composição. O valor dado a essas coisas dependeria do nosso enfoque institucional: um músico poderia ser apreciado por seus fãs, por exemplo, por sua autenticidade, já um trabalho acadêmico seria provavelmente avaliado pela inovação (ou pela falta dela) (p. 57).

Conforme os autores (2005, p. 57), o esquema da apreciação pode ser interpretado metafuncionalmente - com *reação* orientada para significação interpessoal, *composição* para organização textual e *avaliação* para valor ideacional<sup>12</sup>.

Para os autores (2005, p.58), é comum, ao se fazer uma apreciação positiva ou negativa de algo, pensar-se também na capacidade de alguém para criar ou executar (o que já seria julgamento). Por isso, Martin & White consideram importante a distinção entre julgamentos de comportamento e avaliações de coisas. White (2004, p. 192) faz também uma distinção entre apreciação e afeto:

*Livro fascinante* → poder da obra de gerar emoções → Apreciação

*Livro me fascina* → mexe com a emoção humana → Afeto

#### 1.2.3.4 Marcas lingüísticas

Segundo Martin & White (2005, p. 58) a realização gramatical canônica típica da **atitude** se dá através de adjetivos, por isso, os autores consideram importante

<sup>12</sup> Conforme Martin & White (2005, p. 57), tabela 2.9. Tradução minha. (reaction – interpersonal, composition – textual, valuation - ideational).

tentar estabelecer esquemas gramaticais para tipos distintos de **atitude**. Para **afeto**, um esquema distintivo útil, segundo eles, é um processo atributivo relacional com um participante consciente que envolve o verbo *sentir (feel)*.

No caso do **juízo**, os autores (2005, p.59) afirmam que um processo atributivo relacional é uma **atitude** ao comportamento de alguma pessoa. Já no caso da **apreciação**, um processo mental que designa uma atitude sobre alguma coisa pode ser usado como um diagnóstico.

Conforme White (2004, p.182), as três categorias avaliativas apresentam realizações diversas, podendo ser marcadas pelo uso de adjetivos (corrupto), advérbios (apaixonadamente), substantivos (obra prima) ou verbos (adoro).

Martin & White (2005, p.60) afirmam, ainda, que o uso do léxico muitas vezes é flexível, especialmente quando grupos nominais constroem um participante consciente em um papel institucional ou nomeiam um processo complexo. Nesses casos, pode ocorrer de o mesmo léxico atitudinal ser usado para julgar ou apreciar.

#### 1.2.3.5 Avaliações atitudinais indiretas

Em muitos casos, conforme Martin & White (2005, p. 61), a avaliação está inscrita diretamente no discurso pelo uso de léxico atitudinal, mas nem sempre é assim. Algumas vezes, não se pode ter um foco restritivo ao se analisar um texto (pois nem tudo está explícito), ou o sentido presente nele não será visto em sua totalidade. Para os autores (p. 62), seguidamente a seleção de significados ideacionais é suficiente para invocar avaliação, até mesmo na ausência de léxico atitudinal, sem que isso possa introduzir um elemento de subjetividade na análise. Nesse caso, é preciso muito cuidado ao se observar, sendo extremamente “importante distinguir entre subjetividade social e individual - entre leitores como respondentes idiossincráticos e comunidades de leitores posicionadas por configurações específicas de gênero, geração, classe, etnicidade e in/capacidade”<sup>13</sup>. Para o analista, é difícil afirmar de que modo o texto foi lido, se de modo tático, resistente, ou complacente. A avaliação de leitor pode ser motivada por modalidades auxiliares de comunicação (como expressão facial, gestual, tom de voz, etc.) (p. 63).

---

<sup>13</sup> Conforme Martin & White (2005, p. 62). Tradução minha. (it is important to distinguish between individual and social subjectivity – between readers as idiosyncratic respondents and communities of readers positioned by specific configurations of gender, generation, class, ethnicity and in/capacity).

Conforme os autores, alguns termos, quando descontextualizados, podem parecer não-atitudeis (p. 64). Por isso eles consideram importante que seja levado em consideração o significado ideacional de um texto. Para Martin & White, o “significado ideacional pode ser usado não só para convidar mas também para provocar uma resposta atitudinal em leitores. Esta é uma função da metáfora léxica”<sup>14</sup>. Em outros casos, a avaliação pode ser marcada no texto por palavras que intensificam o significado de outras mais centrais.

Martin & White (2005, p. 65-67) destacam, ainda, a diferença entre os termos que trazem impressa uma avaliação e aqueles que provocam essa avaliação no leitor. Os autores mostram isso na figura abaixo (p.67):

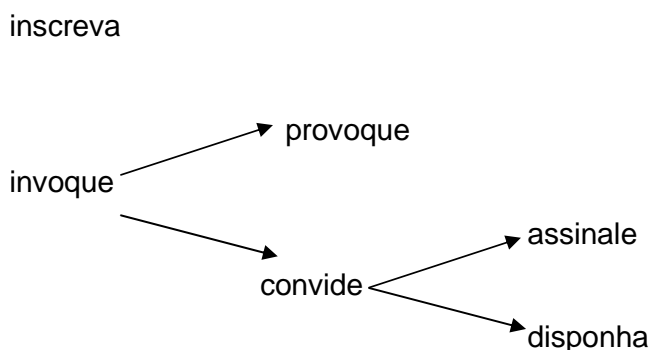


Figura 3. Estratégias para inscrever e invocar atitude<sup>15</sup>

#### 1.2.3.6 Considerações sobre a análise

Em sua metodologia de análise, Martin & White (2005, p.71) optaram por fixar colunas separadas para **afeto**, **juízo** e **apreciação**, mostrando o item léxico-gramatical correspondente. Para juízo e apreciação, os autores consideram interessante apontar a fonte da atitude (que está julgando ou está apreciando) e o que está sendo apreciado (o que está sendo julgado e o que está sendo apreciado). Na análise feita pelos pesquisadores, em geral é apontado como a fonte de

<sup>14</sup> Conforme Martin & White (2005, p. 64). Tradução minha. (ideational meaning can be used not just to invite but to provoke an attitudinal response in readers. This is one function of lexical metaphor.).

<sup>15</sup> Conforme Martin & White (2005, p. 67), figura 2.3. Tradução minha. (inscribe – invoke: provoke/invite – flag/afford)

avaliações os locutores e escritores. Isso só não deve ser feito se estiver claro que a avaliação não parte deles.

Segundo os autores (2005, p. 79), em alguns exemplares textuais analisados por eles, há pouca atitude invocada inscrita explicitamente, mas alguns comportamentos poderiam ser vistos como sinais de afeto: “segurar você em meus braços”, “você provavelmente pensou que nós o tínhamos deixado para sempre”<sup>16</sup>. Outras vezes, um termo pode ser considerado tipicamente como marca de afeto ou apreciação, mas, se consideramos a expressão como uma metáfora lexical, podemos ter então um julgamento.

### 1.3 Engajamento

#### 1.3.1 Perspectiva dialógica

Através do engajamento e da gradação, Martin & White (2005, p.92-93) buscam apontar quais são os recursos lingüísticos empregados pelos escritores ao adotar um posicionamento valorativo no texto. Para os pesquisadores, existem diferentes possibilidades para este posicionamento, o que é feito através das disponibilidades da linguagem. São observados os efeitos retóricos desses vários posicionamentos e é explorado o que está em jogo quando um termo é escolhido em lugar de outro. Os autores apontam, ainda, a aproximação de seu estudo com a teoria de Bakhtin/Voloshinov<sup>17</sup>, o dialogismo e a heteroglossia que afirmam que toda comunicação verbal, escrita ou falada, é dialógica, pois, ao falar ou escrever, sempre se imagina ou se espera as respostas de falantes/ouvintes.

Para Martin & White (2005, p.93), esta perspectiva dialógica remete para a relação existente entre o falante/escritor e as demais expressões lingüísticas que ocorreram anteriormente, especialmente quando existe alguma ligação social entre os membros de uma comunidade que compartilha os mesmos valores. A teoria da valoração se interessa pelo grau de reconhecimento que os locutores demonstram a

<sup>16</sup> Conforme Martin & White (2005, p. 79). Tradução minha. (to hold you in my arms / you probably thought we had left you forever)

<sup>17</sup> Os autores fazem referência às obras: Bakhtin, M.M. **The dialogic imagination** (translated by C. Emerson & M. Holquist). Austin: University Texas Press, 1981 e Voloshinov, V.N. **Marxism and Philosophy of Language, Bakhtinian Thought – an introductory reader**. S. Dentith, L. Matejka & I.R. Titunik (trans.). London: Routledge, 1995

respeito de outros locutores que existiram anteriormente e também por sinais, presentes nos textos, que apontem para possíveis respostas que já seriam esperadas dos interlocutores. Com base nisso, a teoria busca propor um esquema sistemático de como são alcançados tais posicionamentos lingüisticamente. São observados significados em determinado contexto e efeitos retóricos e não apenas formas gramaticais (p. 94).

As posições de valor expressas no texto podem ser observadas, segundo Martin & White (2005, p.94), através de marcas de modalidade, polaridade, evidencialidade, intensificação, atribuição, concessão, e consequencialidade. Os pesquisadores chamam de *engajamento* todas as formas e expressões lingüísticas que apontam para o posicionamento do autor do texto. A *gradação* diz respeito à forma como o locutor/escritor “gradua” a força da expressão lingüística ou o enfoque da categorização pelo qual são identificados valores semânticos (p.94). As pesquisas buscam verificar em que medida os falantes/escritores demonstram estar mais ou menos fortemente posicionados em relação aos valores que estão no texto. Com isso, pode-se verificar a formação comunidades de valores compartilhados e convicções associadas a essas posições (p.94).

### 1.3.2 Valoração e a formação de uma comunidade de leitores

Por alinhamento/desalinhamento, Martin & White (2005, p. 95) referem-se ao “acordo/desacordo com respeito aos níveis de avaliação atitudinal e a convicções ou suposições sobre a natureza do mundo, sua história passada, e o modo como deve ser”<sup>18</sup>. Para os autores, ao demonstrar sua atitude em um texto, o produtor não estaria apenas demonstrando sua opinião, mas também “convidando outras pessoas a endossar e compartilhar com eles os sentimentos, gostos ou normas por eles anunciadas”<sup>19</sup> (p.95).

Outro ponto observado nas pesquisas de Martin & White (2005, p. 95) é o modo como o texto prende a atenção de seu suposto leitor/ouvinte. Os textos seriam construídos para leitores ideais? Como esse destinatário projetado é apresentado no

<sup>18</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.95. Tradução minha. (agreement/disagreement with respect to both attitudinal assessments and to beliefs or assumption about the nature of the world, its past history, and the way it ought to be.)

<sup>19</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.95. Tradução minha. (invite others to endorse and to share with them the feelings, tastes or normative assessments they are announcing.)

texto? O produtor sabe se o suposto leitor compartilha do mesmo ponto de vista? Os estudos buscam observar se existem marcas nos textos que apontem para essas questões.

Nessa perspectiva, os autores tratam da *solidariedade* presente nos textos, que se refere ao fato de o produtor demonstrar que reconhece a existência de uma diversidade de pontos de vista como válidos, sendo ele tolerante com esses posicionamentos alternativos (p. 96).

White (2004, p. 193) esboça uma taxonomia dentro da qual localiza os diferentes significados de *engajamento*:<sup>20</sup>

**Refutar** – “a voz textual se posiciona contrariamente a, ou rejeita, uma posição oposta:

- (negar) negação
- (contrapor) concessão/ contra expectativa”

**Declarar** – “ao apresentar a proposição como altamente plausível (forte, válida, crível, bem-embasada, aceita por muitos, confiável, etc.), a voz textual se opõe a, suprime ou descarta posições alternativas:

- (concordar) *naturalmente..., é claro..., obviamente..., supostamente..., etc.*; alguns tipos de perguntas ‘retóricas’
- (declarar) *Eu afirmo..., a verdade é que..., não há dúvida que..., etc.*
- (endossar) *X demonstrou que...; X convincentemente argumentou que...; etc.*”

**Considerar** – “ao ancorar a proposição em uma posição subjetiva individual e incidental textual a apresenta como apenas uma dentre um leque de posições possíveis – e assim considera ou invoca essas alternativas dialógicas:

- *parece que; as evidências sugerem que; aparentemente; ouvi dizer que*
- *talvez, provavelmente, pode ser, é possível, pode/deve*; alguns tipos de perguntas retóricas”.

**Atribuir** – “ao ancorar a proposição na subjetividade de uma voz externa, a voz textual a apresenta como apenas uma dentre um leque de posições possíveis – e assim supõe ou invoca essas alternativas dialógicas:

- (reconhecer) *X disse que...; X acredita que...; de acordo com X; na opinião de X*
- (distanciar) *X alega que; o mito que...; correm rumores que*”

### 1.3.3 Refutar e declarar

Em algumas situações, de acordo com Martin & White (2005, p.117-118), mesmo que se abra espaço para possibilidades dialógicas, estas são direcionadas, sendo algumas categorias excluídas. Ao *refutar*, alternativas dialógicas são rejeitadas diretamente ou suplantadas, ou são representadas como não aplicáveis.

---

<sup>20</sup> Artigo escrito originalmente em inglês, traduzido por Débora de Carvalho Figueiredo, publicado na revista Linguagem em (Dis)curso v.4- 2004.



No caso de *declarar*, alternativas dialógicas são confrontadas, desafiadas, subjugadas ou mesmo excluídas. Sobre isso, White (2004) afirma que

A opção final de contração dialógica é produzida pelos significados que invocam algum enunciado anterior, ou alguma posição alternativa, para então diretamente rejeitá-la, substituí-la, ou apresentá-la como insustentável. É óbvio que negar ou rejeitar uma posição representa o máximo em termos de contração uma vez que, embora a posição alternativa esteja sendo reconhecida, ela é apresentada como inaplicável – o que significa que ela é confrontada de forma direta. Esse é o campo da negação e da concessão/contra-expectativa.

As formulações que usam declarações, de acordo com Martin & White (2005, p. 121-122), não rejeitam diretamente uma posição contrária, mas limitam as possibilidades de diálogo. Os autores dividem o grupo das declarações em três sub-tipos:

1. **Concordar**: envolve formulações que evidentemente anunciam o remetente como um parceiro no diálogo, sendo este ‘sócio’, normalmente, o destinatário potencial do texto. Para Martin & White (2005, p.122), esta relação de consentimento é marcada por expressões como *claro, naturalmente, não surpreendentemente, admitidamente e certamente*<sup>21</sup>. Cria-se uma relação de consentimento, sendo muitas vezes valores considerados como compartilhados universalmente, ou muito amplamente, o que exclui possibilidades de diálogo. (p.123-124).

2. **Endossar**: nesse caso, formulações de fontes externas são apresentadas pelo autor como corretas, inegáveis. Segundo Martin & White (2005, p. 126), nessas construções são usados processos verbais (ou as nominalizações correspondentes): *mostrar, provar, demonstrar, achar e apontar*<sup>22</sup>. Dessa forma, o endosso funciona para excluir qualquer alternativa de diálogo, por isso ele é considerado pelos autores (2005, p.127) como um recurso de contração dialógica, o que busca levar o leitor a um alinhamento com a posição de valor que está sendo apresentada pelo texto.

3. **Pronunciar**: nesta categoria, enquadram-se formulações que enfatizam a voz autoral, intervenções autorais explícitas ou interpolações (Conforme Martin & White,

<sup>21</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.122. Tradução minha. (of course, naturally, not surprisingly, admittedly and certainly.)

<sup>22</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.126. Tradução minha. (show, prove, demonstrate, find and point out)

2005, p. 127). São expressões recorrentes: *Eu combato ... , os fatos que importam são ... , a verdade nesse assunto é ... , nós só podemos concluir que ... , vocês devem concordar que*<sup>23</sup> ..., etc. De acordo com Martin & White (2005, p.128), tais formulações reconhecem a diversidade dialógica do contexto comunicativo atual, mas elas fixam o autor contra aquela diversidade e apresentam aquela voz como desafiadora.

Quando um pronunciamento confronta o destinatário, o escritor freqüentemente utiliza recursos dialógicos adicionais, buscando a adesão do leitor/ouvinte, segundo Martin & White (2005, p.130). Para os pesquisadores, em outros pronunciamentos, uma terceira opinião pode ser confrontada. Nesse caso, o escritor e o leitor potencial se levantam contra algum adversário dialógico (freqüentemente explorados na política e em comentários jornalísticos).

Os pronunciamentos podem ser expressos de diferentes formas, como afirmam Martin & White (2005, p. 130-131): os autores propõe a oposição entre taxas modais: *subjetivo X objetivo e explícito X implícito*.

	Subjetivo (evidentemente anunciada)	Objetivo (obscurecido, impessoal)
explícito (oração matriz)	Eu <u>acredito que</u> ele está mentindo	<u>É provável que</u> ele esteja mentindo
Implícito (um elemento da oração)	Ele <u>pode</u> estar mentindo	Ele <u>provavelmente</u> está mentindo

Quadro 2- Oposição entre taxas modais - adaptada de Martin & White, p.130-131<sup>24</sup>.

#### 1.3.4 Contração e expansão dialógica

Seguindo Bakhtin, Martin & White (2005, p.99) empregam o termo *heteroglóssico* para as expressões que reconhecem alternativas dialógicas diversas para o texto. Já o termo *monoglóssico* é utilizado para os exemplos que não fazem nenhuma referência a outras vozes e pontos de vista.

<sup>23</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.127. Tradução minha. (I contend..., the facts of the matter are that..., the truth of the matter is that..., we can only conclude that... you must agree that...)

<sup>24</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.130-131. Tradução minha. (I believe that he's lying/He may be lying = subjective; It's probable he's lying/Probably he's lying = objective)

Para os autores (2005, p.100), a análise do engajamento deve levar em consideração os

objetivos comunicativos que são procurados como um todo pelo texto (por exemplo, se discute, explica, narra, reconta, registra, etc.), o papel da proposição com respeito a estes objetivos comunicativos e a natureza da própria proposição.<sup>25</sup>

Outro ponto a ser observado, segundo os pesquisadores, é se o texto busca opiniões concordantes ou se ele pretende levantar uma discussão (p.100).

### 1.3.5 Heteroglossia

São heteroglóssicas as locuções evidentemente dialógicas. De acordo com Martin & White (2005, p.102), os recursos dialógicos podem ser divididos em duas grandes categorias: contração e expansão dialógica, dependendo da funcionalidade intersubjetiva do texto. Sobre isso, White (2004, p.194) afirma que

considera-se que essas várias opções permitem variações de perspectiva – elas permitem uma orientação diferente da diversidade heteroglóssica na qual o texto opera. Além disso, elas são divididas em duas categorias gerais, de acordo com um amplo eixo de variação em termos de funcionalidade retórica: são caracterizadas como geradoras ou de ‘expansão dialógica’ ou de ‘contração dialógica’. A diferença está no grau no qual um enunciado, por meio de uma ou mais palavras, levanta posições e vozes dialógicas alternativas (expansão dialógica), ou, ao contrário, age no sentido de desafiar, dispersar ou restringir o escopo dessas posições ou vozes (contração dialógica).

Martin & White (2005, p.103) destacam que nem sempre as palavras exercem a mesma função no texto. A influência de condições co-textuais diferentes pode levar a variações.

### 1.3.6 Autoria externa

Em atribuição, Martin & White (2005, p. 111) incluem as expressões que trazem para o texto alguma força autoral externa, utilizando-se da fala ou do pensamento. São observados os usos de verbos de processo comunicativo (ele

---

<sup>25</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.100. Tradução minha. (communicative objectives being pursued by the text as a whole (for example, whether it argues, explains, narrates, recounts, records, etc.), the proposition's role with respect to these communicative objectives, and the nature of the proposition itself).

*disse*) ou verbos em que a referência ao processo mental é feita com *acreditar*, *suspeitar*. Nessa categoria, também se incluem nominalizações (a afirmação, acredita que) e alguns adjuntos adverbiais (de acordo com; na visão de)<sup>26</sup>. São incluídas, ainda, instâncias de atribuição onde nenhuma fonte específica é apontada - formulações muitas vezes classificadas como boatos ou rumores (p. 112).

### 1.3.7 A relação escritor-leitor

Na visão de Martin & White (2005, p.114), mais do que apenas classificar os termos, é interessante que se analisem os efeitos retóricos de um enunciado em determinado contexto. Existem textos em que o escritor/falante demonstra estar indiferente. Para os pesquisadores (p. 115), seriam aqueles que buscam a impessoalidade, a imparcialidade (em comparação a textos evidentemente avaliativos). Isso permitiria ao escritor permanecer indiferente a qualquer relação de alinhamento ou desalinhamento.

Em outros textos, o produtor busca demonstrar alta credibilidade, o que pode ser conseguido, de acordo com Martin & White (2005, p. 116-117), com o uso de fontes que tenham alto *status* em seu campo ou, como apontado por Hood (2004) *apud* Martin & White, pela união da multiplicidade de fontes em defesa de determinada idéia (ex.: *a maioria dos lingüistas acredita que...*<sup>27</sup>). A fonte externa é usada como apoio para algum argumento do próprio escritor. Um efeito contrário pode ser obtido se fontes de baixa credibilidade forem empregadas no texto.

## 1.4 Gradação

A gradação se refere às marcas avaliativas apresentadas no texto através de escolhas em uma escala, a gradabilidade dos significados atitudinais, segundo Martin & White (2005, p. 135). Para os autores, os valores positivos ou negativos de afeto, julgamento e apreciação podem ser construídos em maior ou menor grau, apontando para um baixo, médio ou alto grau de comprometimento do produtor em

<sup>26</sup> Exemplos adaptados de Martin & White, 2005, p.111. Tradução minha. (*he said/ believe/ suspect - assertion that/he belief that/ according to/ in x's view*)

<sup>27</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.116. Tradução minha. (*most linguists believe that...*)

relação a seu texto. Também no engajamento é observada a gradabilidade da avaliação.

Exemplo<sup>28</sup>:

	<i>Baixo grau</i>	<i>Médio grau</i>	<i>Alto grau</i>
Julgamento	jogador competente	jogador bom	jogador brilhante
Afeto	ligeiramente chateado	muito chateado	extremamente chateado
Apreciação	atraente	Bonito	primoroso

Quadro 3- Gradação, baseada na tabela 3.4 de Martin & White (2005, p.136).

Em suas análises (2005, p.216), os autores apontam exemplos que carregariam fortes emoções negativas, o que seria um sinal de “grau alto de compromisso<sup>29</sup>” em relação ao posicionamento defendido pelo autor.

Conforme Martin & White (2005, p. 137), a *gradação* opera através de dois eixos escalares – *força* – graduar de acordo com intensidade ou quantia, e *foco* – graduar de acordo com a característica e a precisão.

#### 1.4.1 Foco

De acordo com Martin & White (2005, p.137), *foco* se aplica tipicamente a categorias que, quando vistas de uma perspectiva experiencial, não podem ser colocadas em escala.

Por exemplo,

Eles não tocam jazz *real*.

Eles tocam *um tipo de jazz*<sup>30</sup>.

Da perspectiva experiencial, jazz é uma categoria distinta, dentro de uma taxonomia de tipos de música, definida por várias propriedades. Porém, é reconstruída de acordo com uma semântica interpessoal que leva em conta o desempenho musical (Martin & White, 2005, p.137-138).

O efeito retórico da gradação varia de acordo com o valor estar sendo aguçado ou suavizado. A voz do autor apontará para posições de valor (positivas ou

<sup>28</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.136 (Tabelas). Tradução minha (competent player/good player/brilliant player – contentedly/happily/ecstatically – attractive/beautiful/exquisite – I suspect/I believe/ I am convinced).

<sup>29</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.216. Tradução minha. (high degree of commitment).

<sup>30</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.137. Tradução minha. (they don't play **real** jazz / they play jazz, **sort of**.)

negativas). Para Martin & White (2005, p.139), quando é suavizado um termo negativo, o escritor parece oferecer um gesto conciliatório para manter solidariedade com visões contrárias. Já quando o termo suavizado é um positivo, o efeito não é tão direto.

#### 1.4.2 Força

De acordo com Martin & White (2005, p.140) a *força* se refere ao grau de intensidade e à quantidade. Avaliações de grau de intensidade podem operar sobre qualidades, processos ou sobre modalidades verbais de probabilidade, usualidade, inclinação e obrigação. Os pesquisadores empregam o termo *intensificação* para se referir a este escalamento de qualidades e processos. Avaliações de quantidade se aplicam a entidades, não a qualidades e processos.

##### 1.4.2.1 Intensificação

A intensificação se divide em duas grande classes lexicogramaticais: *isolamento* e *introdução*, conforme Martin & White (2005, p.141).

*Isolamento*: quando na escala de alto/baixo é percebido por um item isolado.

Exemplo: *um pouco* miserável, *bastante* miserável, *extremamente* miserável<sup>31</sup>.

*Introdução*: não há nenhuma forma léxica separada que carregue a sensação de intensificação. Para Martin & White (2005, p.144-145), o escalamento vem como um aspecto do sentido de um termo.

Exemplo:

Qualidade - contente, feliz, jovial

Processo - isto *me inquietou*, isto *me surpreendeu*,

Modalidade - possível, provável, certo<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.141 (exemplos). Tradução minha. (somewhat miserable, fairly miserable, extremely miserable.)

<sup>32</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.144 (exemplos). Tradução minha. (contented, happy, joyous / this disquieted me, this startled me, this frightened me, this terrified me / possible, probable, certain)

De acordo com Martin & White (2005, p. 144), a intensificação também pode ser percebida por repetição:

Do mesmo artigo léxico: Isto está *quente quente quente*<sup>33</sup>.

Uso de termos que são semanticamente próximos ou relacionados: De fato ele provavelmente era o mais *imaturato, irresponsável, infame e enganoso*...<sup>34</sup>

A intensificação aplicada a processos é um pouco mais complexa, segundo Martin & White (2005, p.145). Enquanto qualidades (adjetivos e advérbios) são graduáveis por meio de intensificadores gramaticais (como *ligeiramente, bastante, muito*<sup>35</sup>), este não é o caso com processos. Apenas um pequeno grupo é gramaticalmente escalável: verbos de afeto e também subconjuntos semânticos.

Muitos outros tipos de processos não são escaláveis por estes meios, conforme Martin & White (2005, p. 145). Em inglês não é possível escalar a intensidade da ação descrita por um verbo de movimento por meio de tais advérbios gramaticais. O mesmo ocorre com a maioria dos verbos de percepção:

Exemplos: \*A água molhou *levemente*.

\*Ele assistiu *muito* ao desfile.<sup>36</sup>

Nesses casos, o escalamento se dará de acordo com a semântica específica de cada verbo, conforme os autores (2005, p. 146):

A água fluiu *lentamente*.

Ela assistiu *atentamente*<sup>37</sup>.

#### 1.4.2.2 Quantificação

Quantificação envolve escalas com respeito à quantidade (tamanho, peso, força, número), extensão, (tempo e espaço) e proximidade (tempo e espaço),

<sup>33</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.144 (exemplos). Tradução minha. (It's hot hot hot.)

<sup>34</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.145 (exemplos). Tradução minha. (In fact it was probably the most immature, irresponsible, disgraceful and misleading...)

<sup>35</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.145 (exemplos). Tradução minha. (slightly, rather, very)

<sup>36</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.145 (exemplos). Tradução minha. (\*The water slightly flowed. / \*He greatly watched the passing parade)

<sup>37</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.146 (exemplos). Tradução minha. (The water flowed slowly / The watched intently.)

conforme Martin & White (2005, p.148-149). Entidades concretas ou abstratas podem ser quantificadas.

Freqüentemente, de acordo com os autores (p.149), entidades abstratas carregarão significados atitudinais. Por exemplo:

(afeto) Eu tenho *muitas* preocupações sobre seu desempenho.

(julgamento) Ele é adquiriu um *grande* talento para tocar guitarra.

(apreciação) As *muitas* belezas do vale do Nilo<sup>38</sup>.

Para Martin & White (2005, p.150), algumas vezes há uma diferença sutil de significado entre a taxa de algum comportamento, como, por exemplo, um *desapontamento enorme* (quantificação) em lugar de *desapontado imensamente* (intensificação)<sup>39</sup>. Porém, para os pesquisadores, é necessário reconhecer a “natureza metafórica” deste tipo de quantificação. Conforme os autores, em algumas análises pode ser útil identificar instâncias de intensificação como quantificação ou quantificação como intensificação (p.150).

Conforme Martin & White (2005, p. 152), a força (intensificação e quantificação) interage com a atitude para aumentar ou diminuir o 'volume' daquela atitude. Isso estaria associado aos efeitos de alinhamento e solidariedade. Com um escalamento para cima, o escritor demonstra comprometimento máximo com a comunidade de valor que está sendo defendida.

## 1.5 Motivação e Ethos

### 1.5.1 Motivação

Um questionamento inicial que motivou este estudo é o que leva tantas pessoas a escreverem cartas do leitor. Segundo Meurer (1997, p. 18):

---

<sup>38</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.149-150 (exemplos). Tradução minha. (I have many worries about your performance. / He's got a great talent for playing the guitar. / The many beauties of the Nile valley.)

<sup>39</sup> Conforme Martin & White, 2005, p.150. Tradução minha. (huge disappointing/hugely disappointing).



O primeiro passo para a produção de um texto acontece a partir de uma determinada motivação (...) de maneira geral, a motivação para o surgimento de um texto acontece como resultado da interação dos seguintes componentes: 1) desejos, necessidades ou conflitos gerados a partir da *história discursiva individual* de cada pessoa e 2) necessidades, conflitos ou diferenças gerados dentro dos diferentes *discursos institucionais*<sup>40</sup>.

Por suas idéias polêmicas, muitas vezes contrárias ao senso comum, alguns autores despertam o interesse de dezenas de pessoas, que semanalmente enviam seus comentários às revistas ou aos jornais, concordando ou não com suas opiniões. De acordo com Abreu (2000, p. 31) "...essas pessoas, em um primeiro instante, se tornam alvo da incompreensão da massa que defende o senso comum". Em muitos casos, articulistas provocam a admiração ou a ira de tantas pessoas, por, diversas vezes, seus textos causarem estranhamento, definido, especialmente no formalismo russo, segundo Abreu (2000, p. 32) "como a capacidade de tornar novo aquilo que já se tornou habitual em nossas vidas". Nas cartas, os leitores, em geral, mostram opiniões contrárias ou favoráveis às dos articulistas.

### 1.5.2 Ethos

Cada vez que a linguagem é utilizada, tanto em um texto escrito quanto em um relato oral, uma imagem de quem está falando ou escrevendo é construída. Para Amossy (2005, p. 9), isso acontece sem que seja "necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo fale explicitamente de si". Segundo a autora, essa imagem vai sendo construída a partir do estilo do autor, das suas competências lingüísticas e também de seus conhecimentos enciclopédicos, o que leva o produtor de um discurso a efetuar uma "apresentação de si". Conforme Amossy (p.9), essa apresentação nem sempre ocorre de forma engenhosa, ela pode se dar até nos contatos pessoais diários mais simples. Essa imagem, quando construída de forma a buscar sucesso oratório, era chamada pelos antigos, segundo a autora, pelo termo *ethos* (2005, p.10).

Segundo Amossy (2005, p. 12), as pesquisas sobre o as imagens de si no discurso ganharam força com os estudos do sociólogo Erving Goffman. De acordo

---

<sup>40</sup> Segundo Meurer (1997, p.21), "os discursos institucionais dizem respeito ao conjunto de princípios – expressos através de textos – que indicam ou regulam o que é aceito (ou não) pelas diferentes instituições. (...) A história discursiva de cada escritor diz respeito às experiências individuais de cada pessoa."

com Goffman *apud* Amossy, em todas as interações sociais as pessoas mostram, voluntária ou involuntariamente “certa impressão de si mesmos que contribui para influenciar seus parceiros do modo desejado”. Para este estudioso, as pessoas estariam desempenhando papéis, e o papel social dos indivíduos influenciaria esse desempenho: “a apresentação de si uma vez que é inerente a toda troca verbal e submetida a uma regulamentação sociocultural, ela supera largamente a intencionalidade do sujeito que fala e age” (2005, p.13).

O termo *ethos*, conforme Amossy (2005, p. 14), é empregado pela primeira vez na teoria polifônica de Oswald Ducrot, na pragmática semântica. Para essa teoria, de acordo com a autora, é “importante não confundir as instâncias internas do discurso, que são ficções discursivas, com o ser empírico que se situa fora da linguagem”. Amossy faz ainda uma relação entre Ducrot e Aristóteles, afirmando que

O recurso à noção do *ethos* para designar a imagem do locutor como ser do discurso não é menos interessante uma vez que é efetivamente bastante próximo da concepção aristotélica, e constitui um ponto de encontro fecundo entre duas teorias divergentes da argumentação. No entanto, Ducrot não desenvolveu sua reflexão sobre o *ethos*. (2005, p. 15)

Outro pesquisador a desenvolver os estudos sobre o *ethos* foi Dominique Maingueneau, que articulou essa noção à de cena de enunciação. Segundo Amossy (2005, p. 16), “no conjunto, vê-se que a análise do discurso segundo Maingueneau retoma as noções de quadro figurativo apresentadas por Benveniste e de *ethos*, proposta por Ducrot, dando-lhes expansão significativa”.

Em outra retomada dos antigos, Amossy (2005, p. 17) relaciona a visão de *ethos* de Aristóteles (“imagem de si construída no discurso”) e dos romanos (“um dado preexistente que se apóia na autoridade individual e institucional do orador”). Para a retórica clássica, segundo a autora (p.18), o *ethos* era conhecido por “caracteres oratórios” e deveria ser distinguido dos caracteres reais. De acordo com Le Guern *apud* Amossy (2005, p.19) “a eficácia do discurso deriva claramente dos caracteres oratórios e não dos caracteres reais”.

No caso das pesquisas em retórica, Amossy menciona os estudos de Chaïm Perelman, cuja obra faria menção ao *ethos* ao relacionar o interesse do orador por sua platéia, ao buscar “construir uma imagem confiável de sua própria pessoa, em função das crenças e valores que ele atribui àqueles que o ouvem” (2005, p.19).

Relacionando ethos e teoria da narratologia, surge a questão da credibilidade do narrador. De acordo com Halsall *apud* Amossy (2005, p. 21), o processo comunicativo estaria fundado em uma confiança mínima existente entre os participantes e caberia a uma retórica narrativa a determinação de como “a enunciação contribui para criar, no enunciatário, uma relação de confiança fundada na autoridade que o enunciador deve se conferir caso deseje convencer”. Para essa perspectiva, um narrador enganador poderia conferir indefinição sobre sua confiabilidade e, por isso, sobre a confiabilidade do sentido do enunciado.

Das idéias de Bourdieu, Amossy traz a noção de *ethos prévio*, que seria a imagem feita pelo auditório no instante em que o locutor toma a palavra. Segundo Amossy (2005, p.26), Bourdieu propõe uma “reinterpretação da noção de ethos no quadro do conceito de *habitus* (conjunto das disposições duráveis adquiridas pelo indivíduo durante o processo de socialização)”.

Em se tratando de *ethos*, Eggs (2005, p.30) faz um paralelo entre dois campos semânticos considerados opostos: “um, de sentido moral e fundado na *epieíkeia*, engloba atitudes e virtudes como *honestidade*, *benevolência* ou *eqüidade*; outro, de sentido menos neutro ou ‘objetivo’ de *héxis*, reúne termos como *hábitos*, *modos* e *costumes* ou *caráter*”. Eggs mostra, em sua discussão, que estas duas concepções não são contrárias, mas sim são dois lados necessários para toda atividade argumentativa.

Eggs (2005, p.30), discute outro ponto em relação ao ethos: com exceção de Dominique Maingueneau (que usa o termo *ethos*), ele está presente em várias teorias atuais, mas com a utilização de outra nomenclatura.

...os vestígios de ethos estão realmente presentes na pesquisa moderna, freqüentemente escondidos, ou melhor, rechaçados para outras problemáticas – seja como *condição de sinceridade*, na teoria dos atos de linguagem de Searle, como *princípio de cooperação* ou como *máximas conversacionais* em Grice, seja como *máximas de educação*, *de modéstia* ou *de generosidade*, em Leech e em outros autores. Basta ler as passagens sobre “a adaptação do orador ao seu auditório” ou sobre “a pessoa e seus atos” ou sobre “o discurso como ato do orador” em Perelman, para se dar conta de que o ethos está sempre presente como *realidade problemática de todo discurso humano* (Eggs, 2005, p.30).

Nos estudos lingüísticos atuais, há poucas referências ao ethos. Nas pesquisas de John Searle, segundo Eggs (2005, p.44), encontramos a discussão sobre a sinceridade, que é uma qualidade do ethos. Em Searle *apud* Eggs, há a discussão de promessa sincera e não sincera. Já em Grice *apud* Eggs, poderia-se

encontrar referências à sinceridade nas máximas conversacionais. Na teoria da polidez, de Leech *apud* Eggs (p.46), poderia ser encontrada uma complementação às máximas de Grice.

Na discussão sobre sinceridade, há um destaque para a ironia. Em Leech *apud* Eggs (p.47), distingue-se o princípio da ironia e o da implicância: “Para Leech, o discurso irônico permite respeitar no plano do explícito o princípio da polidez sem, no entanto, negar o princípio da cooperação, uma vez que se diz o que é preciso dizer no plano do implícito”.

O *ethos*, de acordo com Eggs (2005, p.31), é mostrado no discurso através das escolhas feitas pelo orador. O autor aponta, a partir da retórica de Aristóteles, quais são as qualidades para que um discurso inspire confiança: “Os oradores inspiram confiança, se seus argumentos e conselhos são sábios e *razoáveis*, se argumentam *honestamente* e *sinceramente*, e se são *solidários* e *amáveis* com seus ouvintes” (2005, p.32). Para que se chegue a um discurso ideal, Eggs destaca a importância de se encontrar um ponto de equilíbrio, que foi chamado, “na Ética a Nicômano, como uma disposição adquirida para encontrar a justa medida” (p.34). Esse ponto de equilíbrio é mostrado por Eggs em forma de esquema<sup>41</sup>:

covardia avareza	coragem generosidade	temeridade prodigalidade
falta	meio <b>virtude</b>	excesso

Quadro 4. Ethos- Ponto de equilíbrio

Conforme Eggs (2005, p.38), o orador precisa encontrar os argumentos adequados ao auditório para que um discurso seja verdadeiro e justo. Mas isso não significa que deva ocorrer manipulação, que haja uma aparência de honestidade, mas sim que o discurso deve “*apresentar-se* honesto e sincero para que o verdadeiro e o justo se imponham”. O autor afirma, ainda (p.39), que é necessário que o *ethos* se mostre próprio à idade do orador e à situação social em que se encontra, adaptando o discurso ao auditório, realizando, assim, um “*ethos neutro* ou *ethos objetivo*”. Com base nisso, Eggs conclui que

<sup>41</sup> Adaptado de Eggs (2005, p.34)

não se pode realizar o *ethos* moral sem realizar ao mesmo tempo o *ethos* neutro, objetivo ou estratégico. É preciso agir e argumentar estrategicamente para poder atingir a sobriedade moral do debate. Essas duas faces do *ethos* constituem, portanto, dois elementos essenciais do mesmo procedimento: *convencer pelo discurso* (2005, p.39).

#### 1.5.2.1 *Ethos, logos, pathos*

A partir da *Retórica* de Aristóteles, Eggs (2005, p.40) procura ressaltar a importância do *ethos* diante do *logos* e do *pathos*. É destacada a importância do *ethos* do orador, da disposição do ouvinte e do discurso em si como “provas fornecidas pelo discurso”. O autor destaca que

o *logos* convence *em si e por si mesmo*, independentemente da situação de comunicação concreta, enquanto o *ethos* e o *pathos* estão sempre ligados à problemática específica de uma situação e, sobretudo, aos indivíduos concretos nela implicados (2005, p.41).

Eggs (2005, p.41-42) lembra também que a importância dessas três provas dependerá do gênero textual em que o discurso se insere. Nenhuma das três deve ser excluída, uma vez que todas são levadas em consideração pelo auditório. Para o autor, o *ethos* seria uma “*condensação específica* dessas três dimensões”, podendo, portanto, ser considerada a mais importante das provas.

#### 1.5.2.2 *Ethos e retórica*

Para Dascal (2005, p.57), “a *Retórica* de Aristóteles é uma obra cuja unidade parece problemática”. Uma incompatibilidade apontada por Dascal seria a relação entre *ethos*, *pathos*, *logos* e a argumentação. Conforme o autor, a partir da teoria aristotélica, *ethos* e *pathos* deveriam ser vistos fora da ordem argumentativa, uma vez que os argumentos (compostos por proposições) “visam a levar o público a adotar certas crenças”. Nessa perspectiva, a função do *ethos* seria “engendrar no público uma disposição em relação ao orador”, e, no caso do *pathos*, “suscitar um estado emocional”. Nem *ethos* nem *pathos* tem, em sua composição, proposições ou crenças, o que faria com que ambos estivessem fora do domínio argumentativo-cognitivo, de acordo com o pesquisador. Porém, para Dascal, parece

possível recuperar a unidade retórica aristotélica sem excluir dela o *ethos* e o *pathos* (...) gostaria de mostrar que a “prova pelo *ethos*” se funda em processos inferenciais, ou seja, cognitivos, que não são em substância diferentes dos processos pragmáticos normais de interpretação de enunciados. (2005, p.58)

Dascal (2005, p.60) discute uma questão problemática em relação ao *ethos* na argumentação: o caráter projetado, que influenciaria a “plausibilidade e a aceitabilidade” do argumento. Isso seria um problema para a argumentação, uma vez que ocorre através de um “canal não discursivo que não tem, aparentemente, nada a ver com as noções de prova ou de argumento”. Essa dificuldade ocorre porque se dá uma

‘influência indireta’ do caráter projetado – que tem, além disso, em geral, mais força que a tematização explícita do caráter,, na medida em que essa sugere a possibilidade de seu questionamento, enquanto aquela o faz passar por ‘natural’.

Como o que se diz sobre o caráter não é “proposicional”, segundo Dascal (2005, p.60), não suscita questionamentos que normalmente ocorrem quanto à veracidade das proposições e quanto à força argumentativa,

De acordo com Dascal (2005, p.61), a eficiência da argumentação pelo *ethos* consistiria na absorção da informação sobre o caráter e não no fato de ela ser “admitida” pelo auditório. Esse processo se daria de modo diferente das formas cognitivas típicas das argumentações, o que sugere a prova pelo *ethos*. Mas Dascal faz uma ressalva: se a avaliação do auditório é afetada pelo caráter projetado do orador e se as propriedades do caráter são importantes para a avaliação de uma argumentação quando explicitamente tematizada, não haveria nenhuma justificativa para considerar inválida a força do argumento e sua importância “quando não são tematizadas, mas apenas projetadas pelo locutor e absorvidas pelo auditório”. Em ambos os casos “a credibilidade do locutor afeta a plausibilidade de seu argumento”.

A contribuição do *ethos* para qualquer ato discursivo, conforme Dascal (p.62), dar-se-ia de forma direta (não tematizada) “no sentido de que ela é estabelecida sem ser mencionada”. É destacada pelo autor a importância dos

casos em que não se invocam explicitamente as propriedades de caráter, mas em que é mais o comportamento (discursivo ou não discursivo) do locutor que aumenta ou diminui o grau de confiança, de especialidade, de honestidade etc. que lhe é atribuído (2005, p.63).

Nesse caso, a informação sobre o caráter do locutor seria apreendida de seu comportamento, através de inferências feitas pelo auditório. A esse processo Dascal dá o nome de *proposicionalização*, feita a partir de “premissas a respeito do caráter veiculadas implicitamente pelo comportamento” (p.63). Por outra perspectiva, haveria uma tentativa de preservar o “caráter não-proposicional ou quase-proposicional da informação sobre o caráter transmitida pelo comportamento”. O auditório absorveria essa informação sem transformá-la em premissa, sendo ela “percebida sem ser inteiramente ‘definida’”, segundo Dascal (2005, p.64). As atitudes de determinada pessoa seriam “captadas” a partir de seu comportamento, o que levaria o auditório a “escolher um esquema de interpretação adequado”. Para o autor, ao menos parte do caráter projetado pelo locutor “é ‘captada’ mais que conceitualizada ou proposicionalizada; ela condiciona o esquema interpretativo que será aplicado, não depende dele”. Isso teria forte influência na credibilidade do discurso.

Segundo Dascal (2005, p.64-65), o auditório poderia ser fortemente influenciado por um “*input* pré-proposicional”, que o levaria não só à determinada interpretação do discurso mas também à “preferência de certos valores aos invés de outros”. Esse “preconceito” levaria a determinados julgamentos, muitas vezes indevidos. Para Dascal

o caráter assim construído consiste, por um lado, em um conjunto de proposições que podem ser objeto de crenças – no que ele não se distingue de outros estados cognitivos. Mas sua construção depende, por outro lado, do modo como o discurso ou o comportamento não-discursivo do orador é “captado” pelos cidadãos, à luz de seus desejos, preocupações, crenças e, mesmo, de seus preconceitos. Uma vez construído e aceito, esse “caráter” preenche uma função na formação de uma disposição ou de uma predisposição favorável ou contrária ao orador. Ela determina o valor da credibilidade, isto é, o peso maior ou menor que a “função de credibilidade” atribuirá à plausibilidade de seus argumentos. (2005, p.66)

Com base nos pressupostos teóricos vistos, este estudo pretende observar a relação existente entre escritor-leitor, ambos parte de uma comunidade. O trabalho busca verificar de que modo os sentimentos são compartilhados nessa relação e como isso se manifesta linguisticamente.

A seguir, apresentaremos a metodologia empregada neste estudo.

## CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os critérios para a seleção do corpus e os passos empregados na análise dos textos.

### 2.1 Constituição e seleção do *corpus*

Como *corpus* para este estudo, inicialmente, foram selecionadas todas as edições da revista *Veja* do ano de 2004. Dentre os diferentes gêneros da publicação, o artigo de opinião e a carta do leitor foram escolhidos, tendo por objetivo analisar a formação de uma comunidade de leitores.

Dos artigos de opinião da revista, selecionamos aqueles escritos pelo colaborador Diogo Mainardi, bem como as cartas do leitor enviadas à redação da revista durante o ano de 2004 comentando os textos do articulista. Para termos um panorama geral da temática dos textos, todos eles foram lidos e organizados por assunto.

Além das análises textuais, foi feita uma pesquisa sobre a revista *Veja* e seu colaborador Diogo Mainardi. Através de publicações da própria revista e de reportagens e entrevistas de outros meios, procuramos conhecer um pouco da vida do polêmico articulista, a fim de sabermos mais sobre sua imagem e sobre a visão que os leitores têm dele. Com base em dados da revista *Veja* e da editora Abril, investigamos, ainda, o leitor da revista, o outro elo da relação autor-leitor que buscamos para apontar a formação da comunidade de leitores.

A primeira edição de *Veja* é de 11 de setembro de 1968. De acordo com o Perfil de *Veja*, atualizado em 01/11/2002, enviado via e-mail pela redação da revista, a publicação está subdividida, atualmente, em editorias: *Brasil*, *Internacional*, *Economia e Negócios*, *Artes e Espetáculos* e *Geral*. Há seções como *Radar*, *Veja essa*, *Gente*, *Cartas*, *Holofote* e *Contexto e Guia*.

Ainda de acordo com o Perfil apresentado pela editoria de *Veja*, a revista também conta com a colaboração de alguns articulistas fixos. O economista Claudio de Moura Castro, o historiador o administrador Stephen Kanitz e a escritora Lya Luft se revezam na coluna *Ponto de Vista*. O economista Gustavo Franco e o cientista político Sérgio Abranches alternam-se na coluna *Em foco*. Diogo Mainardi tem uma



coluna semanal com o seu nome, no caderno de *Artes e Espetáculos*. A coluna *Ensaio* encerra a revista e é assinada pelo jornalista Roberto Pompeu de Toledo, editor especial de VEJA.

Qualquer pessoa pode entrar em contato com a revista, desde que se identifique: “as cartas devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor”. Além disso, a seção *Expediente* informa ainda que “por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente”.

A coluna de Diogo Mainardi é, em muitas semanas, um dos assuntos mais comentados da revista. Como exemplo:

<i>Título da coluna</i>	<i>Data da publicação</i>	<i>Cartas recebidas</i>
O pior é melhor	28-01-2004	224
Coliformes acrobatas	11-02-2004	81
Meu conselho ao presidente	24-03-2004	147
O diogomainardismo	16-06-2004	83

Quadro 5 – Assuntos mais comentados da revista

Sabemos que as cartas do leitor, muitas vezes, sofrem transformações em sua composição textual para serem publicadas nas revistas. Para este trabalho, as cartas do leitor serão observadas na forma em que se apresentam na revista Veja, sem levar em consideração possíveis modificações que os textos originais possam ter sofrido. Este trabalho tem por objetivo analisar o uso da linguagem na interação colunista–leitor. Não buscamos, neste estudo, observar ou julgar ideologias defendidas por uma ou outra das partes envolvidas nessa interação.

Para selecionar o *corpus*, inicialmente, foram separadas todas as cartas do leitor referentes às colunas de Diogo Mainardi publicadas na revista Veja no ano de 2004, totalizando 85 textos. Como as cartas respondem às produções de Mainardi, foram observadas, também, todas as colunas do ano de 2004, totalizando 51 textos. Deste grupo, 15 artigos foram eliminados, pois não foram publicadas cartas comentando os assuntos deles.

Na seleção do *corpus*, (cartas e colunas), primeiramente, utilizamos um programa computacional, para termos uma visão geral das palavras empregadas na constituição dos textos, em busca de itens lexicais expressivos, uma vez que a

linguagem avaliativa de um texto é apontada pelo uso de adjetivos, advérbios, substantivos ou verbos. Já as manifestações de primeira pessoa estariam indicando marcas claras do *ethos* do produtor. De acordo com Sardinha (1999, p.1 e 2), o computador está presente no meio profissional há mais de 40 anos, mas na área da linguagem, ele ainda é pouco utilizado. Segundo o autor

a maioria dos estudos da linguagem ainda se faz em cima de pequenas quantidades de dados, coletados, mantidos e analisados à mão. (...) As razões para esta escassez do computador na pesquisa lingüística são várias. Uma delas é a falta de conhecimento dos instrumentos disponíveis. Muitos pesquisadores acatam com prazer o computador e software de análise quando mostrados como utilizar ferramentas computacionais na sua pesquisa acadêmica.

Para Sardinha (1999, p.2), há muitas vantagens no uso de programas computacionais em análise de linguagem. Uma delas seria que “os computadores não se cansam, e assim podem fazer tarefas tediosas”. De acordo com o pesquisador, “O exame de um corpus de 1 milhão de palavras é uma tarefa quase impossível para o ser humano, mas para um computador, mesmo do tipo pessoal de mesa, é algo que se faz em poucos segundos”.

No caso deste estudo, o programa computacional escolhido foi o *TextSTAT*, *software* livre desenvolvido pelo Prof. Dr. Matthias Hüning, da *Freie Universität Berlin*. Dentre as vantagens do uso deste *software*, está a compatibilidade com o uso do *Microsoft Office Word* e também *OpenOffice* (este último também livre, já utilizado em muitas instituições brasileiras). Ao baixar o *software* para o computador, o que é feito a partir de uma página da internet, de forma bastante rápida e simples, são apresentadas as instruções:

TextSTAT is a simple programme for the analysis of texts. It reads ASCII/ANSI texts (in different encodings) and HTML files (directly from the internet) and it produces word frequency lists and concordances from these files. This version includes a web-spider which reads as many pages as you want from a particular website and puts them in a TextSTAT-corpus. The new news-reader puts news messages in a TextSTAT-readable corpus file.

TextSTAT now reads MS Word and OpenOffice files (OOo 1 (.sxw) and 2 (.odt)). No conversion needed, just add the files to your corpus...

In TextSTAT you can use regular expression which provides you with powerful search possibilities. The programme is multilingual. Because it uses Unicode internally, TextSTAT can cope with many different languages and file encodings. The user interface comes in three languages: English, German, and Dutch.

(...)

**TextSTAT is free software.** It may be used free of charge and it may be freely distributed provided the copyright and the contents of all files, including TextSTAT.zip itself, are unmodified. Commercial distribution of the programme is only allowed with permission of the author. Use TextSTAT at your own risk; the author accepts no responsibility whatsoever. The sourcecode version comes with its own license.

(<http://www.niederlandistik.fu-berlin.de/textstat/software-en.html>)

Inicialmente, os grupos de textos (cartas e colunas) foram analisados com a ferramenta *Word Forms*, do programa *TextSTAT*. Este recurso organiza uma lista de palavras, mostrando o número de vezes que cada uma delas apareceu no arquivo. No caso deste trabalho, optamos pela ordem de recorrência das palavras – *frequency* - (pode-se optar também pela ordem alfabética de duas formas: *alphabetically* ou *retrograde* – palavras em ordem alfabética ou ordem alfabética inversa, começando pelo final da palavra).

Para organizar as listas de palavras, foram salvos dois arquivos: um de cartas e um de colunas, excluindo-se título, subtítulos, remetente das cartas, endereços, etc., para que somente os textos propriamente ditos fossem analisados.

Uma vez feita a listagem de palavras, *Word Forms*, as listas foram analisadas para que fizéssemos uma escolha de itens lexicais relevantes para dar continuidade aos passos de análise. Além dos vocábulos mais recorrentes (preposições, conjunções, artigos, etc.), a comparação das listas nos apontou para algumas escolhas: no caso das colunas de Diogo Mainardi, como a intenção é observar as principais marcas de *ethos* do colunista, a palavra escolhida foi **eu** (que foi listada na forma ‘eu’ e ‘Eu’ pelo programa). Já no caso das cartas do leitor, como buscamos verificar as opiniões dos leitores sobre Diogo Mainardi, selecionamos as palavras **Diogo** e **Mainardi**. Nas 36 colunas, o vocábulo “eu” surgiu 20 vezes com inicial maiúscula e 11 com maiúscula. Já nas cartas, encontramos 90 recorrências do item “Mainardi” e 61 de “Diogo”.

Feitas as escolhas, uma segunda ferramenta do programa *TextSTAT* pode ser utilizada: *corcordance*, que faz uma seleção de frases em que a palavra apontada aparece. Deve-se determinar com quantos caracteres antes e depois da palavra selecionada se quer trabalhar (empregamos, nesta busca, 100 caracteres antes e 100 depois da palavra).

Ex.:

ente em propaganda, para persuadir o eleitorado pobre de que ele está trabalhando pelos pobres. Que **EU** saiba, nenhum governo do mundo gasta tanto em propaganda quanto o nosso. Um bilhão e meio de reais

(fragmento da coluna *Pobre é bom negócio*, de Veja, 14-07-2004)

Após fazer a listagem de frases com o uso de *concordance*, ao se clicar duas vezes com o *mouse* sobre a palavra que está em determinada sentença, o programa mostra o contexto em que a palavra apareceu, mostrando a frase em vermelho e as demais ao seu redor em preto. A partir dessas frases e, algumas vezes do contexto maior em que ela se insere (que mostra mais claramente a temática), conseguimos identificar a qual coluna ou carta o vocábulo pertence. Com isso, verificamos que, das 36 colunas, o item lexical “eu” foi usada em 13 delas, sendo, então, a partir de agora, apenas estas as analisadas (algumas vezes a palavra “eu” apareceu mais de uma vez nessas colunas). Em duas das colunas observadas o pronome “Eu/eu” não se referia a Mainardi.

No caso das cartas do leitor, conforme mencionado, optamos por trabalhar com as que se referiam diretamente ao colunista, utilizando “Diogo” ou “Mainardi” (ou ainda “Diogo Mainardi”) e se referissem às 13 colunas anteriormente selecionadas, o que pareceu bastante produtivo, uma vez que buscamos observar a interação escritor-leitor.

## **2.2 Passos de análise**

Com o corpus delimitado, passamos então à organização da análise. Para melhor situar os textos que julgamos sinalizarem a formação de uma comunidade de leitores, consideramos que é necessário partir do contexto da produção destes. A partir da noção de prática discursiva, de Fairclough e de campo, relação e modo, de Halliday, procuramos conhecer melhor os participantes da interação escritor-leitor, bem como o veículo responsável pela veiculação dos dois textos: a revista *Veja*.

Para uma observação mais produtiva da relação autor-leitor, optamos por organizar três grupos de textos, cada um constituído por uma coluna e as cartas que mostram as manifestações dos leitores sobre ela. Do grupo de treze textos, reunidos a partir da seleção feita com o uso do programa computacional, três exemplares, considerados bastante significativos para a análise, foram selecionados. Em resposta a esses três textos, foram publicadas em *Veja* 10 cartas<sup>42</sup> do leitor, as quais são utilizadas na análise. Optamos, ainda, por formar um quarto grupo, composto

---

<sup>42</sup> Algumas das cartas referentes aos textos escolhidos não continham os vocábulos Diogo/Mainardi, mas foram mantidas nos grupos para que estes permanecessem tal como foram publicados na revista.

por uma coluna escrita em resposta a comentários de leitores sobre diferentes assuntos e uma carta do leitor que foi publicada sobre ela.

De cada um dos três primeiros grupos, analisamos separadamente cartas e coluna, julgando ser o artigo de Diogo Mainardi o estímulo para a escrita das cartas do leitor. Cada coluna foi analisada parágrafo a parágrafo, considerando-se os aspectos teóricos anteriormente vistos neste estudo. Após o quadro com cada segmento, segue a análise feita.

Observando os artigos de Diogo Mainardi, buscamos mostrar a motivação para a escrita das cartas do leitor. Esta análise é feita a partir da concepção de motivação, proposta por Meurer (1997), e da noção de *Ethos*, organizada por Amossy (2005). Analisamos, nas colunas selecionadas, a presença de marcas lingüísticas, como as de primeira pessoa, que mostrem o *ethos* que está sendo construído através das escolhas de Diogo Mainardi. As perguntas norteadoras a respeito dos itens são: Que imagem de si está sendo passada para o leitor? Essa imagem pode ser a motivação para a produção das cartas dos leitor? Já nas cartas, que imagem os leitores fazem de Diogo Mainardi? E que marcas os autores deixam nesses textos, apontando para seu próprio *ethos*?

As cartas e colunas são também analisadas a partir da teoria da valoração, apresentada neste estudo com base em White (2004) e em Martin & White (2005) e classificadas nas três categorias: afeto, julgamento e apreciação, através de índices avaliativos, como adjetivos, advérbios, substantivos, verbos, etc. São verificadas, ainda, as marcas lingüísticas que apontem para o engajamento, através de formas de retomada de textos anteriores, da apresentação de vozes externas ou do diálogo com o leitor. A forma gradativa como se dão essas manifestações é observada a partir dos índices que apontam para o comprometimento do produtor em relação aos seus posicionamentos, através de escolhas feitas em uma escala.

A seguir, é apresentada a reação dos leitores, manifestada através das cartas. Cada um dos dez textos é também analisado com base nos pressupostos teóricos que norteiam este estudo. São buscadas, ainda, as formas de retomada de textos precedentes, a presença de vozes externas e o dialogismo, bem como o uso de índices de apoio (verbos, adjetivos, advérbios, etc.) e de crítica, que apontem para as avaliações feitas. Da mesma forma, as marcas de *ethos* dos leitores e o grau de comprometimento destes em relação a seus pontos de vista são verificados.

O quarto grupo, por ser composto por um texto de diferente, de resposta aos leitores, foi analisado em um único bloco, já que a organização dos parágrafos é bastante parecida. A análise da reação do leitor foi feita da mesma forma que as demais cartas.

## CAPÍTULO 3: ANÁLISE

Neste capítulo, observamos as colunas de Veja e as cartas do leitor previamente selecionadas, a partir da teoria da valoração e da análise do *ethos*. Analisamos como os valores de avaliação operam nos textos, alinhando os leitores em comunidades e como se dá a motivação para a produção das cartas do leitor. Verificamos, também, a imagem que cada produtor constrói no texto, ou a imagem que os leitores têm desse produtor. A partir do conceito de prática discursiva, de Fairclough (2001) aliado ao de contexto social, de Halliday, buscamos conhecer melhor o processo de produção, distribuição e consumo textual, ou o campo, a relação e o modo.

### 3.1 A prática discursiva

O contexto da relação escritor-leitor é analisado com base na noção de prática discursiva, de Fairclough (2001) e de contexto social, de Halliday (1989). Para isso, procuramos conhecer melhor a revista e seus leitores. Com o objetivo de observar a formação da comunidade de leitores, um estudo sobre Diogo Mainardi também é realizado. No caso da noção de campo, procuramos estabelecer a ligação existente entre quem escreve, para quem o texto é escrito e sobre o que este trata. Os processos de produção, distribuição e consumo textual são considerados, por Fairclough, processos sociais, que exigem uma referência ao ambiente econômico, político e institucional no qual o discurso é produzido (2001, p.99).

#### 3.1.1 A revista Veja e seus leitores

Na revista Veja, são publicados os artigos de opinião e as cartas do leitor que constituem o *corpus* deste estudo, sendo, então, o veículo de circulação das colunas que motivam a comunidade de leitores a produzir seus próprios textos, em resposta à determinada motivação.

Veja pode ser adquirida através de assinaturas, compra em bancas, ou algumas notícias ou resumo dos exemplares podem ser lidos através da internet, no

site da revista. De acordo a redação de Veja, cerca de 8.000 correspondências de leitores chegam à redação a cada mês.

VEJA é uma revista de informação, com tiragem semanal 1.219.320 exemplares e circulação líquida de 1.101.810 exemplares, segundo dados do IVC de fevereiro de 2007 publicados no site [www.publiabril.com.br](http://www.publiabril.com.br) em maio de 2007. A revista tem 936.230 assinaturas, 165.580 exemplares são vendidos avulsos e 3.930 revistas circulam no exterior.

Comparação com outras revistas:

Veja	Época	IstoÉ
Circulação líquida: 1.101.810	Circulação líquida <sup>43</sup> : 433.584	Circulação líquida <sup>44</sup> : 395.582

Quadro 6: Circulação de algumas revistas semanais de informação

Os dados coletados mostram que Veja é uma revista de circulação nacional e internacional, sendo uma das mais lidas do país em seu setor.

Segundo dados informados pela própria revista<sup>45</sup>, via e-mail em 10-06-2005, os leitores são, em sua maioria, adultos jovens de classe média-alta. De acordo com o atendimento ao leitor da revista, 52% dos leitores são mulheres; 68% (3.415.000) dos leitores pertencem às classes A e B; 47% dos leitores têm entre 20 e 39 anos; 55% dos leitores têm nível superior; 80% dos leitores têm casa própria; 80% dos leitores têm automóvel no lar; 51% dos leitores têm TV a cabo.

Em relação aos internautas, uma consulta ao site [www.publiabril.com.br](http://www.publiabril.com.br), em maio de 2007, revela que 69% deles têm entre 25 e 49 anos, 53% são homens e 47% são mulheres. Destes, 16% pertencem à classe social A, 47% à classe B e 30% à C (fonte: Pesquisa Nacional Abril/Datalistas - 2005).

As pesquisas apontam Veja como uma revista de grande circulação na classe média-alta do Brasil, sendo este o perfil do seu leitor, que será o autor das centenas

<sup>43</sup> Fonte: IVC. Circulação média de jan-dez/06. Dados disponíveis no mídia kit: <http://edglobo.globo.com/publiedglobo.htm>

<sup>44</sup> Fonte: Dados de março/2007 disponíveis em:

[http://editora3.terra.com.br/publicidade\\_portugues/istoe/circulacao.htm](http://editora3.terra.com.br/publicidade_portugues/istoe/circulacao.htm)

<sup>45</sup> Números de outubro/2002 - Fontes: Estudos Marplan. Base: leitores adultos/classe AB acima de 18 anos. Os dados são atualizados periodicamente no site da Publicidade do Grupo Abril: [www.publiabril.com.br](http://www.publiabril.com.br)



de cartas e mensagens eletrônicas enviadas semanalmente à redação da revista comentando suas reportagens e artigos.

### 3.1.2 O colunista Diogo Mainardi

Nascido em São Paulo, em 1962, o colaborador<sup>46</sup> Diogo Mainardi escreve semanalmente, para a revista *Veja*, um artigo de opinião. Participa também do programa de televisão *Manhattan Connection*, do canal GNT, transmitido no Brasil e em Portugal.

Em 18/06/2003, depois de receber 387 cartas de leitores comentando a coluna de Diogo Mainardi da semana anterior, a revista publicou, na seção *Carta ao leitor*, na página 9 da edição 1807, um pouco da vida do colunista (“essa quantidade de cartas fez com que sua coluna entrasse pela segunda vez na lista das matérias mais comentadas da história de VEJA”, de acordo com a mesma seção.):

Diogo é um sucesso para o bem e para o mal. Muitos leitores o amam e outros tantos o odeiam. Difícil mesmo é ficar indiferente ao que ele escreve. Diogo gosta de demolir lugares-comuns e de lançar um olhar provocativo sobre as unanimidades nacionais.

(...) Diogo começou a escrever em VEJA em 1991, e só em 1999 ganhou um espaço próprio. Seu estilo afiado data dos tempos de estudante, quando já desafiava os professores com sua visão de mundo original.

Ele chegou a freqüentar a *London School of Economics*, uma das mais conceituadas instituições de ensino da Inglaterra, mas a sua formação sólida foi adquirida mesmo nas intermináveis horas que passou na biblioteca do Museu Britânico.

Diogo Mainardi já escreveu cinco livros: os romances *Malthus*, *Arquipélago*, *Polígono das Secas* e *Contra o Brasil* e um livro de crônicas, *A tapas e pontapés*, uma coletânea de algumas de suas colunas na Revista *Veja*. A Editora Record relançou livros de Diogo Mainardi em 2006. De acordo com o site da Cia das Letras, seu primeiro livro, *Malthus*, ganhou o prêmio Jabuti em 1990. Mainardi escreveu para o irmão, Vinicius, o roteiro de *Dezesseis zero sessenta*. De acordo com a Cia das Letras, as obras do autor traduzidas no exterior são:

- *Arcipelago*. Itália, Garzanti, 1994.

---

<sup>46</sup> Conforme o Novo Manual da Redação, da Folha de São Paulo, colaborador é a “pessoa que presta serviço a um meio de comunicação sem relação de emprego. Pode ser jornalista ou não” (p. 132).

- *Kaskade*. Noruega, J.W.Cappelens Forlag, 1996.
- *Malthus*. Itália, Biblioteca del Vascello, 1994.

O perfil de Diogo Mainardi mostra que o colaborador é um dos destaques da revista *Veja*, sendo um dos que mais recebem cartas comentando seus textos, o que aponta para seu sucesso com o público que escreve semanalmente para elogiar ou criticar suas opiniões polêmicas. Essa relação entre escritor-leitor aponta para a formação de uma comunidade de leitores, sendo o objetivo deste estudo investigá-la.

### 3.1.2.1 Auto-retrato

Em entrevista ao site [www.semana3.com.br](http://www.semana3.com.br), Diogo Mainardi fala sobre si mesmo e sobre o considerarem um “polemista”:

Olha, não é sempre que eu gero discussão inteligente. Quando a discussão melhora um pouco, eu fico contente; quando a discussão é muito ruim, muito besta, eu não sinto nada, não é nem um prazer nem um desprazer. Eu não sou excessivamente vaidoso, então o retorno da minha coluna não é algo que me envaideça. Tem a parte do meu trabalho, que, quando funciona, eu fico contente. Quando eu consigo colocar alguma questão útil, melhor. Óbvio que os meus detratores conseguem usar todos os termos errados. Me acusam de ser “polemista” – como se isso fosse um demérito. E esse é um dos grandes xingamentos que me fazem. Gostaria muito de ser considerado um polemista. Eu não sou, não tenho nem talento suficiente pra merecer o título. Mas que isso seja visto como um xingamento, por exemplo, já é assustador. Outra crítica é a de que eu não devo ser levado a sério, porque a ironia desmerece, no Brasil, qualquer análise. Outra das nossas tolices.

Para a revista *Trip* nº 118 (12/2003), Diogo Mainardi fala sobre seu papel na imprensa, afirmando que esta deve “encurrular, caçar e derrubar os políticos que estão no poder”, pois alguém precisaria controlá-los. E sobre si mesmo como parte da mídia afirma que consegue apenas pensar na sua “pequena função: sou um palpiteiro e vejo a importância do palpiteiro”.

Nessa perspectiva, Mainardi volta a falar sobre suas polêmicas, desta vez em um *Café Literário*, reproduzido no site de *O Globo*: “não gostaria que minhas críticas fossem vistas como construtivas. Quero fazer críticas destrutivas, que é como elas devem ser. Se as pessoas vêem algo de positivo, foi fruto de minha incapacidade como autor”.

Na edição da revista Trip nº 118 (12/2003), Mainardi fala sobre os ataques à sua obra:

É esquisito, difícil até de acreditar, minha mulher por muitos anos não acreditava... Mas sou absolutamente indiferente ao que dizem ao meu respeito, a favor ou contra. Tenho um tipo de cataclisma que me preserva. Sou bidimensional, não tenho profundidade psicológica, ninguém consegue me atingir. Tenho um aparato psicológico pobre, não dá para me colocar num estado de exaltação ou de depressão.

Em entrevista à revista Oi, edição 15 de fevereiro/março de 2005, Mainardi fala sobre seu trabalho, definindo-se como um *comentarista*:

Nunca falei mal de quem não podia se defender. E nunca fiz ataques pessoais a ninguém, sempre falei de coisas públicas, de livros, filmes, declarações, entrevistas. Comigo, só se molhou quem já estava na chuva. Talvez por isso nunca tenha tido problemas com nenhuma das pessoas que mencionei em minhas colunas, nunca tive um bate-boca sequer na rua, aonde vou sou bem tratado. E, do meu ponto de vista, descer a lenha em quem fala ou escreve uma besteira é uma forma de respeito, acredito que um comentarista, como eu, deve suscitar debates.

Os leitores Camargo e Mineo criaram um *site* que apresenta um resumo, em ordem alfabética, das opiniões de Diogo Mainardi. Destaca-se visão que o colunista teria de si mesmo, apresentado em entrevistas:

DIOGO MAINARDI por DIOGO MAINARDI - "Tenho um olho cândido, distante. Olho meu país sem preconceito, mas com graça, por achá-lo preciso. Não tenho objetivos precisos. Vejo o mundo de um jeito. Boto esse jeito no papel e me pagam para fazer isso. Não sou resmungão, mas penso que sou um desastre nacional. Tenho todas as piores qualidades de meu povo e poucas de suas virtudes." (em entrevista ao JB)

"Eu sempre tive uma opinião muito mais negativa a meu respeito do que a maior parte dos meus detratores. Isso ajuda a não perder de vista a minha insignificância." (chat do Comunique-se)

No *blog*<sup>47</sup> sobre o colunista Diogo Mainardi, é apresentada a transcrição de uma entrevista dele para a jornalista Tânia Carvalho, da Rádio Gaúcha/TV Com, durante sua passagem por Porto Alegre. Em um trecho, o articulista comenta as ironias, muitas vezes presentes em seus textos:

---

<sup>47</sup> De acordo com a Wikipédia, "Um **weblog**, **blog** ou **blogue** é uma página da Web cujas atualizações (chamadas *posts*) são organizadas cronologicamente de forma inversa (como um diário). Estes *posts* podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, referir-se ao mesmo assunto ou ter sido escritos pela mesma pessoa". O blog sobre Diogo Mainardi está disponível em [http://www.sobredioغو.blogspot.com.br/2004\\_11\\_01\\_archive.html](http://www.sobredioغو.blogspot.com.br/2004_11_01_archive.html) (parte 1).

(...) tem muita gente que não entende ironia, sarcasmo, este tipo de coisa. É uma deficiência cultural nossa. Nós, brasileiros, temos uma incapacidade de ver o debate, a troca de opiniões como algo que pode ser ácido, sarcástico, afiado, provocatório... Eu acho que todas estas coisas fazem parte do confronto de idéias. Eu sempre achei que idéia era uma coisa pra ser confrontada. Que você não devia buscar o consenso. E a ironia é uma arma que você pode usar para falar as coisas. (...) Pra quem faz a ironia é até melhor, é mais engraçado quando as pessoas não entendem e levam a sério o que você faz. É mais divertido.

Na mesma entrevista, Mainardi comenta o termo “Diogomainardismo”, que foi tema de uma de suas colunas em *Veja*:

(...) O termo, na verdade, eu tirei de uma crônica do Tutti Vasquez, cronista carioca. Ele escreveu num texto dele que toda vez que ele falava mal de alguma coisa ou reclamava de alguém, fazia alguma crítica, ele era comparado a mim. E isso o incomodava muito. (...) e então eu virei sinônimo desta figura desagradável que reclama das coisas, que se queixa, e eu construí uma carreira em cima disto daí, mas virei sinônimo do queixume. E é um fardo, eu tenho que carregar isso. E vou ganhar a vida com este troço.

A imagem que Diogo Mainardi constrói de si mesmo em seu discurso aponta para a consciência que ele tem das discussões provocadas por suas opiniões. Nas entrevistas, o colunista defende que este é o papel da imprensa, lamentando o fato de a imagem de polemista ser vista de forma depreciativa por muitas pessoas.

### 3.1.2.2 Diogo Mainardi na Internet

Diogo Mainardi é motivo de discussões constantes também na rede mundial de computadores. Ao pesquisar-se o nome do colunista do site de busca *Google*, em 02-06-2006, foram encontrados 112.000 resultados. Um dos endereços encontrados mostra um *blog* em que é apresentada uma definição do articulista:

Polêmico. Sarcástico. Autêntico. Colunista da revista *Veja*, Diogo Mainardi chama a atenção pelas opiniões excêntricas e estilo cáustico com que escreve. Controverso, instiga as mais variadas posições a seu respeito. Ádua tarefa é defini-lo, mais simples dizer o que definitivamente não é: objeto de indiferença. Amado por alguns e odiado por muitos, ele nos força a refletir sobre velhos - e muitas vezes caquéticos - conceitos, ao apresentar pontos de vista originais onde predomina o senso comum.

(<http://www.sobrediogo.blogger.com.br/>)

No site de relacionamentos *Orkut*, em 02-06-2006, foram encontradas 43 comunidades sobre Diogo Mainardi<sup>48</sup>, sendo estas as que apresentavam maior número de integrantes:

<sup>48</sup> Os nomes das comunidades foram descritos aqui da maneira como apareceram no *site* *Orkut*.

Diogo Mainardi (21.980 membros)  
 Rindo do Babaca DIOGO MAINARDI (9.217 membros)  
 Diogo Mainardi é oCara!!! (1.598 membros)  
 Digo Mainardi presidente 2010 (547 membros)  
 Diogo Mainardi (319 membros)  
 Diogo Mainardi é o cara. (224 membros)  
 Diogo Mainardi: só a diretoria (186 membros)  
 Diogo Mainardi (170 membros)  
 Eu odeio o Diogo Mainardi (165 membros)  
 Diogo Mainardi Presidente 2006 (141 membros)

Além das cartas do leitor enviadas semanalmente à revista *Veja*, opiniões sobre o trabalho de Mainardi, sobre suas polêmicas, são encontradas muitas vezes em revistas e sites da Internet. Em 30/09/2003, o editor e escritor Samir Thomaz publica, em *Observatório da Imprensa*, seu pensamento sobre Mainardi, comparando-o a Paulo Francis:

Atualmente, o vassalo de plantão mais visível do pensamento reacionário atende pelo nome de Diogo Mainardi e escreve semanalmente na revista *Veja* – o vade-mécum da elite brasileira e de uma certa classe média, adepta do alpinismo social a qualquer preço. Antes de Veneza, e agora do Rio de Janeiro, ele destila seu veneno contra Lula e o PT, é partidário da polêmica pela polêmica, não disfarça que sente ojeriza por tudo o que diz respeito ao Brasil e aos brasileiros e é o campeão de cartas que chegam à redação de *Veja*. Imagino que muitas dessas cartas sejam contra o que ele escreve, porém nunca vi publicada uma que fosse contra. As que saem na seção de cartas são sempre a favor, não raro o alçando à condição de polemista e articulista incomparável, genial, lindo, maravilhoso, entre outras heresias.

As diferentes opiniões encontradas apontam para uma relação de amor e ódio em sua comunidade de leitores:

Elogios:

Polêmico. Sarcástico. Autêntico.  
 Opiniões excêntricas e estilo cáustico com que escreve.  
 Controverso, instiga as mais variadas posições a seu respeito.  
 Ele nos força a refletir sobre velhos conceitos.

Críticas:

Vassalo de plantão mais visível do pensamento reacionário.  
 Ele destila seu veneno.  
 É partidário da polêmica pela polêmica.  
 Não disfarça que sente ojeriza por tudo o que diz respeito ao Brasil e aos brasileiros.

Os comentários a respeito de Diogo Mainardi encontrados na internet mostram a maneira como ele é visto pelos leitores: amado por uns, odiado por outros, mas sempre alvo de discussões, debates.

### 3.1.4 Assunto das cartas e das colunas

Antes que se fizesse a delimitação do corpus, todos os textos foram lidos para a observação dos temas que foram discutidos durante o ano de 2004:

Colunas publicadas: 51

Cartas publicadas: 85

Edições em que houve cartas publicadas: 36 (de 51/ano)

Média: 2,36 cartas por semana

Cartas do leitor – ano 2004

Assunto principal das cartas:

Política	45
Diogo Mainardi	21
Olimpíadas	05
São Paulo	04
Esclarecimentos	03
Brasil	02
Outros	05
<b>Total</b>	<b>85</b>

Quadro 7

Colunas de Diogo Mainardi – 2004

Assunto principal das colunas:

Política/Lula	18
Política	15
Brasil	03
Criminalidade/Polícia	03
Olimpíadas	03
Outros	09
<b>Total</b>	<b>51</b>

Quadro 8

### 3.2 A relação escritor-leitor: análise

A seguir, passaremos a descrever e analisar as colunas e cartas do leitor selecionadas, com base na teoria da valoração e no conceito de ethos, partindo do pressuposto de que as opiniões polêmicas de Diogo Mainardi motivam dezenas de pessoas a escreverem semanalmente cartas do leitor endereçadas a ele.

Conforme a descrição feita no capítulo de metodologia, optamos por dividir os textos em grupos, formados, cada um deles, por uma coluna e pelas cartas do leitor escritas em resposta a esse texto.

### 3.2.1 ANÁLISE DO GRUPO 1:

O artigo “O pior é melhor” foi escrito no período das comemorações dos 450 anos da cidade de São Paulo, em janeiro de 2004. Nele, Diogo Mainardi fala sobre seus sentimentos em relação à cidade, em meio a comentários sobre música, Brasil e política.

Coluna 4<sup>49</sup>: O pior é melhor (28-01-2004)

1	Desde cedo a única meta que eu tinha na vida era ir embora de São Paulo.
2	Fracassei em minha primeira tentativa migratória. Fracassei na segunda. Na
3	terceira, deu certo. Fui embora e nunca mais voltei.

O primeiro segmento do artigo é monoglóssico: apenas a voz de Diogo Mainardi é mostrada, o que é marcado pelo uso da primeira pessoa. O colunista declara seus sentimentos negativos com relação à cidade de São Paulo, em uma demonstração atitudinal de afeto, já que deixar a cidade era seu único objetivo e ele nunca mais voltou (l.3). A partir do uso da primeira pessoa e também das marcas de opinião, o autor vai construindo sua imagem no texto. Quanto à gradação, observamos alto grau de comprometimento do articulista com relação a seu ponto de vista, uma vez que a avaliação é intensificada através do uso de itens lexicais como “meta”, “fracassei”, “deu certo”, “nunca mais voltei”.

4	Depois de tantos anos de afastamento, finalmente me reconciliei com a
5	cidade. Aprendi a reconhecer seus méritos. O maior deles é despertar o
6	sentimento de repulsa em seus habitantes. São Paulo é tão detestável que

<sup>49</sup> Os números são uma referência à ordem dos textos no grupo de 51 artigos de Diogo Mainardi publicados em *Veja* no ano de 2004.

7	somos estimulados a rejeitar nossa origem, a buscar lá fora o que não
8	podemos encontrar aqui dentro. Parece pouco. Não é. São Paulo não
9	acomoda. Ela nos deixa num permanente estado de insatisfação e
10	precariedade. O paulistano não é apegado a nada. Está sempre de malas
11	prontas, disposto a abandonar oportunisticamente tudo o que lhe pertence:
12	sua cidade, seu país, sua família, suas idéias. Não temos o sentido de
13	coletividade: não sabemos votar, não sabemos respeitar as regras, não
14	sabemos pensar no próximo, não sabemos cumprir os acordos. Em
15	compensação, conseguiríamos nos adaptar com facilidade a um holocausto
16	nuclear. Pena que a perspectiva de um holocausto nuclear seja cada dia mais
17	remota.

O início do segundo parágrafo cria a expectativa de que a reconciliação com a cidade é positiva, o que se intensifica com o uso de “méritos”. As marcas de 1ª pessoa, em referência direta à imagem do colunista, aparecem nesse segundo parágrafo do artigo. O texto apresenta segmentos opinativos, nos quais é feita uma apreciação da cidade. Podemos observar alto grau de envolvimento do articulista na escolha de palavras como “mérito”, “detestável”, “repulsa”, “rejeitar”, “insatisfação”, “precariedade”, “nada”, “abandonar oportunisticamente”: termos que estariam no mais alto grau negativo se colocados em uma escala. A coluna apresenta, também, uma avaliação dos paulistanos, um julgamento negativo focado em estima social: povo que abandona “oportunisticamente” (l.11) (julga a tenacidade). Nesse julgamento, verificamos que Mainardi se exclui: ele é paulistano, o que se comprova em “não temos”, “não sabemos”, “conseguiríamos”, mas, na sentença avaliativa, ele utiliza “O paulistano não é apegado a nada”. Ao introduzir a expressão “em compensação” (l.14-15), o leitor novamente é levado a crer que receberá uma informação positiva a respeito da cidade, mas outra crítica é apresentada: os paulistanos são tão desapegados que seriam capazes de sobreviver à própria destruição (“holocausto nuclear” l.15-16). Mas essa, sarcasticamente, é uma possibilidade remota, segundo o colunista. O uso do sarcasmo é bastante presente nos textos do autor, reconhecido por ele mesmo (p.69 deste trabalho, entrevista a TVCom). Já seus críticos vêem essa forma de construir textos de forma negativa: “não disfarça que sente ojeriza por tudo o que diz respeito ao Brasil e aos brasileiros” (Thomaz, p. 70 deste estudo).



Apesar de não apresentar atribuição clara, o segmento pode ser considerado heteroglóssico, já que dialoga com idéias de outras pessoas: se o articulista apresenta os pontos negativos da cidade, é por que há os que defendem seus aspectos positivos. O autor constrói sua avaliação utilizando a quebra de expectativas do leitor: “mérito” geralmente é algo positivo. O mesmo ocorre no final do segmento, quando o tom irônico é usado como argumento para alinhar o leitor (l.14-17). A construção da imagem de Diogo Mainardi no artigo se dá também a partir dessa quebra de tabus, que muitas vezes causam estranhamento no leitor.

18	A música é o mais importante elemento de identidade nacional. Em São Paulo,
19	a falta de sentido de coletividade nos impediu de desenvolver um estilo
20	musical. Ao contrário do resto do Brasil, não temos ritmos próprios, não temos
21	artistas de peso. Nosso ouvido é duro. Na festa de aniversário da cidade, o
22	melhor que conseguimos apresentar foi o grupo Demônios da Garoa. Caetano
23	Veloso também homenageou a cidade, mas ele não conta, porque é baiano e,
24	sobretudo, porque homenageia qualquer lugar. Ele já homenageou Londres,
25	Barcelona, Nova York, São Francisco e Brasília. Já homenageou até TelAviv.
26	Caetano Veloso é como Lamartine Babo, que escreveu os hinos de todos os
27	times de futebol do Rio de Janeiro.

O artigo segue apresentando a apreciação negativa (l.19-21 “falta de sentido de coletividade”, “ouvido duro”) feita por Diogo Mainardi com relação a São Paulo e aos paulistanos. Essas escolhas lexicais demonstram que o autor compromete-se com a opinião apresentada. Também é feita uma apreciação negativa do cantor Caetano Veloso (l.23-24 *mas ele não conta ... homenageia qualquer lugar*), convidando o leitor a compartilhar das idéias do articulista: a avaliação negativa do cantor busca alinhar os leitores em uma comunidade dos que criticam o músico baiano, já que ele “homenageia qualquer lugar”. O fragmento apresenta caráter heteroglóssico, uma vez que é aberto com uma idéia do senso comum (l.18). Há também, no decorrer do parágrafo, o diálogo com as idéias contrárias às de Mainardi. A referência ao cantor baiano pode causar estranhamento em muitos leitores, já que Caetano Veloso é um dos mais conhecidos artistas da MPB.

28	É uma sorte que São Paulo seja tão pouco musical. A música popular constitui
29	o maior fator de atraso no Brasil. Quanto mais musical é uma região, mais
30	subdesenvolvida ela é. A musicalidade dos brasileiros está diretamente
31	relacionada com as epidemias de leishmaniose, os esgotos a céu aberto, os
32	desmoronamentos de favelas. São Paulo é a cidade mais rica do Brasil
33	simplesmente porque não entende nada de música, porque não fica sentada
34	em banquinho de violão. Os compositores de música popular, agora, publicam
35	livros com todas as suas letras. Quem consegue compreender o significado
36	dessas letras nunca irá aprender a construir uma ponte, ou a planejar o
37	escoamento de um milharal, ou a obturar um dente cariado. Um conhecimento
38	anula o outro.

No quarto parágrafo, Diogo Mainardi tenta, ironicamente, mostrar vantagens da cidade em relação ao restante do país, já que ele considera a musicalidade uma desvantagem (l.29-30), o que é enfatizado pelo uso de “subdesenvolvida”. Por isso há a quebra de expectativa em relação à palavra “sorte” (l.28), uma vez que, de acordo com o senso comum, a musicalidade é um fator positivo para uma região.

Neste fragmento, a avaliação feita é da musicalidade do Brasil e de São Paulo. Ao mostrar que a ausência de talento musical é uma vantagem, pois São Paulo é a cidade mais rica do país (l.32-33), o texto aponta para uma apreciação: a cidade paulistana é avaliada positivamente (“mais rica do Brasil”), e o restante do Brasil, negativamente (“sentada em um banquinho de violão”, “nunca irá aprender”, “anula o outro”). No final do segmento há abertura para a voz dos compositores (l.34-35), mas essa voz é refutada (l.35-38), demonstrando contração dialógica. Mostrando claramente seu ponto de vista, muitas vezes com idéias contrárias ao senso comum, a imagem de Diogo Mainardi vai sendo construída perante sua comunidade de leitores. As escolhas lexicais feitas, marcando a certeza do posicionamento do escritor, apontam para o alto grau de comprometimento deste.

39	O Brasil se reconhece no sentimentalismo mais ordinário, no verso mais
40	incongruente, na batida mais simplória. Fomos ensinados que a música nos
41	ajudou a resistir a todos os tipos de autoritarismo. Mentira. A música é um
42	instrumento de dominação. Tanto que todos os partidos políticos criam seus

43	sambinhas para o horário eleitoral. Se até o PTB tem seu sambinha, é sinal de que há algo errado na MPB.
44	

O quinto parágrafo mostra o julgamento negativo (l.39-40) altamente comprometido feito por Mainardi em relação ao Brasil (estima social – capacidade: “ordinário”, “incongruente”, “simplória”). A voz externa é apresentada (l.40-41), mas, novamente, em contração dialógica: a visão dos que ensinaram aos brasileiros é refutada (“mentira”, l.41), o que aponta para um engajamento heteroglóssico. No final do segmento, ao fazer referência à política, relacionando-a a musicalidade (l.43-44), o colunista busca alinhar o leitor em uma comunidade dos que não gostam da situação política do país. Podemos observar, ainda, uma apreciação negativa das músicas de campanhas políticas (l.43), dado o emprego do termo “até”, que marca o mais alto grau negativo na escala formada no segmento.

45	São Paulo é a pior cidade do Brasil. Mas nós, paulistanos, até que temos a nossa graça: não levamos jeito para a música, o que nos torna, tudo somado, um pouco menos brasileiros.
46	
47	

Na conclusão do texto, o articulista fecha seu pensamento sobre a cidade de São Paulo, fazendo uma relação com o sentido do título (“O pior é melhor” X “pior cidade”, l.45). Há um alto grau de comprometimento do autor ao fazer suas avaliações. Novamente observamos a quebra de paradigma, o que pode causar estranhamento no leitor: a “pior cidade” do país é também a melhor, o que aponta para uma apreciação positiva do município.

A partir da relação feita entre paulistanos e brasileiros, o colunista levanta uma discussão a respeito da situação do país, trazendo a música como argumento. Como pode ser observado, o texto é predominantemente heteroglóssico. Há um diálogo entre as idéias de Diogo Mainardi e as do senso comum da maioria dos paulistanos e brasileiros, o que pode causar estranhamento, provocando muitos leitores. Essa, que pode ser considerada uma estratégia de alto risco, torna-se uma marca típica dos textos do articulista. Algumas atribuições também estão presentes no artigo, mas, quando uma voz alternativa é apresentada, esta é refutada. Mostrando sua opinião na maior parte do texto, Diogo Mainardi busca mostrar as vantagens de São Paulo em relação ao restante do país, que segundo ele, é ainda

pior que a cidade. O colunista afirma que os paulistanos seriam “menos brasileiros”, o que para ele é uma vantagem. O *ethos* de Diogo Mainardi é construído através de seus pensamentos, mostrados no artigo, agradando alguns leitores, chocando outros, mas, certamente, levantando um debate sobre as questões apresentadas. O estranhamento causado em muitos leitores pode também ser provocado pelo não entendimento da tese que está sendo defendida: as opiniões são polêmicas e muitas vezes a tese está implícita.

#### REAÇÃO DOS LEITORES:

De acordo com dados publicados pela revista Veja, na seção *Cartas* da semana seguinte (04-02-04), a coluna de Diogo Mainardi foi o assunto mais comentado pelos leitores. 224 pessoas escreveram à redação da revista para manifestar seu posicionamento com relação ao tema ou ao colunista. Quatro cartas foram publicadas:

1	2 <sup>50</sup> - Jamais imaginei ler nas páginas de VEJA um artigo refletindo as opiniões
2	arrogantes, rancorosas e desrespeitosas de um articulista contra a cidade de
3	São Paulo e o povo paulistano. E o pior: ele próprio é um paulistano.
	Luiz Borges Barreto, São Paulo, SP (04-02-2004)

O comentário inicia com uma referência ao artigo: o leitor faz um julgamento negativo de Diogo Mainardi (“opiniões arrogantes, rancorosas e desrespeitosas”, l.1-2), reprovando seu comportamento. A estima social – normalidade – é julgada neste texto. As marcas avaliativas demonstram a opinião comprometida do produtor da carta. A imagem deste fica evidente em seu discurso, uma vez que a opinião e o sentimento são claramente apontados. A carta do leitor busca alinhar os paulistanos em uma comunidade dos que possam ter se sentido atingidos pelas opiniões mostradas na coluna da revista.

<sup>50</sup> Os números são uma referência à ordem dos comentários no grupo de 85 cartas, dirigidas a Diogo Mainardi, publicadas em *Veja* no ano de 2004.

1	3- Sou artista, professora e pesquisadora paulistana de música e dança popular. Tomo a voz por toda a classe de músicos paulistanos, pois estamos perplexos com a coluna do senhor Mainardi. Ana Rita Simonka, Por e-mail, www.artesimbolo.com.br (04-02-2004)
2	
3	

Nesta carta, a leitora faz uma avaliação atitudinal negativa da coluna publicada na semana anterior (l.2-3). Observamos uma demonstração de afeto negativo, pois ela afirma ter ficado “perplexa” ao ler o texto de Mainardi, o que também contribui para a construção do *ethos* da produtora em seu comentário. Buscando dar mais credibilidade ao seu argumento, a autora da carta faz uso da “atribuição”, afirmando que ela fala em nome de todos os músicos, sendo ela uma autoridade no assunto (l.1). Podemos perceber um alto grau de comprometimento da produtora, que inscreve seu desgosto com relação à opinião de Diogo Mainardi sobre a musicalidade dos paulistanos, buscando o alinhamento destes em uma orientação avaliativa de condenação ao pensamento do colunista.

1	4- Ufa! Pensei que todos estavam cegos com esta "estória" de 450 anos. Fugi de São Paulo há dois anos e estou muito feliz no interior. Parabéns, Mainardi! Carla Patricia Picolo Pujol, Por e-mail (04-02-2004)
2	

A leitora apresenta uma avaliação atitudinal de afeto positivo, já que dá “parabéns” (l.2) ao colunista. Há um elevado nível de envolvimento da autora com seu posicionamento demonstrado no texto, o que pode ser percebido pela escolha das palavras “cegos” e “fugi” (l.1). A imagem da autora da carta pode ser conferida no texto através da defesa de seu ponto de vista e das marcas de primeira pessoa. Os demais leitores da coluna são alinhados em uma comunidade dos que admiram Diogo Mainardi. A referência às comemorações dos 450 anos da cidade de São Paulo demonstra dialogismo, uma vez que esse ponto que foi mencionado no artigo de Mainardi.

1	5- Assim como o senhor Mainardi já o fez um dia, moro fora do país. Mas, ao contrário desse senhor amargo, adoro ser brasileira e me orgulho de nossa cultura, inclusive a musical. O discurso de Diogo Mainardi é um insulto à
2	
3	

4	inteligência. Desinformação por desinformação, prefiro uma folha em branco. Ana Carolina Videira, Viena, Áustria (04-02-2004)
---	--

Neste texto, a leitora faz uma avaliação de afeto negativo com relação a Diogo Mainardi (“senhor amargo”, l.2) e positivo com relação ao Brasil (“adoro”, “orgulho”, l.2). Já com referência à coluna, verificamos uma apreciação negativa, uma vez que esta é considerada “desinformação” (l.4). A referência ao artigo de Diogo Mainardi (“discurso”, l.3) e ao fato dele ter morado fora (“já o fez”, l.1) dá o caráter heteroglóssico ao segmento. Com a apresentação de posicionamento claro e uso de primeira pessoa, a leitora constrói sua imagem na carta. Através da comparação feita no início do texto, a produtora alinha os demais leitores em uma comunidade de brasileiros que se orgulham de seu país. A opção por palavras como “amargo”, “insulto” ou “desinformação” apontam para o compromisso da leitora com seu posicionamento.

### 3.2.2 ANÁLISE DO GRUPO 2:

A coluna “O Diogomainardismo” foi escrita a partir dos comentários feitos pelo cronista Tutty Vasques, em 29-05-2004<sup>51</sup>, em seu texto publicado no site “nomínimo.ig”:

“toda vez que um leitor quer xingar minha mãe, manda e-mail me comparando ao Diogo Mainardi. Meus amigos ficam indignados que isso não me ofenda. (...) Pelos meus cálculos, 96% das pessoas que conheço são a favor da cassação imediata do visto de permanência de Diogo Mainardi no Rio de Janeiro. (...) fico imensamente preocupado quando dizem que estou parecendo o Diogo Mainardi. Peço ajuda aos leitores: sempre que perceberem semelhanças, avisem. Tentarei me corrigir”.

#### Coluna 24: O diogomainardismo (16-06-2004)

1	Virei um insulto. Tutty Vasques assinalou o fato. Quando os leitores querem
2	insultá-lo por causa de um artigo, já não ofendem sua mãe, como antes, mas
3	o comparam a mim. Chamam-no de Diogo Mainardi. Assim como o termo
4	malufismo ganhou a conotação de desvio de dinheiro público,

<sup>51</sup> A crônica de Tutty Vasques de 29-05-2004 está disponível em:  
<http://nominimo.ig.com.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=14&textCode=11786&currentDate=1085799660000>

5	diogomainardismo pode ser definido como uma difamação espalhafatosa na
6	tentativa de chamar atenção. Foi com esse significado nada lisonjeiro que meu
7	nome entrou para o dicionário. Acompanhado por adjetivos como derrotista,
8	frustrado, invejoso, ególatra, leviano, oportunista, mal-humorado. Pouco
9	importa que eu não me reconheça na descrição. Diogo Mainardi se tornou
10	uma entidade maior do que eu. Como Pelé, posso começar a falar a meu
11	respeito na terceira pessoa.

O primeiro parágrafo do texto de Diogo Mainardi apresenta engajamento heteroglóssico, pois vozes autorais externas são apresentadas (“Tutty Vasques”, “leitores”, l.1). O articulista relata um ponto de vista diferente do seu, o que demonstra distanciamento em relação a essa voz. Isso pode ser verificado no uso da expressão “nada lisonjeiro” (l.6) e também na frase “Pouco importa que eu não me reconheça na descrição” (l.8-9). Através da apreciação negativa feita, o articulista demonstra seu sentimento em relação aos comentários a seu respeito, o que contribui para a construção de seu *ethos* e aponta para o comprometimento de sua opinião, em médio grau (“nada lisonjeiro”, “eu não me reconheça”). Ao manifestar que não se reconhece na descrição, Diogo Mainardi alinha os leitores em uma comunidade dos que discordam dessa representação.

A descrição apresentada no artigo aponta para a imagem que muitas pessoas têm de Diogo Mainardi. Ao levantar polêmicas, quebrar tabus, Diogo Mainardi causa estranhamento em muitos, o que os leva a identificarem esse *ethos* do articulista.

12	O epíteto Diogo Mainardi é aplicado a qualquer coitado que reclame
13	publicamente de alguma coisa. Do jornalista que denuncia nossa falta de jeito
14	para o cinema ao blogueiro adolescente que se recusa a gostar de uma
15	determinada banda musical. Em geral, trata-se de gente inofensiva que se
16	limita a soltar um comentário gratuito sobre um tema desimportante. Basta
17	pouco para estimular a ultrajante comparação. Atribuíram-me o monopólio do
18	protesto. Desse modo, qualquer um que proteste é automaticamente
19	associado a mim, com tudo o que isso tem de negativo. Os brasileiros sempre
20	preferiram o conchavo e o corporativismo à discussão e à insubordinação.
21	Apesar dessa nossa propensão à canalhice, tivemos grandes contestadores

22	no passado, sobretudo na imprensa. Aparentemente não sobrou nenhum. Ou
23	melhor, só sobreí eu, um palerma, uma caricatura grosseira de quem me
24	precedeu.

Na frase inicial do parágrafo, Mainardi faz uma apreciação negativa dos comentários a seu respeito (l.12-13), operando para alinhar os leitores em uma comunidade dos que o apóiam. Esta avaliação negativa se repete no emprego de “ultrajante comparação” (l.17). Já no final, é feito pelo colunista um julgamento negativo dos brasileiros (“conchavo”, “corporativismo”, “canalhice”, l.20-21), focado em sanção social (veracidade), o que pode causar estranhamento em muitos leitores, uma vez que é feita referência à “canalhice” da população. O uso da primeira pessoa na frase final do parágrafo contribui para a construção do *ethos* do articulista. Ao usar “palerma” e “caricatura grosseira” (l.23), Diogo Mainardi emprega o tom irônico ao se referir a si mesmo.

Quanto à gradação, observa-se um alto grau de comprometimento nas opiniões apresentadas pelo colunista (“ultrajante”, “conchavo”, “canalhice”, “gente inofensiva”), itens lexicais fortes em uma escala gradativa. Neste fragmento podemos verificar a apresentação de voz autoral externa (“é aplicado”, “atribuíram-me”, “é automaticamente associado a mim”), mas é empregada a contração dialógica, uma vez que as vozes externas são confrontadas. Já a parte final do parágrafo apresenta apenas a visão de Diogo Mainardi. A imagem do articulista vai-se construindo em seu texto através da demonstração clara de sua opinião e do uso de primeira pessoa, feito no final desse segmento. Observamos, ainda, a descrição da imagem que muitos dos leitores absorvem dos comentários de Mainardi.

24	Pelas contas de Tutty Vasques, 96% dos cariocas cassariam meu visto e me
25	mandariam embora do Rio de Janeiro. Certamente os mesmos 96% que
26	apoiavam Lula no começo do mandato. A eleição de Lula representou o triunfo
27	do diogomainardismo. Peguei no pé do presidente desde os primeiros tempos,
28	para contrastar a euforia plebiscitária que se formou ao seu redor. Agora a
29	euforia passou. As pessoas se encheram de Lula e, conseqüentemente,
30	encheram-se de mim, identificando-me como uma espécie de parasita do
31	insucesso petista. Cresci como um verme solitário na barriga do governo,



32	alimentando-me da figura de bom selvagem de Lula, com seu palavreado
33	primário e sua malandragem brasileira. Quando Lula acabou, acabei junto.
34	Virei um palavrão. Daqui a alguns anos, por sorte, ninguém mais se lembrará
35	de nós.

O parágrafo é organizado com uma mescla de vozes (“Tutty Vasques”, “96% dos cariocas”, “96% que apoiavam Lula”, “As pessoas”), mostrando dialogismo. A atribuição externa é refutada (“certamente os mesmos 96%”, “euforia plebiscitária”), demonstrando contração dialógica. No início do segmento, é feita uma apreciação negativa da eleição do presidente (“Certamente os mesmos 96% que apoiavam Lula no começo do mandato”, l.25-26). O texto é fechado com um julgamento negativo da figura do governante (“bom selvagem”, “palavreado primário” e “malandragem brasileira”, l.32-33), em uma referência à capacidade (estima social). Com esse movimento, o autor busca alinhar os leitores em uma comunidade dos que criticam o governo. No final do segmento, percebemos uma atitude mais inscrita, com alto grau de comprometimento (“bom selvagem”, “primário”, “malandragem brasileira”). A imagem de Diogo Mainardi se constrói através da manifestação clara de seu ponto de vista e do uso de marcas de primeira pessoa, mas é ainda mostrada pelo colunista a visão que muitos leitores têm dele.

36	Claro que ser identificado como único opositor do Brasil me envaidece. Claro
37	também que não é bom para o país. A identidade cultural brasileira não se
38	baseou em idéias, mas em um ou dois acordes de violão. A falta de idéias não
39	criou o hábito da contraposição, da reivindicação, da argumentação. Quem
40	não está acostumado a argumentar é facilmente enganado. Por isso o Brasil
41	não funciona. Porque a gente forma espontaneamente maiorias bovinas de
42	96%. Cultura não é rebolar na rua. Cultura é reclamar, achincalhar, protestar,
43	caluniar. Lamento muito que meu nome seja usado para ofender os mais
44	inconformados. Se alguém o chamar de Diogo Mainardi, porém, não se
45	desespere. Eu já fui comparado até a Aracy de Almeida.

A voz do articulista está na maior parte do último parágrafo da coluna, mas há, logo no início, a referência às outras pessoas em “ser identificado” (l.36). Verificamos dialogismo também no final do segmento, quando o colunista se refere

aos leitores (“Se alguém o chamar”, l.44), buscando aproximação. No início do fragmento é feita uma demonstração positiva de afeto em relação à descrição feita para o “diogomainardismo” (l.36), já que é usada a expressão “me envaidece”. Há também uma apreciação negativa do fato de ele ser o único opositor do Brasil (“não é bom para o país”, l.37). A seguir é feito um julgamento negativo da situação cultural do país (l.37-43), focado em estima social – capacidade, com alto grau de envolvimento (“não se baseou em idéias”, “falta de idéias”, “facilmente enganado”, “espontaneamente majorias bovinas”, “não é rebolar”). No final do segmento, o vocábulo “até” aponta para uma apreciação negativa da figura de Aracy de Almeida (l.45).

O texto é construído com predomínio de engajamento heteroglóssico. A voz externa é reconhecida pelo articulista, o que demonstra dialogismo, mas essa opinião é apenas relatada, mostrando distanciamento. No final do artigo, há uma referência clara ao leitor, buscando alinhamento da comunidade de leitores de Diogo Mainardi. O *ethos* do colunista é construído ao longo de texto, através da demonstração de seus posicionamentos e sentimentos, além do uso das marcas de primeira pessoa. No texto “O diogomainardismo”, o articulista fala de si ao comentar as descrições feitas a seu respeito, o que também contribui para a construção de seu *ethos* e para o alinhamento de seus leitores em uma comunidade dos que o admiram. Quanto à gradabilidade da avaliação, observamos um alto grau de comprometimento do colunista ao emitir suas opiniões, uma vez que os termos escolhidos podem ser considerados os mais altos em uma escala.

Nesse texto, verificamos, através da definição de “diogomainardismo” apresentada, a imagem que muitas pessoas têm de Diogo Mainardi e também o posicionamento deste sobre a visão dos leitores a respeito dele. O colunista mostra claramente seu papel de formador de opinião, destacando a importância da crítica para o pleno exercício da cidadania. Isso é evidente ao se verificar a consciência de Diogo Mainardi sobre suas críticas.

#### REAÇÃO DOS LEITORES:

Na revista da semana seguinte (23-06-04), são publicados os comentários feitos por três leitores da coluna. Como apontado pela redação de Veja, o artigo de

Diogo Mainardi foi o assunto mais comentado da semana, com 83 manifestações de leitores.

Nas cartas do leitor publicadas referentes a essa coluna, observamos o apoio de alguns leitores ao articulista, mostrando que muitos concordam com suas opiniões e entendem seu estilo de escrever:

1	43- Senhor Diogo Mainardi, acompanho há já algum tempo sua coluna e nestes meus tempos de França eu a aprecio ainda mais. Bem, nesta primeira vez que me manifesto é só para me contrapor ao que foi dito em sua última coluna. Sentir-me-ei honrado no dia em que for chamado de diogomainardista, uma vez que a meu ver o trabalho que o senhor presta ao Brasil e à ética é sem precedentes ("O diogomainardismo", 16 de junho). Mario Faleiros da Silveira - Paris, França (23-06-2004)
2	
3	
4	
5	
6	

Neste comentário do leitor, observamos dialogismo na referência à coluna de Mainardi (l.1). Com a demonstração clara de seus sentimentos, o *ethos* do leitor vai-se construindo na carta. No início do segmento, é feita uma apreciação positiva da coluna de Mainardi, uma vez que o autor da carta já a lê há “algum tempo” (l.1). A seguir, aparece uma manifestação de afeto do leitor em relação ao colunista, pois aquele se sentirá “honrado” (l.4) caso seja comparado a este, o que demonstra um grau elevado de compromisso do leitor para com seu ponto de vista. No final do texto, verificamos um julgamento positivo de Diogo Mainardi, focado em sanção social (propriedade) (“ética”, “sem precedentes”, l.5-6). Com esta manifestação, o autor da carta busca alinhar os demais leitores em uma comunidade de apoio a Diogo Mainardi.

1	44- Adorei o artigo sobre o "diogomainardismo". Não se preocupe, Diogo, estou contigo e tenho a certeza de que seus fiéis leitores também. Dalva Hofstatter - Houston, Texas, EUA (23-06-2004)
2	

Neste comentário, podemos observar a manifestação atitudinal de afeto positivo da leitora em relação a Diogo Mainardi, o que se comprova no uso da palavra “adorei” logo no início do segmento (l.1), da mesma forma que a expressão “estou contigo” (l.2). A escolha desses vocábulos aponta para um nível elevado de

envolvimento da produtora com seu ponto de vista. A autora da carta faz o uso da atribuição, ao mencionar que “os fiéis leitores” (l.2) com “certeza” também apoiariam o colunista. Com a manifestação clara de seus sentimentos, marcada ainda pelo uso de primeira pessoa, a leitora demonstra seu *ethos*. Este tipo de comentário de apoio aponta para a ligação existente entre Mainardi e seus leitores, o que reforça a idéia da formação de uma comunidade.

1	45- Meu apelido na escola é "Diogo Mainardi"; me glorifico por isso. Ser
2	chamado pelo nome do crítico mais ácido do Brasil não influencia meu
3	cotidiano. Não recebo pedrada por isso. Sou um cidadão comum e não sofro
4	discriminação por viver nos ideais do "diogomainardismo". Nunca ouvi elogios
5	por causa do meu apelido, mas certamente todos que criticam gostariam de
6	ser um pouco Diogo Mainardi.
	Daniel Polcaro Pereira, 16 anos, Piumhi, MG (23-06-2004)

Logo no início da carta, observamos a demonstração de afeto positivo do leitor em relação a Mainardi, ao comentar que ele se glorifica por receber tal denominação (l.1). Com as demonstrações de sentimentos e com as várias marcas de primeira pessoa, notamos que o *ethos* do autor da carta vai-se construindo no decorrer do comentário. Verificamos um julgamento positivo da capacidade de Diogo Mainardi, focado em sanção social, com o uso da expressão “crítico mais ácido do Brasil” (l.2). Novamente observamos uma manifestação de afeto positivo no comentário sobre o leitor não receber pedrada (l.3). Ao se considerar um cidadão comum (l.3), temos um julgamento positivo de estima social – normalidade – do leitor sobre si mesmo (o que também aponta para a construção de sua imagem no texto). No final da carta, verificamos atribuição na referência aos leitores contrários ao colunista (“todos que criticam” l.5-6), o que dá um caráter dialógico ao comentário, mas há distanciamento, uma vez que a opinião dos que criticam Mainardi é desafiada (“certamente”, “gostariam de ser um pouco”). Essa referência também aponta para um julgamento negativo da capacidade destes outros leitores (foco em estima social) e positivo em relação ao colunista, uma vez que “ser um pouco Diogo Mainardi” (l.6) é visto de forma bastante positiva pelo autor da carta. Com a escolha de vocábulos que podem ser considerados os mais altos em uma escala gradativa, o leitor compromete-se com a opinião emitida na carta.

### 3.2.3 ANÁLISE DO GRUPO 3:

A coluna “O irlandês ajudou” encerra uma série de três textos<sup>52</sup> escritos pelo colunista Diogo Mainardi, no ano de 2004, sobre o tema Olimpíadas de Atenas. Este artigo se refere ao episódio envolvendo o maratonista brasileiro Vanderlei de Lima e o ex-padre irlandês Cornelius Horan, que entrou na pista e derrubou o brasileiro, quando este liderava a prova.

#### Coluna 36: O irlandês ajudou (08-09-2004)

1	Alguns leitores me acusaram de estar por trás de Cornelius Horan, o fanático
2	religioso que, para anunciar o fim do mundo, interrompeu a marcha do
3	maratonista brasileiro Vanderlei de Lima. Uma goiana disse que usei meus
4	poderes vodus para assegurar a vitória do "carcamano que surrupiou o ouro".
5	Um paraense disse que me irritei com o bom desempenho de nossos atletas e
6	torci contra Vanderlei de Lima, que só não ganhou a maratona por causa
7	daquele "maluco do Primeiro Mundo". Um rondoniense disse que Horan foi
8	criado por minha imaginação. Um gaúcho disse que contratei o sujeito porque
9	o Brasil estava ganhando medalhas demais. Um paranaense disse que Horan,
10	na realidade, sou eu, de saioite, disposto a praticar qualquer indignidade para
11	garantir a ultrapassagem do maratonista americano, porque minha meta é
12	"derrubar o sonho dos brasileiros".

Neste segmento, o próprio autor se encarrega de apresentar as diferentes vozes de leitores de sua coluna. Há demonstração de distanciamento, os comentários, neste parágrafo, são apenas relatados. Aparecem várias marcas de primeira pessoa, indicando a visão que alguns leitores teriam do colunista. Com o relato, Mainardi mostra os julgamentos negativos que esses leitores teriam feito sobre ele: a goiana (“poderes vodus”, l.3-5) e o paranaense (“praticar qualquer indignidade”, “minha meta é "derrubar o sonho dos brasileiros"” l.10-12) estariam julgando a propriedade da atitude do colunista, com foco em sanção social. Já o

<sup>52</sup> Em 28-07-04 foi escrito o texto “Perde Brasil” sobre o patrocínio dos jogos olímpicos, que recebeu 54 cartas do leitor, sendo o segundo assunto mais comentado da semana. Em 11-08-04, “As Olimpíadas do Pateta” retomou o tema da semana anterior (patrocínio) e causou polêmica ao afirmar que “o dever dos atletas brasileiros é perder”. 69 leitores se manifestaram sobre o tema, sendo novamente o segundo ponto mais discutido. Em 08-09-04 foi publicada a coluna “O irlandês ajudou”, que recebeu 102 cartas, também sendo o segundo tema mais comentado.

paraense (“torci contra”, l.5-7), o rondoniense (“criado por minha imaginação”, l.7-8) e o gaúcho (“contratei o sujeito”, l.8-9) estariam fazendo um julgamento negativo focado em estima social – tenacidade.

No fragmento, podemos observar que as críticas dos leitores se dirigem a Diogo Mainardi pelo fato de ele não torcer pelos atletas brasileiros (o que se comprova nas três colunas escritas sobre o tema). Não há, dentre os comentários mencionados, algum condenando o responsável pelo fato, Cornelius Horan.

O relato da crítica do leitor paranaense, que teria afirmado que a “meta” de Mainardi é “derrubar o sonho dos brasileiros” está relacionada à visão que muitos outros leitores fazem do articulista, como o escritor Samir Thomaz (Observatório da Imprensa), que afirmou que Mainardi “não disfarça que sente ojeriza por tudo o que diz respeito ao Brasil e aos brasileiros”.

13	Primeiro: Horan está certo. O fim do mundo é mais importante que uma maratona. Arrependa-se. Os pecadores irão arder para sempre no fogo do inferno.
14	
15	

No segundo segmento da coluna, observamos atribuição na referência a Horan e ao comentário que este fez sobre sua missão<sup>53</sup> ao interromper o maratonista (l.13). Na seqüência aparece a opinião de Mainardi em “certo” e “mais importante” (l.13-14). Pode ser verificada uma apreciação negativa do articulista em relação à maratona (“o fim do mundo é mais importante”, l.13-14), novamente com a quebra de expectativas: ser contra a maratona Olímpica, o que demonstra alto grau de comprometimento do articulista com suas opiniões. Ao utilizar “arrependa-se” (l.14), o colunista faz uma referência sarcástica a seus leitores. A sentença final dá o tom de humor ao comentário.

16	Segundo: se não fosse por Horan, Vanderlei de Lima não só não teria ganho a medalha de ouro como teria chegado, pelos meus cálculos, em sétimo lugar. Àquela altura da maratona, ele estava perdendo mais de vinte segundos por
17	
18	

<sup>53</sup> De acordo com o Site de esportes do Terra, “Cornelius Horan explicou os motivos que o levaram a modificar a história da prova mais nobre da Olimpíada. ‘O mundo precisa saber que o maior evento de nosso tempo está chegando: a segunda volta de Cristo à Terra. O século 21 exige maneiras distintas de atuação, e eu acredito que os grandes eventos, por canalizarem a atenção do público, são a melhor maneira de levar a palavra de Deus’”.

19	quilômetro. O incidente com Horan deu-lhe um gás a mais. O italiano que
20	ganhou a maratona disse que, se tivesse acontecido com ele, simplesmente
21	teria dado um safanão no intruso e seguido em frente.

Nesse parágrafo do texto, o articulista mostra sua visão sobre o incidente com o maratonista brasileiro, fazendo uma avaliação negativa da capacidade de Vanderlei de Lima (“deu-lhe um gás a mais”, l.19), mostrando um julgamento negativo focado em estima social, o que é reforçado pelo julgamento positivo do maratonista italiano, que “simplesmente teria dado um safanão no intruso e seguido em frente” (l.20-21). No final do fragmento da coluna, observamos expansão dialógica, quando a voz do maratonista italiano é trazida para o texto (l.19-21). Quanto à gradação, notamos o envolvimento do autor ao emitir suas opiniões, que pode ser considerado de médio grau.

Mais uma vez podemos observar que os comentários de Mainardi podem chocar leitores: milhares de brasileiros acreditam que Vanderlei de Lima iria ganhar a maratona, caso Horan não tivesse aparecido. O articulista vai de encontro à opinião desse grande grupo de pessoas ao afirmar que existem cálculos que comprovam que a vitória não era certa, pois o ritmo do atleta estava diminuindo.

22	Terceiro: os brasileiros são muito mais malucos que Horan. Sentem-se
23	perseguidos pelo resto do mundo. Vêem maquinações dos países ricos em
24	todos os seus fracassos. Acreditam que o episódio com Vanderlei de Lima só
25	ocorreu porque a maratona estava sendo dominada por um brasileiro. Os
26	vencedores das três últimas maratonas olímpicas foram um coreano, um sul-
27	africano e um etíope. Ou seja, só atletas de países pobres. Nesta semana,
28	Lula alimentou a paranóia nacional com mais uma teoria conspiratória. Disse
29	que os países ricos, reunidos no G7, decidiram criar o G8 somente depois que
30	o Brasil perdeu a condição de oitava economia do mundo, porque não podiam
31	aceitar um país latino-americano entre os mais desenvolvidos. A declaração
32	de Lula é uma mistura de delírio e ignorância. Os países ricos ampliaram o G7
33	para incluir a Rússia, que não é a oitava economia do mundo, mas uma
34	superpotência nuclear. Além disso, o Brasil foi a oitava economia do mundo
35	por umas poucas semanas em 1997, graças à moeda inflada artificialmente. A

36	renda per capita, na época, era de mais de 4.700 dólares. Agora voltou à
37	miséria bem mais realista de 2.700. Os brasileiros são doentes. Precisam se
38	tratar.

A visão dos brasileiros é relatada no quarto parágrafo (l.22-25), mostrando distanciamento do colunista, que a seguir vai confrontá-las. A opinião de Mainardi aparece logo no início, ao considerar os brasileiros “malucos”, pois estes “sentem-se perseguidos” e “vêm maquinações” em seus “fracassos”, demonstrando alto grau de compromisso do autor com suas idéias. Esse ponto de vista, que aponta para um julgamento negativo baseado estima social – normalidade, pode chocar muitos leitores. Esta avaliação negativa é reforçada pela menção de que os brasileiros sofrem de uma “paranóia nacional” estimulada por “teoria conspiratória” (l.28). A voz do presidente também é apresentada (l.28-31), apontando dialogismo, mas essa opinião é refutada a seguir. Ao apresentar sua visão (“mistura de delírio e ignorância”, l.32) sobre o comentário de Lula, Diogo Mainardi faz uma avaliação do governante, um julgamento negativo focado em estima social – capacidade. Nas sentenças finais do parágrafo verificamos uma apreciação negativa da situação econômica do país (“miséria bem mais realista”, l.37) e um julgamento negativo dos brasileiros (estima social - capacidade) (“Os brasileiros são doentes. Precisam se tratar”, l.37-38). Com a demonstração clara de seu ponto de vista, Diogo Mainardi vai construindo sua imagem no decorrer do texto.

Novamente podemos observar, nesse fragmento, as opiniões polêmicas de Diogo Mainardi, que, com a quebra de expectativas e a derrubada de lugares-comuns, choca muitos leitores, o que ocasiona o recebimento de muitas críticas.

39	Quarto: estou me lixando para as medalhas do Brasil. Eu queria apenas
40	poupar seu dinheiro. Reclamei da enormidade que o governo gastou em
41	propaganda ufanista durante o período olímpico, para abocanhar seu voto. O
42	governo ganhou. Eu perdi. Você aí, no Pará, enrolado na bandeira, com a mão
43	no peito, também perdeu. Não sei se o fim do mundo está chegando. Mas o
44	fim do Brasil já chegou.

A imagem de Diogo Mainardi é construída no segmento através das marcas de primeira pessoa e da demonstração clara de opinião, com alto grau de



envolvimento. Quanto à avaliação, observamos, logo no início do texto, uma demonstração de afeto negativo do colunista em relação às medalhas do Brasil nas Olimpíadas (“estou me lixando”, l.39). A seguir, aparece um julgamento negativo do governo (“enormidade”, “propaganda ufanista”, “abocanhar”, l.40-41), focado em sanção social (veracidade). A relação ganhar X perder (l.42-43) tem ligação com o tema *jogos*. Na frase inicial, notamos a quebra de expectativas, ao afirmar que ele não se interessa pelas medalhas ganhas pelo Brasil, o que pode causar estranhamento em muitas pessoas, que em geral torcem pelo país nas Olimpíadas.

No final do texto, observamos uma manifestação de afeto negativo do colunista em relação à situação brasileira, com o emprego de “o fim do Brasil já chegou” (l.44). O uso dessa expressão reforça a idéia que muitos leitores fazem de Mainardi, de alguém que não gosta do país. Verificamos, ainda, um diálogo com o leitor (l.42-43), buscando alinhamento.

No texto “O irlandês ajudou”, a voz externa é confrontada na maioria das vezes em que é apresentada. O *ethos* de Diogo Mainardi pode ser facilmente percebido pelo leitor através de seus posicionamentos claros e das marcas de primeira pessoa. A gradabilidade da avaliação aponta para um alto nível de comprometimento do articulista ao emitir seus pontos de vista, o que ocorre na maior parte do artigo.

Quanto ao engajamento, Mainardi busca alinhar os leitores em uma comunidade dos que condenam algumas atitudes do governo, neste caso, com relação aos gastos públicos, trazendo o período das Olimpíadas como exemplo. O parágrafo final do texto aponta claramente para esse movimento, quando os sentimentos e as intenções do autor são declarados, convidando o leitor a compartilhar desse ponto de vista. No último parágrafo do artigo, Diogo Mainardi assume claramente suas intenções ao construir seus textos, muitas vezes quebrando tabus e causando estranhamento no leitor. A tese defendida é explicitamente apresentada, o que não ocorre em todas as colunas: algumas vezes, apesar das opiniões fortemente marcadas, a tese fica implícita.

Dentre as colunas publicadas no ano de 2004, deve ser dado destaque às que se referem ao tema Olimpíadas. Nesse grupo de textos, a imagem polêmica que Mainardi mostra em seus textos, muitas vezes parece ir contra o senso comum: por que torcer pela derrota do país nas Olimpíadas? Isso causa estranhamento para muitas pessoas, serve de motivação para outras tantas comentarem, discutirem.

Com isso, Mainardi mostra sua intenção de, através das marcas deixadas em seus textos, chamar à atenção para determinados assuntos, mesmo levantando discussões e, muitas vezes, recebendo críticas.

#### REAÇÃO DOS LEITORES:

Em 15-09-04, a revista *Veja* traz três comentários a respeito do artigo de Diogo Mainardi. Conforme dados publicados na seção *Cartas*, 102 pessoas se manifestaram sobre o assunto, sendo o segundo ponto mais comentado na semana.

1	60- Agradeço a Diogo. A seu modo tenta mostrar que precisamos ser mais
2	realistas e acabar de vez com esse ufanismo vira-lata. O Brasil é um país
3	satélite, e precisamos encarar os fatos: medalhas em Olimpíadas não vão
4	melhorar nosso IDH, e, no fundo, são um fraco paliativo para nossa baixa
5	auto-estima. Futebol e Carnaval são cachaça para um povo pobre que não
6	aprendeu sobre seu passado, não compreende o presente e não imagina seu
7	futuro ("O irlandês ajudou", 8 de setembro).
	José Gurgel, Natal, RN (15-09-2004)

A voz do produtor dialoga com a de Mainardi na carta do leitor, apontando para expansão dialógica. Logo no início do comentário, observamos a avaliação atitudinal de afeto positivo do leitor em relação ao colunista, já que agradece a ele (l.1). A seguir aparece atribuição, com a voz de Mainardi sendo apresentada, seguida pela opinião do leitor sobre o assunto: o ufanismo do brasileiro é “vira-lata” (l.2), segundo ele, e as medalhas são um “fraco paliativo” para a “baixa auto-estima” (l.4-5), o que é reforçado pelo uso de “cachaça”, na frase seguinte. Estes comentários demonstram um julgamento negativo da situação do país na época de Olimpíadas, focado em estima social – normalidade. A carta é encerrada com mais um julgamento negativo focado em estima social – capacidade: o leitor apresenta sua avaliação sobre o povo pobre do Brasil: “não aprendeu”, “não compreende” e “não imagina” (l.5-7).

Com sua manifestação de apoio a Diogo Mainardi, com alto grau de comprometimento de suas opiniões, o leitor busca alinhar os demais leitores em

uma comunidade dos que concordam com o articulista e criticam o governo. A gradabilidade da avaliação pode ser considerada alta, o que se comprova com itens como “vira-lata” e “fraco paliativo”. O *ethos* do produtor deste comentário pode ser percebido no decorrer da carta, através da demonstração de seus sentimentos e da manifestação clara de seu ponto de vista.

1	61 <sup>54</sup> - É verdade que somos ufanistas exagerados, mas há que aplaudir
2	qualquer feito de um atleta olímpico brasileiro, mesmo que chegue em último.
3	Os aplausos servem para estimular outros atletas, que precisam se superar
4	para lutar contra a falta de apoio público e privado. Arthur Dazzani, Salvador, BA (15-09-2004)

A carta do leitor apresenta uma referência ao texto de Mainardi (ufanistas exagerados, l.1), mas observamos contração dialógica, pois a voz é logo refutada. O leitor faz uma apreciação positiva do texto, pois o artigo apresenta a verdade (l.1), ao mesmo tempo que é feito um julgamento negativo de Diogo Mainardi, focado em estima social (normalidade): qualquer feito deve ser aplaudido (l.1-2). A seguir o leitor apresenta um julgamento positivo dos atletas, baseado em estima social (capacidade) (l.1-4), demonstrando comprometimento do produtor com seu posicionamento. A imagem do leitor se constrói a partir de suas opiniões.

1	62- Só mesmo quem nunca experimentou ou mesmo simplesmente observou
2	os rigores dos treinamentos da prova seria capaz de escrever o que escreveu.
3	Uma pequena interrupção no ritmo respiratório é difícilimo de ser recuperada,
4	e a situação de Vanderlei foi agravada pelo impacto da surpresa hostil.
5	Impossível afirmar que ele venceria a prova, mas é possível dizer que
6	Vanderlei foi realmente um super-homem e sobretudo grandioso em sua
7	humildade. Roberto Pereira de Souza, Rio de Janeiro, RJ (15-09-2004)

<sup>54</sup> As cartas 61 e 62 foram incluídas na análise pois foram escritas em resposta à coluna “O irlandês ajudou”. Elas não faziam parte do corpus previamente selecionado, pois não mencionam as palavras Diogo/Mainardi, critério de seleção escolhido para as buscas com o programa *Text Stat*.

O comentário inicia com uma referência ao tema da coluna e até mesmo a Diogo Mainardi (“escrever o que escreveu”) (l.2). Podemos observar, no início do texto, (“nunca experimentou”, “simplesmente”, “capaz de escrever”), um julgamento negativo do leitor em relação a Diogo Mainardi, focado em estima social – capacidade (l.1-2). Já no final da carta, verificamos um julgamento positivo do maratonista (l.6), focado em estima social – tenacidade (“super-homem”, “grandioso”, “humildade”). Com a demonstração da opinião, percebemos a imagem do leitor que é construída no texto. Quanto à gradação, observa-se empenho do produtor, pois as escolhas lexicais apontam para o mais alto nível em uma escala: “capaz de escrever”, “super-homem” e “grandioso”.

#### 3.2.4 ANÁLISE DO TEXTO “MEUS QUERIDOS LEITORES” (Coluna 15, de 14-04-2004):

A coluna “Meus queridos leitores” foi escrita em resposta às correspondências enviadas por alguns dos leitores de Diogo Mainardi, abordando diferentes temas.

1	Vik Muniz é um dos mais bem-sucedidos artistas plásticos brasileiros.
2	Tempos atrás, em cartinha a VEJA, ele comparou minha coluna à imagem da
3	Virgem Maria e o menino Jesus. Agradeço muito. Eu só gostaria de notar, Vik,
4	que cartesiano é com "s".
5	Outro correspondente que merece uma resposta, mesmo que atrasada,
6	é o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Amido de
7	Mandioca (Abpam). Ele defendeu a coragem e o patriotismo do ministro Aldo
8	Rebelo, que apresentou um projeto de lei determinando o acréscimo de amido
9	de mandioca ao pão francês. O presidente da Abpam garantiu que a mandioca
10	é um "tubérculo de grande valor". E que o amido de mandioca é "um produto
11	nobre, matéria-prima para a fabricação de papelão, tecidos e cosméticos".
12	Peço desculpas aos associados da Abpam se eles se sentiram diminuídos. O
13	propósito do meu artigo era apenas denunciar a jequice e a inaptidão dos mais
14	altos representantes do governo Lula. Em nenhum momento pretendi sugerir
15	que houvesse algo de errado em comer papelão, tecidos e cosméticos.

16	Adriano Diogo é secretário do Meio Ambiente de Marta Suplicy. Ele
17	negou que a fonte do Ibirapuera, a principal obra da prefeitura petista, tenha
18	sido instalada num lago cheio de coliformes fecais. Chamou-me de leviano.
19	Assegurou que a balneabilidade do lago é "igual ou superior à de muitas
20	praias do litoral brasileiro". E afirmou que a água do lago "não é potável
21	apenas porque para isso seria necessário acrescentar cloro". Proponho o
22	seguinte, Adriano Diogo: eu recolho um copo de água do lago, pingo duas
23	gotinhas de cloro e você toma tudo num gole só.
24	Volnei Garrafa é o presidente da Sociedade Brasileira de Bioética,
25	indicado pelo ministro da Saúde, Humberto Costa. Ele não aprovou meu artigo
26	sobre o aborto. Disse que "há tempo não se lia algo tão ruim sobre o assunto".
27	Para ele, demonstrei "ignorância com relação ao tema". E despejei "fogo
28	amigo sobre aqueles que lutam pela descriminalização do aborto no país". Em
29	primeiro lugar, professor Garrafa, não sou seu amigo. Em segundo lugar, não
30	defendi a descriminalização do aborto, e sim a legalização. Em terceiro lugar,
31	é "descriminalização", não "discriminalização". Qual a classificação da
32	Universidade de Brasília no último Provão?
33	Olívio Dutra escreveu-me que, quando era governador do Rio Grande
34	do Sul, deu todo o apoio à abertura de uma CPI do jogo do bicho. Agora que é
35	ministro, mudou de idéia, sendo contrário à CPI do bingo. O que mais
36	surpreende nos petistas é que eles ainda não perceberam que,
37	independentemente da CPI, o governo Lula acabou. Em junho de 2003, previ
38	que Lula seria desmascarado em dois anos. Durou ainda menos. Na época,
39	tracei um paralelo entre Lula e Silvio Berlusconi, o primeiro-ministro italiano.
40	Para impedir investigações contra suas empresas, Berlusconi sempre acusa o
41	Ministério Público de ter motivações políticas. E uma de suas principais
42	bandeiras é intensificar o controle externo sobre a Justiça.
43	O capitão-de-mar-e-guerra Ronaldo Santoro respondeu à minha
44	tentativa de desqualificar o programa nuclear brasileiro. Assim como o
45	Washington Post, ele acredita que o Brasil sabe enriquecer urânio. Bobagem.
46	A gente só sabe enriquecer político ladrão.

Contextualização:

A carta enviada pelo leitor Vik Muniz, mencionada por Mainardi no segmento inicial de seu artigo (I.1-3), foi publicada em *Veja* em 14-01-04, remetendo à primeira coluna publicada no ano de 2004:

Desde que Diogo Mainardi começou a dedicar invariavelmente seus artigos à defesa de acusações pessoais, sua coluna passou a elucidar o comportamento intelectual do brasileiro em função da maneira como as pessoas decidem ignorá-lo ou odiá-lo. Assim como a imagem da virgem e o menino Jesus, por sua neutralidade e exaustão, não nos diz da vida dos mártires, mas, sim, da vida dos que com a imagem se relacionam, Diogo Mainardi parece exercer o mesmo efeito sobre aqueles que o criticam. Seu pessimismo previsível e vazio nos oferece um zero cartesiano para que possamos nos orientar em relação a nossa cultura. Mainardi é um chato, mas sua coluna é essencial.

*Vik Muniz*, Nova York, EUA

Na coluna “Abacaxi com caroço”, a que Vik Muniz se refere na carta, Diogo Mainardi menciona Caetano Veloso, afirmando que o cantor consideraria Mainardi “a parte deteriorada da cultura brasileira. Um derrotista, um entreguista, um colaboracionista, pronto a acolher o usurpador estrangeiro”. O articulista também cita Machado de Assis, a quem ele não considerava “como um inimigo. Ingenuamente, aliás, eu supunha que ele estivesse do nosso lado, comandando o nosso time, na qualidade de o maior e o mais prestigioso abacaxi com caroço do Brasil”.

A carta do presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Amido de Mandioca (I.5-15) não foi publicada pela revista. O texto de Diogo Mainardi a que o leitor estaria se referindo é “Aldo, o magnífico”, de 04-02-04, que menciona alguns dos projetos apresentados por Aldo Rebelo, dentre eles, o que “obriga a adição de farinha de raspa de mandioca à farinha de trigo”.

A carta de Adriano Diogo (I.16-23) se refere à coluna “Coliformes acrobatas” de 11-02-04, em que Mainardi menciona que

A prefeita Marta Suplicy ergueu uma fonte luminosa e multimídia num lago do Ibirapuera para comemorar o aniversário de São Paulo. O lago do Ibirapuera é um acúmulo de lodo e esgoto. Nada mais exemplarmente paulistano do que uma fonte que borrifa lodo e esgoto. O aspecto multimídia é garantido pelas acrobacias aquáticas dos coliformes fecais.

A carta de Adriano Diogo foi publicada em *Veja*:

Na última edição de *VEJA* (“Coliformes acrobatas”, 11 de fevereiro) Diogo Mainardi afirma que a prefeita Marta Suplicy ergueu uma fonte multimídia no lago do Ibirapuera, onde as águas são um acúmulo de lodo e esgoto. A fonte foi aprovada por todos os órgãos ambientais. Quanto à água do lago, sua balneabilidade é igual ou superior à de muitas praias do litoral brasileiro. Ela

apenas não é potável. A Sabesp mantém uma estação de tratamento dentro do Ibirapuera e monitora a qualidade da água diariamente. A fonte não foi instalada com dinheiro público, trata-se de um presente do grupo Pão de Açúcar à cidade.

*Adriano Diogo* - Secretário do Verde e Meio Ambiente do município de São Paulo

A carta de Volnei Garrafa (l.24-32), que não foi publicada na revista, fazia menção ao artigo “O planejamento petista”, de 17-03-04, que remete à questão da legalização do aborto:

O ministro da Saúde, Humberto Costa, anunciou que quer diminuir em 15% a mortalidade materna. Há uma maneira simples e rápida para atingir a meta. Basta legalizar o aborto. Calcula-se que os abortos clandestinos sejam responsáveis por cerca de 15% das mortes de gestantes. Acabando com os abortos clandestinos, a mortalidade materna diminui na mesma proporção, em particular entre as mulheres mais pobres e mais jovens.

A carta de Olívio Dutra (l.33-42) não foi publicada. Na coluna de 03-03-04 “Pelo impeachment de Lula”, Mainardi menciona que

Os gaúchos conhecem muito bem os métodos e as estratégias do PT. Em 2001, a Assembléia Legislativa do Estado montou uma CPI para investigar o suposto financiamento ilegal da campanha de Olívio Dutra por parte de bicheiros e proprietários de bingos.

A carta do capitão Ronaldo Santoro e o artigo a que se refere o fragmento final do artigo (l.43-46) não pertencem ao grupo de textos analisados (ano de 2004).

#### ANÁLISE DA COLUNA:

Quanto ao engajamento, em todo o texto há o diálogo com os leitores e, muitas vezes, com o assunto da coluna de Veja.

Todos os parágrafos do artigo “Meus queridos leitores” iniciam com uma referência ao leitor (l.1, 6, 16, 24, 33 e 43), seguida pelo assunto da carta ou por parte do comentário enviado (l.2-3, l.7-11, l.16-21, l.25-28, l.33-34 e l.43-45). Em vários momentos, Mainardi fecha a resposta à carta usando o tom irônico para fazer sua avaliação do texto do leitor. De acordo com o próprio colunista, “tem muita gente que não entende ironia, sarcasmo, este tipo de coisa. É uma deficiência cultural nossa”. Para o articulista, um debate “pode ser ácido, sarcástico, afiado, provocatório” (entrevista<sup>55</sup> para a Rádio Gaúcha/TV Com – Parte 1).

<sup>55</sup> Disponível em [http://www.sobrediodo.blogspot.com.br/2004\\_11\\_01\\_archive.html](http://www.sobrediodo.blogspot.com.br/2004_11_01_archive.html)

Nas linhas 3 e 4, ao mesmo tempo que Mainardi agradece ao leitor pela comparação feita, ele aponta um problema ortográfico cometido na carta: “Eu só gostaria de notar, Vik, que cartesiano é com ‘s’”. O segundo segmento é fechado em tom bem humorado, ao retomar as palavras do leitor (l.14-15). O terceiro fragmento da coluna é encerrado com um desafio ao leitor, também recorrendo ao humor: “eu recolho um copo de água do lago, pingo duas gotinhas de cloro e você toma tudo num gole só” (l.22-23). No parágrafo seguinte, a resposta do articulista vem novamente em tom desafiador, também corrigindo a carta enviada (l.29-31), fechando o segmento com uma pergunta retórica: “Qual a classificação da Universidade de Brasília no último provão?”. O tom bem humorado volta no final do texto, no jogo de palavras com o enriquecimento de urânio: “Bobagem. A gente só sabe enriquecer político ladrão” (l.45-46).

Com relação às avaliações feitas, observamos alto grau de comprometimento de Diogo Mainardi ao emitir suas opiniões. Dentre as principais marcas avaliativas, o texto inicia fazendo um julgamento positivo de Vik Muniz, o que é mostrado na expressão “bem-sucedido” (estima social - capacidade). A seguir, verificamos um julgamento negativo implícito do artista plástico, com base em estima social – capacidade, ao mencionar que “cartesiano é com ‘s’”.

No segundo parágrafo, observamos um julgamento positivo do ministro, feito pelo leitor, o que fica evidente na seleção de “coragem” e “patriotismo”. Na seqüência, o articulista pede desculpas aos associados da Abpam e reforça o propósito do artigo escrito anteriormente por ele, mostrando claramente a tese, o que aponta para a construção de seu *ethos*: “O propósito do meu artigo era apenas denunciar a jequice e a inaptidão dos mais altos representantes do governo Lula”. Nesse comentário, Diogo Mainardi faz um julgamento negativo do representante do governo, avaliando a capacidade dele (foco em estima social), o que é marcado por “jequice” e “inaptidão”.

No terceiro segmento, ao afirmar que o leitor o chamou de “leviano” (l.18), o colunista aponta para um julgamento negativo, focado em sanção social – veracidade, que teria sido feito pelo secretário Adriano Diogo em relação a Mainardi. A resposta do colunista (l. 21-23), uma vez que este lança um desafio, também pode ser considerada um julgamento implícito, focado em sanção social – veracidade, dele em relação ao secretário.



No quarto segmento, inicialmente, observamos, no comentário relatado por Mainardi (l.26-28), o julgamento negativo com foco em estima social – capacidade do leitor em relação ao colunista, o que é marcado pelo uso de “não aprovou”, “tão ruim”, “ignorância” e “fogo amigo”. A seguir, ao responder que não é amigo do leitor, Diogo Mainardi refuta o comentário feito, e faz um julgamento negativo do professor (estima social - capacidade), ao mencionar os equívocos cometidos (l.30-31).

O quinto parágrafo retoma o tema política, com a resposta a Olívio Dutra, afirmando que este “mudou de idéia” (l.34-35), o que é visto como um julgamento negativo focado em sanção social (propriedade). Verificamos, ainda neste fragmento, o julgamento negativo do governo (l.37-38) com foco em sanção social (veracidade), o que é marcado pelos itens lexicais “acabou” e “desmascarado”. No último segmento (l.46), temos também um julgamento negativo (“político ladrão”) feito sobre alguns políticos (sanção social - veracidade).

Em todos os julgamentos, percebemos alto grau de comprometimento, tanto da parte de Mainardi, quanto dos leitores, o que se comprova pelas escolhas lexicais, que estariam no nível mais elevado em uma escala. As marcas claras de opinião, o uso do humor, os desafios lançados, apontam para as marcas do *ethos* dos produtores. Ao observarmos os comentários dos leitores, também podemos notar a imagem que estes fazem de Diogo Mainardi, através das respostas dadas aos assuntos das diferentes colunas.

#### REAÇÃO DO LEITOR:

Após a publicação da coluna “Meus queridos leitores”, Volnei Garrafa novamente escreve a Mainardi, tendo, então, seu comentário publicado:

1	28- A Sociedade Brasileira de Bioética (SBB) é uma entidade científica da
2	sociedade civil; seus dirigentes são eleitos estatutariamente pelos pares
3	acadêmicos. A menção ao fato de o ministro Humberto Costa (que nem
4	sequer conheço pessoalmente) ter me nomeado presidente da SBB mostra a
5	completa desinformação do jornalista ("Meus queridos leitores", 14 de abril).
6	Eu me referi a "fogo amigo" pois seu artigo, que pretendia defender o aborto,
7	tornou-se uma peça (fraca e de mau gosto, felizmente) de apoio para aqueles

8	que o combatem. Em tempo: nas carreiras nas quais tenho atuação
9	profissional (odontologia, nutrição, farmácia...), me parece que a UnB ficou
10	com nota "A" no Provão; sobre as demais, não tenho informações. Mas, de
11	modo geral, a UnB tem se saído bem nos Provões.
	Volnei Garrafa, Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética da UnB, Brasília, DF

A carta de Volnei Garrafa, publicada em Veja de 21-04-04, foi uma resposta ao comentário feito por Diogo Mainardi em sua coluna (l.24-32). O leitor inicia seu texto explicando o trabalho realizado por ele, indo de encontro ao que foi afirmado por Mainardi (l.24-25 da coluna), o que aponta para um julgamento negativo (do leitor em relação ao articulista) baseado em sanção social (propriedade), o que é reforçado pelo uso da expressão “completa desinformação” (l.5 da carta). Ao retomar o tema aborto, o produtor da carta refuta os comentários feitos por Mainardi em seu artigo, novamente julgando de forma negativa o comportamento do colunista (estima social - capacidade), o que é marcado por “fraca”, “mau-gosto” e “felizmente”. Mais uma vez indo de encontro às colocações de Mainardi, Volnei Garrafa corrige o uso feito pelo colunista da expressão “fogo amigo”, que teria sido mencionada na primeira carta escrita: o professor a teria empregado no sentido que surgiu nas guerras, quando um companheiro mata outro, sem intenção. A retificação aponta para um julgamento negativo, baseado em estima social – capacidade, do colunista. O leitor fecha seu comentário mais uma vez contrariando Mainardi, em resposta à menção sobre a posição da universidade nos provões (l.8-11).

Em todas as suas colocações, o autor da carta mostra grau elevado de compromisso em seus posicionamentos, o que se mostra pelas escolhas lexicais. O texto tem caráter heterogóssico, uma vez que dialoga com os comentários de Diogo Mainardi.

### 3.2.5 A COMUNIDADE DE LEITORES

Todo o texto pode servir como exemplo claro da formação da comunidade de leitores de Diogo Mainardi: se há muitos que escrevem cartas para elogiar o trabalho, neste texto, percebemos que também existem muitas opiniões discordantes. Podemos observar, ainda, que, mesmo os que não corroboram os

posicionamentos do articulista, se escreveram para ele, é por que leram a coluna, ou seja: a comunidade de leitores é formada pelos que concordam, pelos que elogiam, pelos que permanecem em posição neutra, mas também pelos que discordam, criticam, debatem idéias.

A partir do conceito de motivação apresentado por Meurer (1997, p. 18), verificamos que, ao escreverem as cartas, os leitores, em geral, buscam defender um determinado ponto de vista, contrário ou favorável ao do articulista. No caso de Diogo Mainardi, da revista *Veja*, suas opiniões polêmicas possivelmente sejam essa motivação, pois estas poderiam causar situações de conflito envolvendo fatos da vida dos leitores, de seu conjunto de práticas sociais, definidas por Meurer (1997, p.21) como aquilo “que as pessoas efetivamente fazem ou realizam na vida real”. As colocações muitas vezes causam estranhamento em muitos leitores pela quebra de paradigmas, o que pode ser chocante à primeira vista.

A partir desses exemplos, percebemos que as polêmicas levantadas por Diogo Mainardi, que motivam dezenas de pessoas a escreverem cartas do leitor destinadas a ele todas as semanas, cumprem um importante papel de motivar a discussão dessas questões na sociedade. No momento em que uma pessoa pensa em escrever uma dessas cartas, ela se posiciona diante da questão, para concordar ou discordar do colunista, sendo que esse processo se dá através da linguagem, tanto na parte de Mainardi, em suas colunas semanais, como da parte dos leitores, ao escreverem para comentar os textos. Isso confirma as idéias apresentadas por Meurer (2002, p.10-11), que destaca a importância de se desenvolver habilidades comunicativas para se interagir no mundo de forma crítica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, observamos como se dá a formação de uma comunidade de leitores, através da análise de dois gêneros: o artigo de opinião e a carta do leitor. Nesses textos, verificamos de que forma os valores de avaliação operam, na busca do alinhamento do leitor. A pesquisa buscou observar a função interpessoal dos textos, analisando de que forma são construídas as avaliações e como se dá a relação escritor-leitor.

O trabalho iniciou mostrando a visão de Bakhtin sobre gênero, que o considera como o resultado da recorrência de tema, organização e estilo, para, a partir dessa concepção, trazer a visão de outros teóricos sobre o assunto, buscando compreender melhor seu funcionamento. Acreditamos que a relação entre a teoria de Bakhtin e a teoria da valoração esteja, principalmente, na observação do estilo do autor, além da noção de compreensão responsiva ativa, ou seja, todo enunciado pressupõe uma resposta, o que fica claro na relação escritor-leitor. A partir do conceito de conjunto e sistema de gêneros, proposto por Bazerman, observamos que a carta do leitor e a coluna de opinião, através da formação de uma comunidade de leitores, confirmaram a hipótese das “seqüências regulares com que um gênero segue outro gênero” (2005, p.32).

De acordo com a noção de *ethos*, pretendemos compreender de que forma a imagem construída pelo escritor em seu texto era recebida pelo leitor e que marcas desse *ethos* estavam presentes nos textos. Observando os artigos de Diogo Mainardi selecionados, verificamos que, em um grande número de vezes, a imagem do colunista foi mostrada diretamente, através do uso explícito do pronome pessoal *eu*. Em outras situações, a primeira pessoa fazia parte da desinência verbal.

Com base nas observações feitas sobre o *ethos* de Diogo Mainardi, notamos que, em sua coluna semanal da revista *Veja*, sua imagem é construída de forma clara. O articulista faz questão de marcar sua voz sobre as questões polêmicas que são discutidas em seus textos, o que leva o leitor a entrar no debate, seja para concordar, seja para criticar. Como é apontado pela própria revista, Diogo Mainardi é um dos que mais recebem cartas do leitor comentando suas colunas, o que mostra

que há uma comunidade de leitores de Diogo Mainardi, pessoas que semanalmente lêem seus textos e, muitas vezes, escrevem à revista para comentá-los.

Um dos questionamentos que nortearam esta pesquisa é por que tantas pessoas escrevem semanalmente cartas à revista *Veja* comentando os textos de Diogo Mainardi. A partir do conceito de motivação, de Meurer, analisamos os grupos de cartas e textos a fim de verificar qual poderia ser a resposta. Com base nas observações feitas, acreditamos que a imagem pessoal transmitida pelos textos de Diogo Mainardi, normalmente polêmica, seria essa motivação. Esses posicionamentos podem causar estranhamento em alguns leitores, pela quebra de paradigmas que muitas vezes ocorre na emissão desses pontos de vista, o que pode chocar diversos leitores, agradar outros tantos, mas, certamente, suscita debates acerca dos temas apresentados. Dessa forma, acreditamos que o *ethos* projetado nos textos do colunista serve como motivação para a produção das cartas do leitor, o que foi outra questão apontada no início do trabalho.

Outro ponto central deste estudo foi a organização da comunidade de leitores. Das onze cartas do leitor analisadas, observamos que ocorreu uma divisão das opiniões: cinco delas mostravam concordância com o colunista ou com suas opiniões, outras cinco, discordância e uma delas concordou em parte. Essa divisão aponta para a natural partição existente nas comunidades de leitores, o que também ocorre com a de Diogo Mainardi: muitos dos leitores de seus artigos concordam com seus pontos de vista, muitos outros discordam e alguns permanecem no que se pode considerar uma “zona cinza”: concordam com determinados pontos, mas não com outros; alguns reconhecem não gostar da imagem do colunista, mas aprovam suas opiniões. Esses três grupos comprovam nossa hipótese da formação de uma comunidade de leitores, composta por pessoas que lêem por admiração, por outras que parecem estar curiosas, outras tantas que se sentem desafiadas, chocadas com as polêmicas que muitas vezes lhes causam estranhamento: todos leitores, seja para concordar, para discordar seja para criticar.

Com relação às estratégias utilizadas pelos produtores, a teoria da valoração, apresentada por Martin & White (2005), contribuiu para a compreensão do modo como as atitudes operam nos textos, buscando alinhamento do leitor em comunidades. Verificamos até que ponto o autor de cada texto se mostrava engajado nas idéias que estava defendendo, e como essa defesa era graduada: baixo, médio ou alto grau de comprometimento do produtor com seu

posicionamento. Os itens lexicais estariam em uma escala, cabendo ao escritor do texto escolher os de maior ou menor nível de comprometimento. A partir do conceito de avaliação atitudinal, as marcas de opinião foram classificadas nas três categorias propostas pelos pesquisadores australianos: *afeto*, quando há um predomínio da demonstração dos sentimentos positivos ou negativos, com a emoção em seu centro; *juízo*, quando se observa a aprovação ou reprovação de determinados comportamentos, com foco em estima ou sanção social; ou, ainda, *apreciação*, que se relaciona às avaliações feitas de fenômenos, textos, obras, etc.

Após o embasamento teórico, este trabalho procurou aplicar os conceitos da teoria da valoração, de Martin & White, nos textos selecionados para o *corpus*. A partir dos resultados encontrados na análise, consideramos que, no caso destes grupos de textos, há um predomínio do engajamento heteroglóssico, pois normalmente há referência a outros textos, outras pessoas ou opiniões, observando uma preponderância de dialogismo. Verificamos, também, a grande ocorrência de contração dialógica, principalmente nos artigos de opinião: quando uma voz externa era apresentada, normalmente essa era refutada ou desafiada.

No caso das marcas de avaliação atitudinal, observamos, no *corpus* analisado, um predomínio dos julgamentos, seguidos pelas apreciações e pelas manifestações de afeto, sendo estas em menor número. Em muitos fragmentos dos artigos ou nas cartas do leitor, ocorreu a mescla de mais de uma modalidade avaliativa.

Quanto ao modo de graduar as manifestações avaliativas, verificamos, nos artigos de opinião e nas cartas do leitor, que, na maioria das vezes, as opiniões são manifestadas com alto grau de comprometimento do produtor: os vocábulos escolhidos pelos produtores normalmente estariam no nível mais alto em uma escala de valores, o que aponta para um elevado envolvimento do autor com a opinião emitida em seus textos.

Este trabalho pretendeu investigar algumas questões ligadas à relação escritor-leitor, mas sabemos que os resultados que obtivemos poderiam se alterar caso a metodologia empregada fosse outra, ou os textos fossem diferentes. O que buscamos com esta pesquisa foi dar uma contribuição para a constante discussão acerca dos estudos com gêneros, observando um determinado *corpus* a partir de uma teoria que se pode considerar recente.

Sabemos que os dados obtidos não são conclusivos. Diferentes possibilidades de análise textual podem motivar novos estudos com a mesma teoria, ou até com o mesmo *corpus*. Uma outra perspectiva seria a dos estudos comparativos: a formação de diferentes comunidades de leitores, com dois colunistas da mesma ou de diferentes revistas, por exemplo. A mudança da orientação teórica também poderia proporcionar interessantes resultados, inclusive a partir do mesmo *corpus* e das mesmas hipóteses.

Quanto às limitações da pesquisa, consideramos que a principal delas foi a pouca bibliografia encontrada em língua portuguesa acerca da teoria da valoração. Trabalhamos basicamente com a obra de Martin & White (2005) publicada em inglês, o que nos levou, muitas vezes, a utilizar uma terminologia de nossa própria tradução. O artigo de White já traduzido para o português, bem como a bibliografia da gramática sistêmico-funcional já disponível nesta língua, foram de grande auxílio.

Esperamos que nosso estudo tenha contribuído para a discussão sobre os gêneros e, especialmente, para o debate sobre a linguagem em uso em nosso dia-a-dia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A.S. **A arte de argumentar. Gerenciando razão e emoção.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editoria, 2000.

AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** São Paulo: Contexto, 2005.

AZEVEDO R. (blog). Disponível em:  
<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2006/07/record-relana-diogo-marchons-marchons.html> (acesso 21-05-07)

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, N.C.A. Estratégias de ataque à face em gêneros jornalísticos. In: MEURER, J.L. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas:** subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: EDUSC, 2002.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** DIONÍSIO, A.P., HOFFNAGEL, J.C. (orgs.). São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA, M. A. Por que cartas do leitor na sala de aula? In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino.** 2. ed. Rio de Janeiro: lucerna, 2002.

BRAIT. B. Estilo. In: BRAIT. B. (org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

CABRAL, S.R.S. **Estrutura textual e transitividade:** a carta do leitor como construção da experiência. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras - PPGL) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.

CAMARGO, C. e MINEO, E. P., organizadores do site. Disponível em:



[http://paginas.terra.com.br/lazer/crisonline/weblog/dicionario\\_dm.htm](http://paginas.terra.com.br/lazer/crisonline/weblog/dicionario_dm.htm)  
(acesso 22-05-07)

DASCAL, M. O ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. In.: AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

EDITORA CIA DAS LETRAS. Disponível em:  
<http://www.companhiadasletras.com.br/20anos/autores.php3?autor=&profissional=&pais=&letra=&brasil=&inedito=&pagina=35> (acesso 22-05-07)

EDITORA GLOBO. Disponível em:  
<http://edglobo.globo.com/publiedglobo.htm> (acesso 22-05-07)

EDITORA 3. Disponível em:  
[http://editora3.terra.com.br/publicidade\\_portugues/istoe/circulacao.htm](http://editora3.terra.com.br/publicidade_portugues/istoe/circulacao.htm)  
(acesso 22-05-07)

EGGS, E. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna. In.: AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FOLHA ON-LINE. Disponível em:  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2004/olimpiada/historia-2004.shtml>  
(acesso 22-05-07)

FONTANINI, I. Cartas ao editor: a linguagem como forma de identificação social e ideológica. In: MEURER, J.L. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: EDUSC, 2002.

GIERING, M.E. **Argumentação: o artigo de opinião e sua configuração estratégica**. Anais do VI Congresso Latinoamericano de Estudos del Discurso.

Pontifícia Universidad Católica de Chile. Santiago, Chile: 2005. Disponível em: [www.congresoaled2005.puc.cl/pdf/giering.pdf](http://www.congresoaled2005.puc.cl/pdf/giering.pdf) -

\_\_\_\_\_. **O texto como sistema aberto e a configuração prototípica de artigos de opinião autorais.** In.: Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 7, número 1, jan./abril. 2007

HALLIDAY, M.A.K. Part A. In: HALLIDAY, M.A.K., HASAN, R. **Language, context, and text:** aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em análise do discurso.** 2ed. Campinas: Pontes, 1993.

MARTIN, J. R. & WHITE, P. R. R.. **The language of evaluation:** appraisal in English. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** 2 ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

MEURER, J.L. Esboço de um modelo de produção de textos. In: MEURER, J.L. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Parâmetros de textualização.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997.

MEURER, J.L. & MOTTA-ROTH, D., (orgs.) **Gêneros textuais e práticas discursivas:** subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: EDUSC, 2002.

MOTTA-ROTH, D., Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A.M., GAYDECZKA, B. & BRITO, K.S. (orgs.). **Gêneros Textuais:** reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

NOVO MANUAL DA REDAÇÃO. – São Paulo: Folha de São Paulo, 1992.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em:

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd300920032.htm>

(acesso 17-06-06)

O GLOBO On-line. Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/especiais/bienal2005/mat/168307749> (acesso 16-06-06)

ORKUT: [www.orkut.com](http://www.orkut.com)

PASSOS, C. M. T. V. dos. As Cartas do Leitor nas revistas Nova Escola e Educação.

In: DIONÍSIO, A. P. & BESERRA, N. S. (orgs.). **Tecendo textos, construindo experiências**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PUBLI ABRIL. Disponível em:

<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=47>

(acessos em 16-06-06 e 21-05-07)

REVISTA OI, edição 15, fevereiro/março de 2005. **Diogo Mainardi**: o pêndulo de relógio. Disponível em:

[http://www.revistaoi.com.br/nova/diogo\\_mainardi.asp](http://www.revistaoi.com.br/nova/diogo_mainardi.asp) (acesso 11-06-06)

REVISTA TRIP, Edição 118 (dezembro/2003). Disponível em:

<http://www2.uol.com.br/trip/118/negras/02.htm> (acesso 11-06-06)

REVISTAS VEJA do ano de 2004 (todas as edições).

REVISTA VEJA, Carta ao leitor, Perfil do polêmico colunista de Veja, p.9, ed. 1807, 18-06-2003. Editora Abril.

REVISTA VEJA, e-mail do serviço de atendimento ao leitor, Perfil de VEJA, recebido em 10-06-2005. Editora Abril.

RYSTROM, K. **The why, who and how of the editorial page**. Pennsylvania: Strata Publishing Company, 1994.

SARDINHA, T. B. **Usando o WordSmith Tools na investigação da linguagem**.

Direct Papers 40. LAEL. PUC – SP, 1999.

Disponível em: [www2.lael.pucsp.br/direct/direct\\_papers.htm](http://www2.lael.pucsp.br/direct/direct_papers.htm) (acesso 12-01-07)

SEMANA 3. Disponível em:

[www.semana3.com.br](http://www.semana3.com.br) (acesso 11-06-06)

SOBRE DIOGO BLOG. Disponível em:

<http://www.sobrediogo.blogspot.com.br/> (acesso 11-06-06)

TERRA ESPORTES. Disponível em:

<http://esportes.terra.com.br/atenas2004/interna/0,,OI375494-EI2806,00.html>  
(acesso 21-05-07)

TEXTSTAT. *Simple Text Analysis Tool*. Software livre produzido Matthias Hüning, <mhuening@zedat.fu-berlin.de>, da Freie Universität Berlin.

Disponível em: <http://www.niederlandistik.fu-berlin.de/textstat/software-en.html> .  
(acesso em 20-11-06)

THOMAZ, S. Ressentimento premiado. **Observatório da Imprensa**. Disponível em:

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd300920032.htm>  
(acesso 11-06-06)

WIKIPEDIA, **Enciclopédia livre**. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org> (acesso 11-05-06)

WHITE, P. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. Trad. Débora Figueiredo. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. esp, p. 178-205. Tubarão: Unisul, 2004.

**ANEXOS**

**Anexo 1:****QUADRO-RESUMO DA ANÁLISE:**

	Ethos marca- do por 1 <sup>a</sup> p. ou opinião clara	Avaliação atitudinal	Engajamento	Gradação Comprometi- mento autor	Posicionamento em relação a Mainardi
G1 - § 1	1 <sup>a</sup> p./opinião	Afeto	Monogl.	Alto grau	---
G1 - § 2	1 <sup>a</sup> p./opinião	Aprec./Julg.	Heterogl.	Alto grau	---
G1 - § 3	Opinião	Apreciação	Heterogl.	Alto grau	---
G1 - § 4	1 <sup>a</sup> p./opinião	Aprec./Julg.	Heterogl.	Alto grau	---
G1 - § 5	1 <sup>a</sup> p./opinião	Aprec./Julg.	Heterogl.	Alto grau	---
G1 - § 6	1 <sup>a</sup> p./opinião	Apreciação	Heterogl.	Alto grau	---
Carta 2	1 <sup>a</sup> p./opinião	Julgamento	Heterogl.	Alto grau	Discorda
Carta 3	1 <sup>a</sup> p./opinião	Afeto	Heterogl.	Alto grau	Discorda
Carta 4	1 <sup>a</sup> p./opinião	Afeto	Heterogl.	Alto grau	Concorda
Carta 5	1 <sup>a</sup> p./opinião	Aprec./Afeto	Heterogl.	Alto grau	Discorda
G 2 - § 1	1 <sup>a</sup> p./opinião	Apreciação	Heterogl.	Médio grau	---
G 2 - § 2	1 <sup>a</sup> p./opinião	Aprec./Julg.	Heterogl.	Alto grau	---
G 2 - § 3	1 <sup>a</sup> p./opinião	Aprec./Julg.	Heterogl.	Alto grau	---
G 2 - § 4	1 <sup>a</sup> p./opinião	Aprec./Julg.	Heterogl.	Alto grau	---
Carta 43	1 <sup>a</sup> p./opinião	Apr./Jul./Af.	Heterogl.	Alto grau	Concorda
Carta 44	1 <sup>a</sup> p./opinião	Afeto	Heterogl.	Alto grau	Concorda
Carta 45	1 <sup>a</sup> p./opinião	Afeto/Julg.	Heterogl.	Alto grau	Concorda
G 3 - § 1	1 <sup>a</sup> p./opinião	Julgamento	Heterogl.	Alto grau	---
G 3 - § 2	Opinião	Apreciação	Heterogl.	Alto grau	---
G 3 - § 3	1 <sup>a</sup> p./opinião	Julgamento	Heterogl.	Médio grau	---
G 3 - § 4	Opinião	Aprec./Julg.	Heterogl.	Alto grau	---
G 3 - § 5	1 <sup>a</sup> p./opinião	Afeto/Julg.	Heterogl.	Alto grau	---
Carta 60	1 <sup>a</sup> p./opinião	Afeto/Julg.	Heterogl.	Alto grau	Concorda
Carta 61	1 <sup>a</sup> p./opinião	Aprec./Julg.	Heterogl.	Médio grau	Conc.em parte
Carta 62	Opinião	Julgamento	Heterogl.	Alto grau	Contra
G 4 - § 1	1 <sup>a</sup> p./opinião	Julgamento	Heterogl.	Alto grau	---
G 4 - § 2	1 <sup>a</sup> p./opinião	Julgamento	Heterogl.	Alto grau	---

G 4 - § 3	1ªp./opinião	Julgamento	Heterogl.	Alto grau	---
G 4 - § 4	1ªp./opinião	Julgamento	Heterogl.	Alto grau	---
G 4 - § 5	1ªp./opinião	Julgamento	Heterogl.	Alto grau	---
G 4 - § 6	1ªp./opinião	Julgamento	Heterogl.	Alto grau	---
Carta 28	1ªp./opinião	Julgamento	Heterogl.	Alto grau	Discorda

## **Anexo 2: Colunas utilizadas na análise**

### **O pior é melhor (28-01-2004)**

*"É uma sorte que São Paulo seja tão pouco musical. A música popular constitui o maior fator de atraso no Brasil. Quanto mais musical é uma região, mais subdesenvolvida ela é"*

Desde cedo a única meta que eu tinha na vida era ir embora de São Paulo. Fracassei em minha primeira tentativa migratória. Fracassei na segunda. Na terceira, deu certo. Fui embora e nunca mais voltei.

Depois de tantos anos de afastamento, finalmente me reconciliei com a cidade. Aprendi a reconhecer seus méritos. O maior deles é despertar o sentimento de repulsa em seus habitantes. São Paulo é tão detestável que somos estimulados a rejeitar nossa origem, a buscar lá fora o que não podemos encontrar aqui dentro. Parece pouco. Não é. São Paulo não acomoda. Ela nos deixa num permanente estado de insatisfação e precariedade. O paulistano não é apegado a nada. Está sempre de malas prontas, disposto a abandonar oportunisticamente tudo o que lhe pertence: sua cidade, seu país, sua família, suas idéias. Não temos o sentido de coletividade: não sabemos votar, não sabemos respeitar as regras, não sabemos pensar no próximo, não sabemos cumprir os acordos. Em compensação, conseguiríamos nos adaptar com facilidade a um holocausto nuclear. Pena que a perspectiva de um holocausto nuclear seja cada dia mais remota.

A música é o mais importante elemento de identidade nacional. Em São Paulo, a falta de sentido de coletividade nos impediu de desenvolver um estilo musical. Ao contrário do resto do Brasil, não temos ritmos próprios, não temos artistas de peso. Nosso ouvido é duro. Na festa de aniversário da cidade, o melhor que conseguimos apresentar foi o grupo Demônios da Garoa. Caetano Veloso também homenageou a cidade, mas ele não conta, porque é baiano e, sobretudo, porque homenageia qualquer lugar. Ele já homenageou Londres, Barcelona, Nova

York, São Francisco e Brasília. Já homenageou até TelAviv. Caetano Veloso é como Lamartine Babo, que escreveu os hinos de todos os times de futebol do Rio de Janeiro.

É uma sorte que São Paulo seja tão pouco musical. A música popular constitui o maior fator de atraso no Brasil. Quanto mais musical é uma região, mais subdesenvolvida ela é. A musicalidade dos brasileiros está diretamente relacionada com as epidemias de leishmaniose, os esgotos a céu aberto, os desmoronamentos de favelas. São Paulo é a cidade mais rica do Brasil simplesmente porque não entende nada de música, porque não fica sentada em banquinho de violão. Os compositores de música popular, agora, publicam livros com todas as suas letras. Quem consegue compreender o significado dessas letras nunca irá aprender a construir uma ponte, ou a planejar o escoamento de um milharal, ou a obturar um dente cariado. Um conhecimento anula o outro.

O Brasil se reconhece no sentimentalismo mais ordinário, no verso mais incongruente, na batida mais simplória. Fomos ensinados que a música nos ajudou a resistir a todos os tipos de autoritarismo. Mentira. A música é um instrumento de dominação. Tanto que todos os partidos políticos criam seus sambinhas para o horário eleitoral. Se até o PTB tem seu sambinha, é sinal de que há algo errado na MPB.

São Paulo é a pior cidade do Brasil. Mas nós, paulistanos, até que temos a nossa graça: não levamos jeito para a música, o que nos torna, tudo somado, um pouco menos brasileiros.

#### **O diogomainardismo (16-06-2004)**

*"Assim como o termo malufismo ganhou a conotação de desvio de dinheiro público, o diogomainardismo pode ser definido como uma difamação espalhafatosa na tentativa de chamar atenção"*

Virei um insulto. Tutty Vasques assinalou o fato. Quando os leitores querem insultá-lo por causa de um artigo, já não ofendem sua mãe, como antes, mas o comparam a mim. Chamam-no de Diogo Mainardi. Assim como o termo malufismo ganhou a conotação de desvio de dinheiro público, diogomainardismo pode ser definido como uma difamação espalhafatosa na tentativa de chamar atenção. Foi com esse significado nada lisonjeiro que meu nome entrou para o dicionário. Acompanhado por adjetivos como derrotista, frustrado, invejoso, ególatra, leviano,



oportunista, mal-humorado. Pouco importa que eu não me reconheça na descrição. Diogo Mainardi se tornou uma entidade maior do que eu. Como Pelé, posso começar a falar a meu respeito na terceira pessoa.

O epíteto Diogo Mainardi é aplicado a qualquer coitado que reclame publicamente de alguma coisa. Do jornalista que denuncia nossa falta de jeito para o cinema ao blogueiro adolescente que se recusa a gostar de uma determinada banda musical. Em geral, trata-se de gente inofensiva que se limita a soltar um comentário gratuito sobre um tema desimportante. Basta pouco para estimular a ultrajante comparação. Atribuíram-me o monopólio do protesto. Desse modo, qualquer um que proteste é automaticamente associado a mim, com tudo o que isso tem de negativo. Os brasileiros sempre preferiram o conchavo e o corporativismo à discussão e à insubordinação. Apesar dessa nossa propensão à canalhice, tivemos grandes contestadores no passado, sobretudo na imprensa. Aparentemente não sobrou nenhum. Ou melhor, só sobrei eu, um palerma, uma caricatura grosseira de quem me precedeu.

Pelas contas de Tutty Vasques, 96% dos cariocas cassariam meu visto e me mandariam embora do Rio de Janeiro. Certamente os mesmos 96% que apoiavam Lula no começo do mandato. A eleição de Lula representou o triunfo do diogomainardismo. Peguei no pé do presidente desde os primeiros tempos, para contrastar a euforia plebiscitária que se formou ao seu redor. Agora a euforia passou. As pessoas se encheram de Lula e, conseqüentemente, encheram-se de mim, identificando-me como uma espécie de parasita do insucesso petista. Cresci como um verme solitário na barriga do governo, alimentando-me da figura de bom selvagem de Lula, com seu palavreado primário e sua malandragem brasileira. Quando Lula acabou, acabei junto. Virei um palavrão. Daqui a alguns anos, por sorte, ninguém mais se lembrará de nós.

Claro que ser identificado como único opositor do Brasil me envaidece. Claro também que não é bom para o país. A identidade cultural brasileira não se baseou em idéias, mas em um ou dois acordes de violão. A falta de idéias não criou o hábito da contraposição, da reivindicação, da argumentação. Quem não está acostumado a argumentar é facilmente enganado. Por isso o Brasil não funciona. Porque a gente forma espontaneamente majorias bovinas de 96%. Cultura não é rebolar na rua. Cultura é reclamar, achincalhar, protestar, caluniar. Lamento muito que meu nome

seja usado para ofender os mais inconformados. Se alguém o chamar de Diogo Mainardi, porém, não se desespere. Eu já fui comparado até a Aracy de Almeida.

### **O irlandês ajudou (08-09-2004)**

*"Se não fosse por Horan, Vanderlei de Lima não só não teria ganho a medalha de ouro como teria chegado, pelos meus cálculos, em sétimo lugar. O incidente com Horan deu-lhe um gás a mais"*

Alguns leitores me acusaram de estar por trás de Cornelius Horan, o fanático religioso que, para anunciar o fim do mundo, interrompeu a marcha do maratonista brasileiro Vanderlei de Lima. Uma goiana disse que usei meus poderes vodus para assegurar a vitória do "carcamano que surrupiou o ouro". Um paraense disse que me irritei com o bom desempenho de nossos atletas e torci contra Vanderlei de Lima, que só não ganhou a maratona por causa daquele "maluco do Primeiro Mundo". Um rondoniense disse que Horan foi criado por minha imaginação. Um gaúcho disse que contratei o sujeito porque o Brasil estava ganhando medalhas demais. Um paranaense disse que Horan, na realidade, sou eu, de saioite, disposto a praticar qualquer indignidade para garantir a ultrapassagem do maratonista americano, porque minha meta é "derrubar o sonho dos brasileiros".

Primeiro: Horan está certo. O fim do mundo é mais importante que uma maratona. Arrependa-se. Os pecadores irão arder para sempre no fogo do inferno.

Segundo: se não fosse por Horan, Vanderlei de Lima não só não teria ganho a medalha de ouro como teria chegado, pelos meus cálculos, em sétimo lugar. Àquela altura da maratona, ele estava perdendo mais de vinte segundos por quilômetro. O incidente com Horan deu-lhe um gás a mais. O italiano que ganhou a maratona disse que, se tivesse acontecido com ele, simplesmente teria dado um safanão no intruso e seguido em frente.

Terceiro: os brasileiros são muito mais malucos que Horan. Sentem-se perseguidos pelo resto do mundo. Vêem maquinações dos países ricos em todos os seus fracassos. Acreditam que o episódio com Vanderlei de Lima só ocorreu porque a maratona estava sendo dominada por um brasileiro. Os vencedores das três últimas maratonas olímpicas foram um coreano, um sul-africano e um etíope. Ou seja, só atletas de países pobres. Nesta semana, Lula alimentou a paranóia nacional com mais uma teoria conspiratória. Disse que os países ricos, reunidos no G7, decidiram criar o G8 somente depois que o Brasil perdeu a condição de oitava

economia do mundo, porque não podiam aceitar um país latino-americano entre os mais desenvolvidos. A declaração de Lula é uma mistura de delírio e ignorância. Os países ricos ampliaram o G7 para incluir a Rússia, que não é a oitava economia do mundo, mas uma superpotência nuclear. Além disso, o Brasil foi a oitava economia do mundo por umas poucas semanas em 1997, graças à moeda inflada artificialmente. A renda per capita, na época, era de mais de 4.700 dólares. Agora voltou à miséria bem mais realista de 2.700. Os brasileiros são doentes. Precisam se tratar.

Quarto: estou me lixando para as medalhas do Brasil. Eu queria apenas poupar seu dinheiro. Reclamei da enormidade que o governo gastou em propaganda ufanista durante o período olímpico, para abocanhar seu voto. O governo ganhou. Eu perdi. Você aí, no Pará, enrolado na bandeira, com a mão no peito, também perdeu. Não sei se o fim do mundo está chegando. Mas o fim do Brasil já chegou.

#### **Meus queridos leitores (14-04-2004)**

*"O capitão Ronaldo Santoro respondeu à minha tentativa de desqualificar o programa nuclear brasileiro. Assim como o Washington Post, ele acredita que o Brasil sabe enriquecer urânio. Bobagem. A gente só sabe enriquecer político ladrão"*

Vik Muniz é um dos mais bem-sucedidos artistas plásticos brasileiros. Tempos atrás, em cartinha a VEJA, ele comparou minha coluna à imagem da Virgem Maria e o menino Jesus. Agradeço muito. Eu só gostaria de notar, Vik, que cartesiano é com "s".

Outro correspondente que merece uma resposta, mesmo que atrasada, é o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Amido de Mandioca (Abpam). Ele defendeu a coragem e o patriotismo do ministro Aldo Rebelo, que apresentou um projeto de lei determinando o acréscimo de amido de mandioca ao pão francês. O presidente da Abpam garantiu que a mandioca é um "tubérculo de grande valor". E que o amido de mandioca é "um produto nobre, matéria-prima para a fabricação de papelão, tecidos e cosméticos". Peço desculpas aos associados da Abpam se eles se sentiram diminuídos. O propósito do meu artigo era apenas denunciar a jequice e a inaptidão dos mais altos representantes do governo Lula. Em nenhum momento pretendi sugerir que houvesse algo de errado em comer papelão, tecidos e cosméticos.

Adriano Diogo é secretário do Meio Ambiente de Marta Suplicy. Ele negou que a fonte do Ibirapuera, a principal obra da prefeitura petista, tenha sido instalada num lago cheio de coliformes fecais. Chamou-me de leviano. Assegurou que a balneabilidade do lago é "igual ou superior à de muitas praias do litoral brasileiro". E afirmou que a água do lago "não é potável apenas porque para isso seria necessário acrescentar cloro". Proponho o seguinte, Adriano Diogo: eu recolho um copo de água do lago, pingo duas gotinhas de cloro e você toma tudo num gole só.

Volnei Garrafa é o presidente da Sociedade Brasileira de Bioética, indicado pelo ministro da Saúde, Humberto Costa. Ele não aprovou meu artigo sobre o aborto. Disse que "há tempo não se lia algo tão ruim sobre o assunto". Para ele, demonstrei "ignorância com relação ao tema". E despejei "fogo amigo sobre aqueles que lutam pela descriminalização do aborto no país". Em primeiro lugar, professor Garrafa, não sou seu amigo. Em segundo lugar, não defendi a descriminalização do aborto, e sim a legalização. Em terceiro lugar, é "descriminalização", não "discriminalização". Qual a classificação da Universidade de Brasília no último Provão?

Olívio Dutra escreveu-me que, quando era governador do Rio Grande do Sul, deu todo o apoio à abertura de uma CPI do jogo do bicho. Agora que é ministro, mudou de idéia, sendo contrário à CPI do bingo. O que mais surpreende nos petistas é que eles ainda não perceberam que, independentemente da CPI, o governo Lula acabou. Em junho de 2003, previ que Lula seria desmascarado em dois anos. Durou ainda menos. Na época, tracei um paralelo entre Lula e Silvio Berlusconi, o primeiro-ministro italiano. Para impedir investigações contra suas empresas, Berlusconi sempre acusa o Ministério Público de ter motivações políticas. E uma de suas principais bandeiras é intensificar o controle externo sobre a Justiça.

O capitão-de-mar-e-guerra Ronaldo Santoro respondeu à minha tentativa de desqualificar o programa nuclear brasileiro. Assim como o *Washington Post*, ele acredita que o Brasil sabe enriquecer urânio. Bobagem. A gente só sabe enriquecer político ladrão.

### **Anexo 3: Cartas do leitor utilizadas na análise**

2- Jamais imaginei ler nas páginas de VEJA um artigo refletindo as opiniões arrogantes, rancorosas e desrespeitosas de um articulista contra a cidade de São Paulo e o povo paulistano. E o pior: ele próprio é um paulistano.

*Luiz Borges Barreto, São Paulo, SP (04-02-2004)*

3- Sou artista, professora e pesquisadora paulistana de música e dança popular. Tomo a voz por toda a classe de músicos paulistanos, pois estamos perplexos com a coluna do senhor Mainardi.

*Ana Rita Simonka, Por e-mail, [www.artesimbolo.com.br](http://www.artesimbolo.com.br) (04-02-2004)*

4- Ufa! Pensei que todos estavam cegos com esta "estória" de 450 anos. Fugi de São Paulo há dois anos e estou muito feliz no interior. Parabéns, Mainardi!

*Carla Patricia Picolo Pujol, Por e-mail (04-02-2004)*

5- Assim como o senhor Mainardi já o fez um dia, moro fora do país. Mas, ao contrário desse senhor amargo, adoro ser brasileira e me orgulho de nossa cultura, inclusive a musical. O discurso de Diogo Mainardi é um insulto à inteligência. Desinformação por desinformação, prefiro uma folha em branco.

*Ana Carolina Videira, Viena, Áustria (04-02-2004)*

43- Senhor Diogo Mainardi, acompanho há já algum tempo sua coluna e nestes meus tempos de França eu a aprecio ainda mais. Bem, nesta primeira vez que me manifesto é só para me contrapor ao que foi dito em sua última coluna. Sentir-me-ei honrado no dia em que for chamado de diogomainardista, uma vez que a meu ver o trabalho que o senhor presta ao Brasil e à ética é sem precedentes ("O diogomainardismo", 16 de junho).

*Mario Faleiros da Silveira - Paris, França (23-06-2004)*

44- Adorei o artigo sobre o "diogomainardismo". Não se preocupe, Diogo, estou contigo e tenho a certeza de que seus fiéis leitores também.

*Dalva Hofstatter - Houston, Texas, EUA (23-06-2004)*

45- Meu apelido na escola é "Diogo Mainardi"; me glorifico por isso. Ser chamado pelo nome do crítico mais ácido do Brasil não influencia meu cotidiano. Não recebo pedrada por isso. Sou um cidadão comum e não sofro discriminação por viver nos ideais do "diogomainardismo". Nunca ouvi elogios por causa do meu apelido, mas certamente todos que criticam gostariam de ser um pouco Diogo Mainardi.

*Daniel Polcaro Pereira, 16 anos, Piumhi, MG (23-06-2004)*

60- Agradeço a Diogo. A seu modo tenta mostrar que precisamos ser mais realistas e acabar de vez com esse ufanismo vira-lata. O Brasil é um país satélite, e precisamos encarar os fatos: medalhas em Olimpíadas não vão melhorar nosso IDH, e, no fundo, são um fraco paliativo para nossa baixa auto-estima. Futebol e Carnaval são cachaça para um povo pobre que não aprendeu sobre seu passado, não compreende o presente e não imagina seu futuro ("O irlandês ajudou", 8 de setembro).

*José Gurgel, Natal, RN*

61- É verdade que somos ufanistas exagerados, mas há que aplaudir qualquer feito de um atleta olímpico brasileiro, mesmo que chegue em último. Os aplausos servem para estimular outros atletas, que precisam se superar para lutar contra a falta de apoio público e privado.

*Arthur Dazzani, Salvador, BA*

62- Só mesmo quem nunca experimentou ou mesmo simplesmente observou os rigores dos treinamentos da prova seria capaz de escrever o que escreveu. Uma pequena interrupção no ritmo respiratório é difícil de ser recuperada, e a situação de Vanderlei foi agravada pelo impacto da surpresa hostil. Impossível afirmar que ele venceria a prova, mas é possível dizer que Vanderlei foi realmente um super-homem e sobretudo grandioso em sua humildade.

*Roberto Pereira de Souza, Rio de Janeiro, RJ*

28- A Sociedade Brasileira de Bioética (SBB) é uma entidade científica da sociedade civil; seus dirigentes são eleitos estatutariamente pelos pares acadêmicos. A menção ao fato de o ministro Humberto Costa (que nem sequer conheço pessoalmente) ter me nomeado presidente da SBB mostra a completa desinformação do jornalista ("Meus queridos leitores", 14 de abril). Eu me referi a "fogo amigo" pois seu artigo, que pretendia defender o aborto, tornou-se uma peça (fraca e de mau gosto, felizmente) de apoio para aqueles que o combatem. Em tempo: nas carreiras nas quais tenho atuação profissional (odontologia, nutrição,

farmácia...), me parece que a UnB ficou com nota "A" no Provão; sobre as demais, não tenho informações. Mas, de modo geral, a UnB tem se saído bem nos Provões.

*Volnei Garrafa*, Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética da UnB, Brasília, DF